

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO



Tese de Doutorado

Quem é o cientista?

Do estatuto científico da Linguística Teórica e da Linguística Aplicada

Bianca Alves Lehmann

Pelotas, janeiro de 2019.

BIANCA ALVES LEHMANN

Quem é o cientista?

Do estatuto científico da Linguística Teórica e da Linguística Aplicada

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas – PPGE/UFPel, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jarbas Santos Vieira

Pelotas, janeiro de 2019.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L523q Lehmann, Bianca Alves

Quem é o cientista? : do Estatuto Científico da Linguística Teórica e da Linguística Aplicada / Bianca Alves Lehmann ; Jarbas Santos Vieira, orientador. — Pelotas, 2019.

110 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Ciência. 2. Estatuto Científico. 3. Linguística teórica. 4. Linguística aplicada. 5. Educação. I. Vieira, Jarbas Santos, orient. II. Título.

CDD : 370.7

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

BIANCA ALVES LEHMANN

Quem é o cientista?

Do estatuto científico da Linguística Teórica e da Linguística Aplicada

Tese aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do título de Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – PPGE/UFPeI.

Pelotas, 31 de janeiro de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jarbas Santos Vieira – Orientador/Presidente da Banca (PPGE/UFPeI)

Prof.^a Dr.^a Ana Ruth Moresco Miranda – Membro da banca (PPGE/UFPeI)

Prof.^a Dr.^a Carolina Knack – Membro da banca (PPG-Letras/FURG)

Prof.^a Dr.^a Marta Nörnberg – Membro da banca (PPGE/UFPeI)

Prof.^a Dr.^a Paula Corrêa Henning – Membro da banca (PPGEC/FURG)

*Dedico o estudo e a pesquisa desta tese às
pessoas que foram o meu primeiro exemplo
de educadores, para além de escolas ou
universidade, meus mestres da vida.
Aos meus pais, Otto e Daura.*

AGRADECIMENTOS

É necessário que eu agradeça... Não estive sozinha durante a realização desta pesquisa. É um agradecimento em relação a uma determinada época, a esses últimos quatro anos, e especialmente em relação à construção deste estudo. Pretendo agradecer a tod@s pessoalmente, mas, mesmo assim, quero que a minha gratidão fique registrada nessas páginas.

Ao Jarbas, evidentemente. Com muito carinho e respeito e imensa admiração, não somente por ter sido o orientador deste desafio, mas por, sobretudo, ter sido (e ser!) um ser humano inefável. Muitas pessoas são docentes, muitas outras são orientadoras, mas poucas, que eu conheço e/ou já tive contato, são docentes-orientadoras-humanas. Indubitavelmente, agradeço a confiança depositada em mim e nesta pesquisa, o interesse pelo tema, as leituras compartilhadas, as discussões sobre temas e autores diversos, as orientações sempre esclarecedoras. Sobretudo obrigada, e muito obrigada, pela grande compreensão que tiveste comigo e pelo imensurável respeito com que lidaste com as minhas pausas e as minhas ausências, seja em virtude do tempo em que eu estive trabalhando seja pela ansiedade/síndrome do pânico que afloraram no meio desse caminho. Obrigada por me mostrares, com o teu exemplo, como é ser um docente preocupado, acima de tudo, com as pessoas que habitam dentro dos corpos discentes – muitas vezes, infelizmente, invisíveis perante os prazos e os regimentos. Agradeço, já nem sei a quem, pelo privilégio de ter compartilhado contigo esses quatro anos de muito aprendizado e de muita reflexão. Obrigada sempre e muito!

Ao José, um encontro precioso proporcionado pelo doutorado. Obrigada pelo grande e incansável incentivo, por meio das leituras atentas, das conversas *em* e *com* cafés, dos inúmeros livros que emprestaste e que compuseram o referencial desta pesquisa. Foste a primeira pessoa *de fora* que entendeu o tema e o objetivo desta tese e que sempre se mostrou disposta e motivada a dialogar sobre ela, com valiosas contribuições. Sem contar as conversas extra-pesquisa, empréstimos de livros e de dvd's sobre outros temas e fascinações que temos em comum. Como diz o Jarbas, a vida é feita de bons e maus encontros. O nosso, tenho certeza de que foi um excelente. E é!

Ao querido amigo Nati, vulgo Natanael, que, em mais essa empreitada, colaborou com discussões e reflexões via conversas – agora – no WhatsApp. Talvez muitos dos papos não fossem claramente em relação à pesquisa, mas dali muitas ideias surgiram, muitos pensamentos e *estalos filosóficos* emergiram. Aliás, preciso mencionar que a epígrafe da minha dissertação, que foi o ponto de partida para esta tese, foi apresentada a mim por ele. Preciso agradecer, também, pela compreensão em relação aos grandes *vácuos* e a ausência de respostas em alguns momentos. *Sacomé, né?* Em extensão, e com o mesmo carinho, à Rê, que muito provavelmente esteve *por dentro* da minha pesquisa e se fez presente eternizando e registrando o momento de acalorados debates, a defesa. Muitíssimo obrigada!

Meu amigo, mais irmão do que amigo, alÊ, Alejandro. Mesmo longe fisicamente, sempre aqui perto de mim. Obrigada, meu bem, por todas as risadas, mesmo que elas sempre me deixem com dores ou nas bochechas ou na barriga. Como elas foram, e são, necessárias... *Meu* tradutor oficial presente em mais essa etapa da minha vida (pós)acadêmica. Além de tudo e por tudo, devo mencionar a magnífica acolhida que tive, de ti e do Rafa, nos momentos finais da escrita deste texto. Vocês proporcionaram dias agradabilíssimos e de verdadeiro descanso mental em meio à função de escrita/defesa. Como foi importante! Obrigada, meus queridos!

À Paula, Paulita amiga de toda hora. Mesmo entre as correrias diárias, conseguiste tempo de ler este texto na íntegra e auxiliar com revisão e comentários. Estiveste presente, literalmente, do início ao fim dessa jornada: desde ter me dado a notícia que eu havia sido aprovada, passando por estares comigo no dia da matrícula, até a defesa. Obrigada e muito! Que continuemos regando a nossa horta e alimentando os bons momentos.

À Fernanda, pessoa mais do que especial e que foi essencial nesses últimos dois anos. A ela, eu dedico as minhas vitórias diárias, o meu (re)encontro comigo mesma. Que sorte eu tive de te encontrar em um momento tão difícil e desafiador: término de contrato, metade do doutorado e ascensão da ansiedade que, aliás, graças a ti, está sob controle. Mais aconchegante do que a tua poltrona-quase-divã, as tuas palavras carinhosas de incentivo e de força. Gratidão!

Ao Rodrigo, pela companhia em mais essa etapa. Além disso, e muito importante, obrigada por ter sido o responsável pelas cópias impressas, que só chegaram às mãos da banca graças a ti. Talvez sem o teu querer explícito, foste, pra mim, o contraponto tão significativo e motivador para a escrita dessas páginas.

Provavelmente, mesmo com a jornada que trilhei, as minhas inquietações seriam diferentes sem a tua presença desde o início dessa vida acadêmica.

Ao professor, grande mestre, Attico Chassot, participante da banca de qualificação desta tese, pela leitura cuidadosa e pela gentileza nas palavras.

Às professoras componentes da banca de qualificação e defesa final, Ana Ruth Miranda, Carolina Knack, Marta Nörnberg e Paula Henning pelas trocas, pelo debate, pela possibilidade de ampliar horizontes. E assim fazemos ciência, dialogando e permitindo novos olhares. Agradeço pelas leituras realizadas e pelas contribuições em meu auxílio.

Ao PPGE, programa de qualidade, com excelentes professores e profissionais, por ter acolhido a minha proposta de tese e, assim, ter proporcionado o meu crescimento profissional a partir do contato com novos olhares. Às Anas, secretárias do PPGE quando do meu ingresso, e aos secretários, agora no final do curso, pela atenção de sempre.

À Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos, que permitiu que eu me dedicasse exclusivamente à tese nesses dois últimos anos.

E, por mais estranho que possa parecer, tenho um agradecimento especial a todos aqueles que, em algum momento, por diferentes motivos, se referiram a mim ou às práticas acadêmicas que exerço – ou, ainda, às Ciências Humanas de maneira geral, como sendo *não-ciência*, como não pertencente à ciência com C maiúsculo. Não era/é uma *brincadeira*, uma piada que se faz em memes das redes sociais... Esta tese pode auxiliar a compreender como as construções têm significados e como esses significados se constituem como verdades. De qualquer modo, obrigada! Não fossem esses discursos, talvez a problemática fosse outra e os meus questionamentos não fossem os mesmos.



*Sólo le pido a Dios
Que el futuro no me sea indiferente
Desahuciado está el que tiene que marchar
A vivir una cultura diferente
(GIECO, 1978).*



RESUMO

LEHMANN, Bianca Alves. *Quem é o cientista?* Do estatuto científico da Linguística Teórica e da Linguística Aplicada. 2019. 110f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

Esta tese estabelece como fundamento analisar o que textos da área de Letras dizem sobre o estatuto científico da Linguística Teórica (LT) e da Linguística Aplicada (LA) e, ao dizerem, produzem como significados. Objetiva, de maneira geral, problematizar as definições e conceitos atribuídos à LT e à LA tendo como princípio as compreensões acerca do estatuto científico de cada campo de estudo. A partir disso, objetiva especificamente evidenciar discursos que produzem significados e verdades sobre os três pilares discutidos (ciência, LT e LA) e apresentar como essas produções de sentido se manifestam nos textos da área constituindo verdades. As premissas que guiam a analítica são: os significados atribuídos às *coisas* se dão por meio dos discursos que as constituem; e esses discursos socialmente construídos, especialmente aqueles relativos à ciência, contribuem para que as áreas de investigação atuem de acordo com determinadas construções sociais que abalizam determinadas compreensões de produzir conhecimento em detrimento de outras. Os objetos da pesquisa, que estabelecem tais conceituações, são textos da área de Letras – livros, manuais e artigos – que falam de e para linguistas e evidenciam que linguistas aplicados afastam-se de ideias totalizantes que enquadram a LA como à serviço ou dependente da LT, pressupostos esses presentes nos objetos analisados. A metodologia intenta averiguar as práticas discursivas que contribuem para a normalização de conceitos e refletir sobre de que maneira os usos da linguagem resultam em implicações sociais. Autores como Michel Foucault e Bruno Latour contribuíram para a discussão teórico-metodológica a partir das ferramentas sobre análise de discurso, relações de poder-saber e análise da atividade científica entendida como produção da ciência. Embora seja uma análise que se debruça sobre a realidade empírica, esta tese tem o caráter de pesquisa documental de investigação temática, uma vez que se baseia na indagação e organização e consequente análise e interpretação de dados a respeito do tema escolhido para a pesquisa. Esta tese estabelece-se, portanto, como um estudo de natureza contrastiva não histórica, mas conceitual.

Palavras-Chave: Ciência; Estatuto Científico; Linguística Teórica; Linguística Aplicada; Educação.

ABSTRACT

LEHMANN, Bianca Alves. *Who is the scientist?* The scientific status of Theoretical Linguistics and Applied Linguistics. 2019. 110f. Thesis (Doctoral in Education) – Graduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Pelotas. Pelotas, 2019.

This thesis establishes as a foundation to analyze what linguistics texts say about the scientific status of Theoretical Linguistics (LT) and Applied Linguistics (LA) and what they produce as meanings. It aims, in a general way, to problematize the definitions and concepts attributed to the LT and the LA taking as a principle the understandings about the scientific status of each field of study. From this, it intends specifically to highlight discourses that produce meanings and truths about the three pillars discussed (science, LT and LA) and present how these productions of meaning are manifested in the texts of the area constituting truths. The premises that guide analytics are: the meanings attributed to *things* are given through the discourses that constitute them; and these socially constructed discourses, especially those related to science, contribute for the research areas to act according to certain social constructions that add to particular understandings of producing knowledge in detriment of others. The objects of the research, which establish such conceptualizations, are texts from the area of linguistics that speak to and for linguists and show that applied linguists deviate from totalizing ideas that frame LA as service or dependent on LT, which assumptions are present in the analyzed objects. The methodology aims to ascertain the discursive practices that contribute to the standardization of concepts and to reflect on how the uses of language result in social implications. Authors such as Michel Foucault and Bruno Latour contributed to the theoretical-methodological discussion from the tools on discourse analysis, power-knowledge relations and analysis of scientific activity understood as the production of science. Although this is an empirical analysis, this thesis has the character of documentary analysis of thematic research, since it is based on the inquiry and organization and consequent study and interpretation of data regarding the theme chosen for the research. This thesis therefore is established as a non-historical, but conceptual, contrastive study.

Key-words: Science; Scientific Status; Theoretical Linguistics; Applied Linguistics, Education.

RESUMEN

LEHMANN, Bianca Alves. *¿Quién es el científico?* Del estatuto científico de la Lingüística Teórica y de la Lingüística Aplicada. 2019. 110f. Tesis (Doctorado en Educación) – Programa de Postgrado en Educación, Facultad de Educación, Universidad Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

Esta tesis establece como fundamento analizar lo qué textos del área de Letras dicen sobre el estatuto científico de la Lingüística Teórica (LT) y de la Lingüística Aplicada (LA) y, al decir producen como significados. Objetiva, de manera general, problematizar las definiciones y conceptos atribuidos a la LT y a la LA teniendo como principio las comprensiones acerca del estatuto científico de cada campo de estudio. A partir de eso, objetiva específicamente evidenciar discursos que producen significados y verdades sobre los tres pilares discutidos (ciencia, LT y LA) y presentar cómo esas producciones de sentido se manifiestan en los textos del área constituyendo verdades. Las premisas que guían la analítica son: los significados atribuidos a las cosas se dan por medio de los discursos que las constituyen; y esos discursos socialmente construidos, especialmente aquellos relativos a la ciencia, contribuyen a que las áreas de investigación actúen de acuerdo con determinadas construcciones sociales que abalizan ciertas comprensiones de producir conocimiento en detrimento de otras. Los objetos de la investigación, que establecen tales concepciones, son textos del área de Letras que hablan de y para lingüistas y evidencian que lingüistas aplicados se alejan de ideas totalizantes que enmarcamos a LA como al servicio o dependiente LT, presupuestos presentes en los objetos analizados. La metodología intenta averiguar las prácticas discursivas que contribuyen a la normalización de conceptos y reflexionar sobre de qué manera los usos del lenguaje resultan en implicaciones sociales. Los autores como Michel Foucault y Bruno Latour contribuyeron a la discusión teórico-metodológica a partir de las herramientas sobre análisis de discurso, relaciones de poder-saber y análisis de la actividad científica entendida como producción de la ciencia. Aunque es un análisis que se centra en la realidad empírica, esta tesis tiene el carácter de investigación documental de averiguación temática, ya que se basa en la indagación y organización y consecuente análisis e interpretación de datos acerca del tema escogido para la investigación. Esta tesis se establece, por lo tanto, como un estudio de naturaleza contrastiva no histórica, pero conceptual.

Palabras Clave: Ciencia; Estado Científico; Lingüística Teórica; Lingüística Aplicada; Educación.

SUMÁRIO

PRELÚDIO	13
CAPÍTULO 1	19
E AQUILO QUE NESSE MOMENTO SE REVELARÁ AOS POVOS / SURPREENDERÁ A TODOS NÃO POR SER EXÓTICO / MAS PELO FATO DE PODER TER SEMPRE ESTADO OCULTO / QUANDO TERÁ SIDO O ÓBVIO	19
CAPÍTULO 2	28
E MEU DELÍRIO / É A EXPERIÊNCIA / COM COISAS REAIS	28
CAPÍTULO 3	44
MINHA CASA NÃO É MINHA / E NEM É MEU ESTE LUGAR / ESTOU SÓ E NÃO RESISTO / MUITO TENHO PRA FALAR	44
3.1 MINHA HISTÓRIA E ESSE NOME QUE AINDA HOJE CARREGO COMIGO	46
3.2 VOU COLECIONAR MAIS UM SONETO / OUTRO RETRATO EM BRANCO E PRETO ...	54
CAPÍTULO 4	80
TRAGO A MINHA BANDA / SÓ QUEM SABE ONDE É LUANDA / SABERÁ LHE DAR VALOR / DAR VALOR / VALE QUANTO PESA / PRA QUEM PREZA O LOUCO BUMBUM DO TAMBOR / DO TAMBOR	80
EPÍLOGO.....	95
AINDA É CEDO, AMOR / MAL COMEÇASTE A CONHECER A VIDA / JÁ ANUNCIAS A HORA DE PARTIDA.....	95
PÓS-ESCRITO	98
QUANDO NASCI VEIO UM ANJO SAFADO / O CHATO DUM QUERUBIM / E DECRETOU QUE EU TAVA PREDESTINADO / A SER ERRADO ASSIM / JÁ DE SAÍDA A MINHA ESTRADA ENTORTOU / MAS VOU ATÉ O FIM	99
REFERÊNCIAS	105

PRELÚDIO

Preciso, ao dar início a este texto, convidar meus/minhas interlocutores/as: vamos, pelo menos por este momento, para a leitura desta tese, nos despir das certezas absolutas, das amarras das verdades incontestáveis. Não vamos, às cegas e de antemão, acreditar nas normas e concebê-las como a representação da verdade. Meu propósito, com esse pedido, é alertar o/a leitor/a desavisado/a ou desconhecedor/a da teoria de Michel Foucault sobre discurso – teoria esta que baliza este estudo. É necessário questionar e ter o pensamento *fora da caixa* para entender novos aportes, novos horizontes, novas teorias... Será possível perceber, durante a leitura, os movimentos que faço para, a cada definição, intercalar um questionamento. O objetivo é pensarmos e refletirmos sobre práticas, verdades, definições, discursos, conceituações; refletir como tomamos essas conceituações como verdades enquanto elas estão sendo construídas e estão constituindo novos dizeres. Pensar e refletir sobre de que maneira as coisas são como são, e não afirmarmos ou refutarmos que elas são ou não. Trata-se de entender e de problematizar o que os discursos, quando associados a outros, constituem como verdade, e não questionar a veracidade dos discursos – há uma ampla diferença nesses sentidos. Com esta pesquisa, não indagarei se o que é dito sobre ciência, LT e LA é verdade ou não, tampouco questiono o que é dito. De acordo com a analítica que proponho, a indagação converge para a seguinte questão: por que foram construídos certos dizeres, e não outros? Esses dizeres foram produzidos em determinadas épocas e associados a outros e, por esse motivo, devemos questioná-los e problematizá-los. Parece confuso, parece prolixo, mas posso afirmar que não é. Basta, para tanto, estar disposto/a a pensar de outra forma e permitir novos olhares. É um grande desacomodar-se. Convido, portanto, a pensarmos dessa maneira e, assim, *fazermos barulho* com e para as linguísticas.

Ademais, ainda neste início, sinto a necessidade de voltar um pouco no tempo e relatar alguns fatos que, talvez, explicitem a minha motivação com esta (e para esta) tese. “Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas a mim um passarinho contou que somos feitos de histórias”. Essa frase de Eduardo Galeano¹

¹ GALEANO, Eduardo. *Os filhos dos dias*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

foi a epígrafe da dissertação que defendi no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na área de Estudos da Linguagem. À época, propus analisar textos orais de acadêmicos e discutir sobre as posições de sujeito ocupadas em sala de aula², sobre o processo de (re)construção de identidades, em um momento em que os alunos eram convocados a falar. Uma das bases teóricas utilizada para tal estudo, a Linguística Aplicada Transdisciplinar (doravante LAT), entende que linguagem é constituidora de identidades, de significados e, dessa forma, apresentar um excerto que diz que somos feitos de histórias foi muito profícuo.

Ainda rememorando a escrita (e aprendizado a partir) da dissertação, em um trecho da conclusão mencionei que, durante o processo de produção textual, não poucas foram as vezes em que abstraí o raciocínio da pesquisa e fiquei divagando porquê eu nunca antes havia estudado sobre a LAT e nenhum(a) dos textos estudados ou das teorias discutidas sequer fazia menção à LAT nas aulas de *Linguística Aplicada e Ensino da Língua Portuguesa*³. Perguntei a mim mesma por que, mesmo após duas graduações em Letras, na licenciatura e no bacharelado em Redação e Revisão de Textos, por não ter pesquisado além do que era visto em sala de aula, eu não sabia da existência de uma Linguística Aplicada (LA) que estuda para além das fronteiras disciplinares convencionais e que considera a linguagem para além daqueles conceitos que eu já conhecia, conceitos estes propostos pela Linguística Geral, muito presente no currículo do curso.

Meu contato mais íntimo com a LA deu-se em dois momentos: durante os dois anos de mestrado – mais precisamente com a Linguística Aplicada

² LEHMANN, Bianca Alves. *As aulas de oratória: um espaço de formação e de construção identitária*. 2015. 108f. Dissertação (Mestrado em Letras – Área Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015.

³ Disciplina obrigatória, no terceiro semestre, para os cursos de Licenciatura em Letras da UFPel e, conforme Projeto Pedagógico (PP), pertencente ao eixo IV – Eixo da Formação Pedagógica em Língua Portuguesa e Literatura — LPLIT. Ainda de acordo com o PP do curso, os objetivo(s) geral(ais) são: “oportunizar ao aluno o contato com diferentes abordagens teóricas no âmbito da Linguística Aplicada, a fim de que possa compreender as contribuições delas advindas para o ensino da língua materna; e refletir sobre a linguagem como um dos maiores instrumentos de ação social, formador de consciência do mundo cultural”. Dentre os objetivos específicos, destaco: “apreciar criticamente o papel do professor de português no sistema educacional brasileiro contemporâneo; e examinar criticamente os recursos didáticos que a indústria editorial proporciona”. Já em relação ao programa, chamo a atenção para: “a elaboração e a seleção e a utilização de materiais para a formulação de programas de língua portuguesa; o ensino de português e as novas tecnologias; a avaliação dos resultados do trabalho em sala de aula”. Disponível em: <https://goo.gl/jpLLEV> páginas 56 e 57. Acesso em: fev., 2019.

trans/inter/pluri/indisciplinar – e em 2016 quando, enquanto professora substituta da UNIPAMPA/Campus Jaguarão, ministrei o componente *Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa I*⁴. Neste último momento, contudo, percebi que o conhecimento construído durante o mestrado não seria tão crucial e/ou efetivo, já que essa disciplina não abordaria, de acordo com o plano de ensino prévio constante no Projeto Pedagógico do Curso, nenhum aspecto voltado à LAT (ou à Linguística inter/pluri/indisciplinar⁵). Assim como em minha formação, outros vieses da Linguística, especialmente da Aplicada, foram desconsiderados, uma vez que apenas as concepções mais *tradicionais* deveriam ser discutidas e estudadas. Em mais esse momento, questioneei o porquê dessas escolhas e o quê as motivaram.

Outro questionamento, mais antigo, inclusive, estava em paralelo e cada vez mais imbricado àqueles, no meu pensamento sempre em busca da discussão sobre os porquês: a grande área de Letras, Linguística e Artes não é considerada ciência – foi o discurso que ouvi desde a minha escolha para o extinto vestibular até todos os anos seguintes de minha formação acadêmica, incluindo a pós-graduação. E o que é a Linguística senão a ciência que estuda a linguagem? E o que é ciência, então, para afirmar que Letras e Linguística e, mais uma vez, especialmente a LA(T), ocupam esse *ser ou não ser* – eis a questão –? Dúvidas que surgiam e, com elas, mais questionamentos e interrogações. Com o passar do tempo, de estudo, de planejamento de aulas e de coleta de material, comecei a perceber uma relação entre *o que se diz* sobre e *o que se entende* por ciência e os conceitos propostos para a Linguística, enquanto área macro, e suas ramificações (MARTIN, 2003). Relação essa que, de certa forma, coloca vertentes da Linguística em detrimento de

⁴ Disciplina obrigatória, no sexto semestre, para o curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e respectivas Literaturas da UNIPAMPA/Campus Jaguarão e cuja ementa, de acordo com o Projeto Pedagógico, é: “introdução à história e aos fundamentos da linguística aplicada. As relações que se estabelecem entre as teorias e as práticas de ensino da língua portuguesa, refletindo sobre o papel do professor nesse entremeio e suas possibilidades de trabalho”. Dentre os conteúdos, destaco: “tipos de ensino de língua materna: prescritivo, descritivo e produtivo; o professor de língua portuguesa: papel e atuação no contexto escolar e na sociedade globalizada; Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, LDB; proposta teórico-metodológica para o ensino da LM: Sociointeracionismo; os PCNs e a transposição didática; instrumentos de avaliação (SAEB, ENEM, ENADE, etc.)”. Disponível em: <https://goo.gl/RCzUey> página 52. Acesso em: fev., 2019.

⁵ A Linguística Aplicada Transdisciplinar, além de ser entendida como inter e pluridisciplinar, também é chamada de LA Indisciplinar, LA Crítica ou LA Transgressiva/Transgressora de acordo com diferentes teóricos – falo sobre isso no Capítulo 4. Neste trabalho, entretanto, utilizarei majoritariamente o termo LA Transdisciplinar (ou LAT), uma vez que, no meu entendimento, este expressa que o conhecimento estudado de acordo com essa perspectiva pode ser produzido para além das fronteiras disciplinares e tradicionais produzidas em ambientes em que ocorrem os processos de ensino-aprendizagem.

outras em virtude daquilo que se considera como pesquisa e atividade científica (OLIVEIRA,2007).

Inquieta com as questões relativas à linguagem, às produções, às (re)construções de significados, e tomada pelo senso questionador acerca dos sentidos dados no (e para o) mundo, utilizo, agora, a mesma frase de Galeano, contudo sob outra perspectiva – e como ponto de partida –, para questionarmos⁶: quem são esses cientistas que dizem que somos feitos de átomos? Ou, melhor, o que é considerado para que eles sejam o que (se diz que eles) são? Para proceder com esse questionamento, tomo como base a concepção foucaultiana de discurso entendendo-o como um monumento produtor de verdades e como um elemento presente em dispositivo(s) estratégico(s) de relações de poder. Para além disso, parto da ideia de que os discursos atuam de maneira a constituir o sujeito social e operam em esquemas classificatórios, sistemas esses que são produzidos e construídos, portanto, por meio da linguagem que exerce o papel de construir e de circular significados, uma vez que serve como um mecanismo que produz sentidos, usos e implicações sociais, políticas e econômicas.

De maneira mais clara, evidencio que, em minúcia, não vou responder as questões que proponho apontando as respostas adequadas, legítimas. Nesta tese, vou analisar discursos e analisar, em vista disso, a construção discursiva do social e manter sob questionamento que foram utilizadas e escolhidas determinadas formas de dizer e não outras. A problematização gira em torno de questionar os discursos que, associados a outros, constituem verdades e geram possibilidades de entendimento.

De acordo com Latour (2017, s/p), “o objetivo da ciência não é produzir verdades indiscutíveis, mas discutíveis. Nem as ciências naturais e exatas produzem verdades indiscutíveis. As ciências sociais realizam perfeitamente o trabalho de gerar verdades que possam ser discutidas”. Sinto que é necessário discutir sobre certas verdades e minha proposta, dessarte, é a de problematizar as conceituações atribuídas à Linguística Teórica (LT) e à Linguística Aplicada no que tange ao estatuto científico de cada campo de estudo. Pretendo, pois, tratar sobre as

⁶ Tenho conhecimento de que, em um texto acadêmico, deve-se manter o paralelismo sintático e escolher apenas uma forma de conjugação ao longo da escrita. Especificamente, neste caso, ou a primeira pessoa do singular ou a primeira pessoa do plural (*eu* – *nós*). Todavia, convido quem lê esta tese a refletir e a pensar comigo as questões que apresento e proponho e, portanto, peço licença para alternar os usos dessas duas formas de conjugação ao longo da escrita assim que eu julgar necessário.

compreensões em relação essas áreas de acordo com a concepção de pesquisadores do campo da Linguística. Trata-se, sobremaneira, de resgatar alguns discursos que construíram (e constroem) o campo da Linguística Aplicada para compreender como essa área se constitui e, conseqüentemente e em particular, como os linguistas aplicados se constituem dentro desse campo de conhecimento.

Tenho, portanto, duas premissas essenciais: a) os significados atribuídos às coisas se dão por meio dos discursos que as constituem; b) esses discursos socialmente construídos, especialmente aqueles relativos à ciência, fizeram/fazem com que essas áreas de investigação atuassem/atuem de acordo com determinadas construções sociais que abalizam determinadas compreensões de produzir conhecimento em detrimento de outras. Significa dizer que, para essa analítica, permanecerei no nível do discurso para verificar o que está sendo produzido e, assim, ressaltar a sua materialidade, ou seja, a produção dos efeitos de verdade. É evidente que a escolha dos textos e a maneira com que vou trabalhar com esse material já é, por si, uma maneira de impor significados. Contudo, o mapeamento discursivo realizado já faz ver o local em que poderes e saberes operam e trabalham.

Por considerar pertinente para a organização textual, anuncio a ordem capitular da tese. Aliás, aproveito o espaço para explicar como se deu a escolha para os títulos dos itens e subitens. Como provavelmente já foi visto no Sumário, tratam-se de frases diferentes dos títulos comumente vistos em textos da esfera acadêmica. Essas frases são trechos de músicas cuja escolha não foi em vão, uma vez que são excertos de letras, e também de melodias, que em mim atravessam, subjetivam, constituem significados. A maioria delas, ouvi pela primeira vez quando ainda criança, ao escutar o que os meus pais ou os meus irmãos ouviam no velho aparelho de som para vinil. Foi assim que cresci: ouvindo músicas com o ruído do LP (*long play*) cujas letras eram difíceis para o meu entendimento, mas fáceis de serem guardadas no meu pensamento. A música, desde então, faz parte e tem uma parte importante em minha vida e sempre a associo aos meus afazeres – sejam quais forem. Sendo assim, escolhi aquelas que, além de levarem a minha memória para alguns anos passados, e significativos, se relacionam, assim eu vejo (não é uma escolha neutra!), com o que vou abordar em cada Capítulo, que são quatro, quais sejam:

No Capítulo 1, evidencio o problema de pesquisa, bem como os objetivos geral e específicos. Teço esclarecimentos em relação à metodologia utilizada e, além disso, apresento os materiais que denomino como objeto de estudo e sintetizo como se deu a escolha destes para análise.

No Capítulo 2, dedico-me à escrita mais detalhada das ferramentas metodológicas das quais tomo emprestadas as noções de ciência/atividade científica (Latour) e de discurso (Foucault) para proceder com a problemática que proponho.

No Capítulo 3, apresento os dados selecionados alinhados ao referencial teórico-metodológico. Traço, portanto, o paralelo entre o objeto de estudo, as ferramentas metodológicas e a reflexão que sugiro. Neste Capítulo, há uma subdivisão em dois itens, quais sejam: no primeiro, apresento a minha leitura de um dos objetos de estudo e, no segundo, apresento os objetos de estudo tal como são nos originais – imagens e capturas de tela, portanto.

No Capítulo 4, dedico a escrita especialmente à LA(T) evidenciando autores que, aparentemente, por meio de seus textos, afastam-se das ideias totalizantes que enquadram a LA como à serviço ou dependente da LT.

Por fim, não como capítulo, mas como item, encerro com as considerações finais e com a minha reflexão a respeito dos caminhos que foram trilhados para a escrita e produção desta tese.

CAPÍTULO 1

E AQUILO QUE NESSE MOMENTO SE REVELARÁ AOS POVOS / SURPREENDERÁ A TODOS NÃO
POR SER EXÓTICO / MAS PELO FATO DE PODER TER SEMPRE ESTADO OCULTO /
QUANDO TERÁ SIDO O ÓBVIO⁷

Conforme relatei na introdução deste texto, a minha curiosidade investigativa muito se dá em virtude das minhas bases empíricas, da experiência do⁸ ser discente, concomitantemente, em dois cursos distintos de Letras e, posteriormente, na pós-graduação em Letras; do ser pesquisadora, dentre outras atividades, ao dialogar com outros pesquisadores a respeito de resultados de pesquisa; do ser professora, mesmo que por tempo determinado, em uma instituição de ensino superior em um curso de Letras. Durante a minha trajetória (pós-)acadêmica, a *tríade* linguística, linguística aplicada e ciência sempre se fez muito presente e indo além, até mesmo em conversas informais em contextos fora do ambiente acadêmico. Todos os assuntos convergiam (e ainda convergem) para o ponto comum: é (ou não) ciência. Dada essa constante vivência, nada mais óbvio, para mim, do que estudar sobre esses três pilares, alinhados. Não se trata de uma revelação – embora creia que seja um *assunto exótico* e, quem sabe, oculto, em virtude das poucas pesquisas com o enfoque nessa relação –, e sim da apresentação daquilo que, para mim, nada mais é do que óbvio: pesquisar, estudar, falar e refletir sobre as relações entre LT, LA e ciência, relações essas que acompanham-me há tempos. As vivências foram e são significativas e auxiliaram a determinar o problema desta pesquisa e, ainda, motivaram as minhas escolhas em relação ao objeto de pesquisa e mais precisamente aos materiais e autores nos quais amparo esta tese.

⁷ VELOSO, Caetano. Um Índio. In: *Bicho* (Álbum). LP. Gravadora: Philips, 1977. Faixa um – LADO 2, 2'57". Ouça aqui: <https://goo.gl/uQDUq2>.

⁸ Por entender que há diferenças entre a experiência *de* ser e a experiência *do* ser, utilizo a contração não na forma neutra, pois compreendo, aqui, as minhas identidades não fixas, mas móveis, em determinados momentos e em múltiplos contextos que permitiram-me (des/re)construir o que é ser discente-pesquisadora-professora.

O problema da pesquisa, por conseguinte, situa-se na análise sobre o que textos da área de Letras dizem sobre o estatuto científico das Linguísticas, teórica e aplicada, e, ao dizerem, produzem como significados. Ressalto que utilizo a denominação linguística teórica para o arcabouço teórico geral, partindo de Saussure, já que trato de materiais introdutórios dessa disciplina. Portanto, é necessário chamar a atenção, quando refiro-me à LT, não englobo todas as vertentes da linguística em um único termo – ou seja, não separo em dois tomos, o que é e o que não é linguística aplicada. A utilização do termo LT nesta tese tem o objetivo de denominar o momento em que a linguística começou a ser entendida como ciência – o marco inaugural e introdutório – e de maneira alguma generalizar a vasta gama de estudos linguísticos.

Em vista disso, como objetivo geral, esta tese intenta problematizar as definições e conceitos atribuídos à Linguística Teórica e à Linguística Aplicada tendo como fundamento as compreensões acerca do estatuto científico de cada campo de estudo. Para atender o objetivo geral, amparo a problematização no questionamento sobre a ciência moderna e na concepção de ciência presente nos textos analisados e, além disso, discuto como são produzidos os discursos sobre LA e como os discursos produzem uma LA. Torna-se necessário esclarecer que o conceito de problematização será empregado nesta tese tal como pensado por Foucault e eu o entendo, dessa maneira, como a questão norteadora desta pesquisa. Revel (2011), em *Dicionário de Foucault*, expressa o sentido do termo não só a partir do gesto investigativo norteador que ele assume, como também em virtude da descoberta de problemas sem, no entanto, a tentativa de resolvê-los. Problematizar é olhar, neste caso, para os objetos da pesquisa com distanciamento e de forma desnaturalizada para que sejam desconstruídas as noções de verdadeiro e falso, de certo e errado. O distanciamento do olhar permite, também, fazer questionamentos em relação ao que é tido como verdade, ou seja, repensar a norma e entendê-la como criações de determinadas épocas, construídas a partir de diferentes conjunturas (VINCI, 2015).

Eis uma das árduas tarefas com a qual me deparei: o distanciamento temporal. É necessário que haja desprendimento para que se consiga observar os padrões não como normas, mas como verdades produzidas. Por estar imersa no meu objeto de estudo, questionar os textos que me formaram enquanto profissional foi e é bastante complexo. Contudo, a condição que me leva a realizar essa problematização é concordar que essas verdades – aquilo que se diz sobre LT, LA e

ciência – foram produzidas. Em outras e sucintas palavras, problematizar é enxergar para além daquilo que está calcado como norma ou como verdade *absoluta*.

Feita essa explicação, a partir do problema e do objetivo geral, os objetivos específicos se desdobram em: evidenciar discursos que produzem significados e verdades sobre os campos de estudo aqui analisados e, além disso, apresentar como essas produções de sentido se manifestam nos textos da área e constituem (um)a LA. Como mencionado na Nota 6 (p.15), ainda tenho a intenção de trazer à discussão questões que nos façam refletir, enquanto pesquisadores, sobre a potencialidade dos discursos, em especial aqueles da esfera acadêmico-científica, uma vez que instituições de ensino e os artefatos que nelas circulam são tomados como legítimos.

Tenho como foco a LA, e principalmente a LAT, pois é o campo teórico do qual tomo emprestadas, desde meu ingresso na pós-graduação, algumas noções teóricas e metodológicas para desenvolver pesquisa. Essa experiência tem proporcionado momentos de diálogo com outros pesquisadores da área de Letras (em congressos, por exemplo) que, por vezes, não entendem a proposta da LAT, já que esta possui um caráter *indisciplinar*, que explicarei melhor na sequência deste texto, e uma metodologia diferente daquela vista nas pesquisas com base em uma LA mais tradicional. Assim como em outras áreas e em outros campos de estudo, a Linguística é marcada, em alguns dos seus discursos, por regimes de verdade que classificam saberes, indicando qual conhecimento é mais válido, correto e, conseqüentemente, verdadeiro – da verdadeira pesquisa científica que define, dessa maneira, determinadas compreensões de produzir conhecimento em detrimento de outras. Essa categorização, que denomina a LT como sendo mais sólida, reconhece quem está autorizado a praticá-la. Dessa forma, outros campos, como o da LAT, que não assumem um caráter *mais rígido*, são entendidos como pertencentes a um estatuto menos científico.

Portanto, com esta tese, pretendo fazer uma relação entre os discursos da linguística teórica com os da ciência (aparentemente moderna) e, posteriormente, verificar como a LA e os linguistas aplicados se constituem nesse campo de conhecimento em que verdades sobre *ser* ciência, ser um estudo científico, são produzidas. Por entender que as verdades sobre o que é ciência e, conseqüentemente, um estudo científico, são fabricadas, e entender, também, que

os estatutos científicos tanto da LT quanto da LA estão estreitamente ligados a essas invenções, intento questionar e problematizar como esses discursos estão produzindo a LT e, mormente, a LA(T).

Entendo a ciência – e o que dela, e com ela, advém (ser cientista, ser um estudo científico) – não como constituída de objetividade, neutralidade, imparcialidade, segurança, rigidez e indiscutibilidade, pressupostos da ciência moderna que fixam, sobremaneira, uma identidade de um modelo hegemônico para o fazer ciência/ser cientista. Entendo-a como uma prática, permeada de interferências e de relações entre sujeito-objeto-sociedade, em que há produção de conhecimento com a finalidade de investigação de problemas e consequente questionamento e desnaturalização daquilo a que se propõe.

A metodologia desta pesquisa, por sua vez, intenta averiguar as recorrências discursivas, as práticas discursivas, que contribuem para a normalização de conceitos sobre LT e LA, uma vez que procura refletir sobre de que maneira os usos da linguagem resultam em implicações sociais. Dessa forma, significa dizer que a metodologia cumpre a função de problematizar a pesquisa enquanto uma contribuição de entendimento do mundo contemporâneo, bem como o entendimento das produções advindas das práticas discursivas apresentadas. É válido mencionar, portanto, que para esta pesquisa, assim como salienta Kumaravadivelu (2006, p.140), “analisar texto ou discurso significa analisar formações discursivas essencialmente políticas e ideológicas por natureza”.

O método utilizado, conforme apontado por Veiga-Neto (2009, p.84) sobre a teoria e método em Michel Foucault, pode ser entendido como “o caminho que nos leva a algum lugar, para uma abordagem, para um entendimento”. Em relação à contribuição desta tese, concordo com Rajagopalan (2006, p.158) que esclarece que “[...] a história do que se apresenta como dado de pesquisa adquire grande interesse: todo o processo de reunir, organizar e constituir uma base de dados já é produzir conhecimento; a produção de conhecimento já é conhecimento”. Desse modo, a pesquisa que culminou nesta tese também produz conhecimento, tendo em vista que guia para diferentes reflexões e problematizações acerca dos construtos da(s) linguística(s). A escolha pela utilização de um método não delimitadamente *fechado* vai ao encontro do entendimento que tenho em relação à pesquisa e ao rigor científico: atento para a possibilidade de pôr em questionamento, dentre outras

coisas, a natureza de métodos na pesquisa científica marcados por ideais cristalizados, entendidos como objetivos e neutros.

Entendo e denomino como objeto de estudo os originais de onde os excertos, que serão apresentados no Capítulo 3, foram extraídos. Dentre tantas obras (considerando compêndios, livros, artigos) que falam da(s) linguística(s) ou para linguistas, fiz um recorte considerando a minha base empírica e, também, as consultas realizadas durante o processo de organização metodológica da tese. Aqui, preciso fazer uma divisão para melhor explicar como se deu o critério de seleção desses objetos.

Tendo como princípio problematizar textos que discutem e/ou apresentam certas visões, e não outras, escolhi, metodologicamente, textos aos quais tive acesso, conforme mencionei na introdução, justamente por estes não abordarem outros vieses da Linguística, como a LAT, por exemplo. Portanto, as questões de análise que guiaram o processo de seleção foram:

- a) Este texto apresenta uma visão unívoca da Linguística? Ou apresenta a multiplicidade abrangente dos contornos da área?
- b) Neste texto, a LT e/ou LA é apresentada de forma disciplinarizada?
- c) No que se refere ao estatuto científico, este texto apresenta alguma visão que relacione LT e LA?

Dessa forma, recorri ao material da graduação que ainda disponho – pastas organizadas por semestres/disciplinas contendo textos, apostilas, exercícios e avaliações –, às minhas anotações de sala de aula e aos planos de ensino de disciplinas cursadas para, então, chegar a alguns textos – listagem de bibliografia. Estes são compilados dos chamados *clássicos* ou *cânone* da área, quero dizer, são artigos e livros enxutos, que fazem as vezes de resumos dos clássicos⁹.

Por outro lado, mas partindo do mesmo princípio, realizei consultas em banco de textos e artigos, como SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) para verificar e selecionar publicações mais recentes (publicações feitas após 2008, ano de meu ingresso na licenciatura) sobre o tema. Utilizei como descritores: *linguística*, *linguística aplicada*, *relação entre LT e LA* e *linguística e ciência*. Além disso,

⁹ Evidentemente, e agora retorno aos anos de graduação, a indicação de consulta era às obras fonte, ou seja, aos originais cujos autores são renomados e reconhecidos na área. Contudo, e na mesma medida, os materiais que, de fato, serviam de estudo para aulas/exercícios/provas eram os artigos e as traduções (não necessariamente tradução de língua estrangeira, mas sim resenhas e resumos), além dos compilados presentes na bibliografia recomendada.

também consultei revistas e periódicos consolidados da área, utilizando as mesmas palavras-chave. Para além de sítios específicos, fiz pesquisas em sites de buscas, como o *Google* e o *Google Acadêmico*, e utilizei, além dos descritores já mencionados, *tags*¹⁰ como: *estatuto científico linguística aplicada e linguística teórica*. Dessa maneira, para além de artigos acadêmicos (de diferentes periódicos e eventos), foram encontrados repositórios institucionais cujo acervo compreende manuais¹¹ de disciplinas (em grande maioria, disciplinas de Linguística Aplicada) de cursos de Letras, de diferentes habilitações, a distância e presenciais.

Após consulta e realizada a leitura dos textos, optei por selecionar aqueles que, além de enquadrarem-se nas questões de análise, manifestam uma determinada visão de ciência, porque elegem discutir e apresentar certas vertentes, e não outras; porque elegem apresentar certos conceitos de/para a(s) linguística(s), e não outros. Durante o processo de leitura e consequente aprofundamento teórico para balizar o objeto de estudo, percebi a recorrência de conceituações e de determinados termos que atribuem significados à área de linguística aplicada em detrimento à linguística teórica – especialmente no que diz respeito à relevância social e acadêmico-científica da linguística (OLIVEIRA, 2007). Sendo assim, quatro foram os textos escolhidos, os quais descrevo e identifico no Quadro 1.

Quadro 1 – Descrição dos objetos de estudo

TÍTULO ORIGINAL	AUTOR/A OU ORGANIZADOR(ES/AS)	DESCRIÇÃO	SERÁ DENOMINADO
História Concisa da Linguística	Weedwood (2002)	Livro única autora	LIVRO 1
Linguística	Pedrosa (2009)	Material disponível na rede (UFS)	MANUAL 1

¹⁰ Do inglês, significa etiqueta. Termo recorrente da linguagem da internet para referir-se às palavras que atuam, precisamente, como uma etiqueta, agrupando domínios que hospedem a mesma marcação, e auxiliam em mecanismos de busca, uma vez que facilitam, desse modo, o encontro de diferentes páginas organizados a partir da mesma classificação de metadados. Fonte: TecMundo. Disponível em: <https://goo.gl/AmvXus>. Acesso em jan., 2019.

¹¹ Esses materiais a que me refiro não têm uma nomenclatura específica. Opto por chamá-los de manuais, visto que são arquivos organizados pelos professores dos referidos cursos de Letras e operam como manuais, uma vez que possuem uma linguagem mais acessível e apresentam compilados de diferentes autores (diversas bibliografias) agrupados em um único arquivo/texto. Além da parte dedicada à teoria, esses manuais apresentam, ao final de cada capítulo, um resumo, como uma revisão do que foi visto no tópico, e exercícios sugeridos.

TÍTULO ORIGINAL	AUTOR/A OU ORGANIZADOR(ES/AS)	DESCRIÇÃO	SERÁ DENOMINADO
Manual de Linguística	Martelotta (Org., 2017)	Livro com 15 artigos de diferentes autores	COMPILADO 1
Introdução à Linguística Aplicada	Cerutti-Rizzatti; Koerich; Kuerten-Dellagnelo (2008)	Material disponível na rede (UFSC)	MANUAL 2

Observação: as referências completas das obras listadas encontram-se no item Referências.

Fonte: elaborado por mim.

Ressalto que foram selecionados excertos desses quatro textos, quero dizer que, portanto, estes não serão analisados na íntegra, e sim em trechos os quais abrangem as questões de análise da tese. No caso dos compilados, por exemplo, um artigo; no caso do livro, alguns capítulos e, quando dos manuais, alguns tópicos.

Ademais, é importante lembrar, para além dos clássicos, das produções e publicações das associações de Linguística e, também, das revistas qualificadas da área com alto teor de impacto. Estas também produzem e manifestam certas visões. Não recorri a elas por acreditar que as produções as quais os estudantes de Letras buscam e têm mais acesso são, ainda, os compilados, os artigos e os manuais – seja por uma questão de comodidade, praticidade ou, primariamente, de linguagem mais acessível para entendimento. Outrossim, os objetos escolhidos também estão presentes na bibliografia básica e/ou recomendada em ementas de disciplinas de Linguística de diferentes cursos de Letras de distintas instituições – ao final da apresentação de cada obra, faço essa indicação. Independentemente desse aspecto, também é importante evidenciar o pensamento que Foucault (2000, p.219) considera como o *a priori* histórico, ou seja, um princípio orientador que baliza esta pesquisa:

aquilo que, numa dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro.

De acordo com Foucault (2014), os discursos são controlados, escolhidos e ordenados. Uma das formas de controle se dá por intermédio de instituições

(sociedade, livros, laboratórios) que os instauram e/ou reproduzem com o objetivo de dominá-los e conduzi-los para estabelecer uma verdade. Sendo assim, prezo, antes, por discutir a respeito dos textos escolhidos para análise serem uma maneira de disciplinarizar áreas e/ou vertentes e não outras e, a partir disso, serem tomados como verdadeiros. Não parto da ideia de que os textos selecionados correspondem ao todo de obras existentes, tampouco do princípio de que, em alguns casos, não podem ser considerados, visto que não são textos genuínos (no sentido de não serem os originais, e sim traduções/revisões dos originais). São textos que, a partir das relações de informação e comunicação, produzem conhecimentos e instauram dizeres que, ao serem ditos, afetam saberes e produzem sujeitos.

Na análise feita aqui, a ciência e os discursos são vistos como práticas não neutras. Dessa forma, os excertos escolhidos, pertencentes aos textos há pouco identificados, serão analisados com o intuito de fazer ver o que é entendido por (fazer) ciência e quais elementos desses discursos emergem para questionarmos como se dá a constituição da LA(T). Retomo o sentido de discurso: nesta tese, ele é entendido como uma interação social, não neutra ou natural. A análise do discurso, portanto, pretende indagar as dispersões que, para Foucault (2008), são estabelecidas por meio de regras de formação as quais, por sua vez, permitem indicar os elementos que compõem o discurso. Para Foucault (2008, p.90), o discurso seria um “número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”. E, conforme salienta Fischer (2001), para o gesto analítico dos enunciados, quatro elementos são básicos: o referente (princípio da diferenciação); o sujeito (a posição a ser ocupada); o campo associado (que coexiste com outros enunciados/discursos) e a materialidade (as coisas efetivamente ditas).

Embora seja uma análise que se debruça sobre a realidade empírica, esta tese tem o caráter de pesquisa documental de investigação temática, uma vez que se baseia na indagação e organização e consequente análise e interpretação de dados a respeito do tema escolhido para a pesquisa. Nesse sentido, o trabalho sistemático de leitura, análise, escolha e síntese de informações, produzidas por outros autores, deu origem a uma nova informação – que é, justamente, o problema desta pesquisa. Uma vez que as informações utilizadas, primariamente, tenham sido produzidas por outros autores, cabe mencionar que, nesse exercício de pesquisa documental, são (re)construídos os caminhos já percorridos, dado que são

estabelecidas conexões para aprimorar informações e convertê-las em conhecimento. São reconstruídas, portanto, de maneira diferente, a informação produto de outras análises para uma nova análise. Como pesquisa bibliográfica/documental, a coleta de dados permite redescobrir feitos, sugerir problemas e orientar outras fontes de investigação. Cabe salientar que, do ponto de vista metodológico, os recortes dos objetos de estudo não têm a intenção de estabelecer uma linearidade ou cronológica ou do campo histórico.

Para aprofundar o problema e os objetivos da tese, elegi dois autores. Nessa lógica, para atender os objetivos da pesquisa e alinhá-los ao meu entendimento em relação à prática científica e ao discurso, apoiar-me-ei em algumas das ferramentas metodológicas do filósofo francês Michel Foucault, utilizadas para trabalhar com o discurso e, ainda, com as noções de poder/saber. Outro autor que norteia o referencial teórico-metodológico é o sociólogo, antropólogo e filósofo da ciência Bruno Latour que contribuirá, de acordo com seus textos, com a discussão a respeito de ciência, pesquisa e atividade científica.

Esta tese se propõe, assim, a discutir as referidas noções tomando como parâmetro de comparação as reflexões gestadas no âmbito dessas duas vertentes teórico-metodológicas. Estabelece-se, portanto, como um estudo de natureza contrastiva não histórica, mas conceitual. As ideias desses autores e a maneira como delinearei suas contribuições com a proposta até aqui apresentada são o foco do próximo Capítulo.

CAPÍTULO 2

E MEU DELÍRIO / É A EXPERIÊNCIA / COM COISAS REAIS¹²

As produções, como já devo ter mencionado mais de uma vez, os textos, os dizeres (...) mais do que me encantam, me movem enquanto pesquisadora da área da educação e dos estudos da linguagem. Atrelar, em uma pesquisa, as minhas experiências com as coisas do mundo e, ainda, com as coisas tidas como reais, ou verdadeiras, provocam-me, quiçá, para além de delírio. É um entusiasmo que, adiante, falarei com mais profundidade: aquilo que mobiliza o pesquisador/cientista. Trago, nesta tese, e neste Capítulo, em especial, um ponto de vista dentre tantos outros possíveis. Inicio de forma tão objetiva para (tentar) não deixar dúvidas de que o recorte sobre ciência que fiz e o meu entendimento sobre ele não são os únicos e, tampouco, os legítimos. Além disso, também dentre tantos outros autores possíveis, elejo unicamente Bruno Latour para discutir sobre ciência e pesquisa e para, tal como o sociólogo, questionar a representação clássica dada à ciência. Do mesmo modo, e na sequência do texto, retomo Michel Foucault para falar sobre uma, dentre tantas outras, noções de discurso. É a partir da proposta de Foucault que esta tese se estrutura, uma vez que não colocará o discurso em uma relação causal ou, por outro lado, o reduzirá a uma relação macro; o discurso é entendido aqui como um elemento em um dispositivo estratégico de relações que estão sendo estabelecidas.

Assim como aponta Latour (1994) e a meu ver, os diferentes entendimentos sobre pesquisa teórica e pesquisa aplicada baseiam-se, em grande medida, em virtude das distintas compreensões em relação ao que é tido como ciência e como pesquisa. Esse aparente paradoxo entre a ciência feita e a ciência que se está fazendo ocorre em razão da representação clássica dada à ciência e, por outro lado, em virtude do entendimento que se tem sobre a pesquisa fundamental, ou seja, a pesquisa em andamento e, portanto, ainda não finalizada (LATOUR, 1994).

Segundo o sociólogo, a diferença entre “o que se sabe da ciência que se faz e o que se sabe da ciência feita” (*idem*, p.3) pode ser simbolizada por meio da Figura 1, na próxima página – embora peque, de acordo com o próprio Latour, por

¹² BELCHIOR, Antônio Carlos. Alucinação. In: *Alucinação* (Álbum). LP. Gravadora: PolyGram, 1976. Faixa um – LADO B, 4’52”. Ouça aqui: <https://goo.gl/yQiFbc>.

discriminação em relação à idade e ao sexo, “que demonstra um homem maduro para representar a ciência feita e um homem jovem para representar a ciência que está se fazendo” (*idem, ibidem*).

Figura 1 – Ciência feita – ciência que se está fazendo.



Fonte: LATOUR (2011, p.6).

Embora Latour tenha chamado a atenção para a discriminação que a imagem apresenta, acredito que falar sobre essa escolha, em relação ao sexo e à idade, é pertinente nessa discussão. O que é ser um homem mais velho e um homem mais jovem? O que essas figuras e imagens e esse *ser* representam? Em primeiro lugar, temos o gênero masculino que representa, por si só, determinados valores, atributos, comportamentos e condutas presentes na cultura e na sociedade em que vivemos – como tanto nos mostram as pesquisas sobre as representações de gênero. Em paralelo, temos a questão da idade que também representa, quanto mais, experiência, responsabilidade, vivência, sabedoria, respeito (dentre tantas outras características) e, quanto menos, inexperiência, menor responsabilidade, mais liberdade (também dentre outras características). E quais seriam as representações sobre ciência e pesquisa?

Percebo, talvez, características muito similares – senão as mesmas – entre a ciência acabada e a ciência em processo as quais representam, por seu turno, e na grande maioria das vezes, dualidades: enquanto uma é rigorosa, outra é flexível – para citar apenas um exemplo. Muito daquilo que concebemos como ciência e como pesquisa advém das representações produzidas e reproduzidas seja no meio acadêmico ou no meio externo à academia. Eis, aqui, um aspecto importante: dentre

tantas, serão essas as representações que adquirem sentido quando construímos significações para a ciência e à pesquisa? Deixo a indagação para posterior debate.

Dando prosseguimento à discussão e partindo do princípio, como proposto por Latour (1994, p.3), de que “trabalhando sobre a pesquisa científica, nós nos interessamos à ciência que se faz, quer dizer, à prática científica”, podemos entender o *continuum* que faz da pesquisa ciência. Quero dizer: para chegar-se ao fato (dado) é necessário que esse fato seja feito¹³ (processo). Contudo, a concepção de maior destaque é dada para a ciência pronta, já feita, para o resultado, e não para o processo. Mesmo pesquisadores que conhecem esse percurso não se identificam nas figuras de *representantes* dos fatos, já que ainda não chegaram ao famigerado resultado e estão atuando no (necessário) processo. Latour (1994, p.2) adverte que

[...] nem a filosofia das ciências, nem a concepção que o pesquisador tem de sua própria atividade segue essa evolução. Daí decorreu um divórcio um pouco esquizóide entre a prática e a teoria da prática, divórcio que os cientistas vivem de maneira negativa, como um mal-estar, e de forma alguma de maneira positiva, como uma chance de reinterpretar, de se reapropriar de seus trabalhos de pesquisa. Eles consideram mais ou menos conscientemente que não estão à altura de seus sonhos de cientistas, que são, de alguma forma, falidos da *verdadeira ciência*, que deve provavelmente existir em algum (outro) lugar (grifos no original).

Retomo à representação que temos em relação à ciência ou, em outras palavras, ao entendimento construído para uma possível definição de ciência. Assentada no modelo clássico, a compreensão que temos em relação à atividade científica nos leva a desconsiderar, ou pelo menos a dar menor destaque, ao *continuum* a que referi. A *tradição*, o modelo clássico, nos subjetiva a pensar na ciência pronta, já acabada, em que não existem mais feitos possíveis. Dentre outros motivos, o entendimento de pesquisadores em relação à pesquisa, ou seja, à ciência que se está fazendo (feito), distancia-se da concepção de ciência ainda enquanto, mesmo que fosse possível, pesquisa, como se ambas andassem em caminhos distintos, em separado. Com a citação acima, Latour nos auxilia a ver que aqueles cientistas atuantes no ainda processo (pesquisa) não se veem, não se entendem

¹³ Latour indica que utiliza a palavra *fazer* em virtude da ambiguidade etimológica, já apontada por Gaston Bachelard (1996), nas palavras fato/feito que, em francês, são designadas por apenas uma palavra (*fait*) (LATOUR, 1994).

como tampouco se consideram cientistas. Para tanto, para ser um cientista, é necessário findar essa etapa. O que separa os pesquisadores dos cientistas?

De maneira geral, conforme salienta Latour (1994), a comunidade não científica também se atém mais ao que já é dado como fato do que ao que está sendo feito, o que amplia ainda mais a concepção de que pesquisa não é (ou não faz parte do) processo da ciência. Aos olhos da comunidade externa, por exemplo, há distinção de entendimento e de valores para o cientista que alcançou a teoria X e o pesquisador que está desenvolvendo a teoria X. A ciência, em direção oposta à pesquisa, tem o seu caráter intocável de verdade, de poder. Embora, portanto, seja tênue a linha que mantém atreladas ciência e pesquisa, ainda há a compreensão de que a ciência feita é a prova fidedigna e cabal, a *verdadeira* ciência de um processo que não é pensado – nem considerado.

Outra constatação também é levada em consideração nesse entendimento, como a indiscutibilidade dos fatos: ora, o que é fato já foi posto à prova, já está certo, contrário ao que está sendo feito, que é passível de discussões e de incertezas. A ciência é, nos diz o modelo clássico, certa e não permite flexões. Não há interesse, com a mesma medida, por aquilo que está sendo produzido, importa-se, tão somente, com o produto. A noção de obviedade da ciência se contrapõe à noção que é dada à pesquisa em relações de conflito, seja de interesses histórico e/ou político. Kuhn (1998, p.202) enfatiza que “o termo ciência está reservado, em grande medida, para aquelas áreas que progridem de uma maneira óbvia” e, portanto, o termo ciência não está reservado, nesse sentido, à ciência em construção que se estabelece ou progride em uma linear nem sempre óbvia.

Todavia, alerta Latour (1994), caminhamos em direção à não obviedade, em que as representações clássicas da ciência estão cada vez mais distanciando-se da ideia de ciência feita e aproximando-se da prática científica, assim como fazem os estudos sobre discurso. Nessa relação permeada de (inter)dependências, há diversos contrastes que contribuem para o distanciamento de entendimentos sobre uma ou outra. De um lado, temos as seguranças e certezas do fato e, de outro, as incertezas que mobilizam o feito. Explico de outra forma: imaginemos um pesquisador que, movido por incertezas e questionamentos, vê sob diferentes aspectos o seu problema de pesquisa. Ele tem dúvidas e quer, pois, investigar e debater sobre esse problema. Para tanto, é necessário que haja estudo, busca de fontes, revisão de bibliografia, dentre outros passos (estágios) imprescindíveis à

execução da pesquisa. As *descobertas*, a cada busca, a cada leitura, a cada nova ideia, o incentivam e o fazem ir adiante, ou seja, seguir o caminho em busca do fato. Quando, por fim, são esgotadas as buscas (respondidos os questionamentos, sanadas as dúvidas), quando não há mais o que se fazer, visto que já está concluído, o pesquisador não é mais mobilizado por nenhuma incerteza: já está constatado o fato pronto, acabado. Todavia, após o feito ser tornado fato, são vistas todas as formas possíveis do problema? A incerteza (e acrescento, como uma licença poética, os delírios e as experiências) move(m) o pesquisador até a ciência. Assim ocorre, a meu ver, um processo em sentido de *looping*, por vezes inesgotável, em que há mais movimentação para a busca do que para a *conquista*.

De acordo com essa perspectiva, é possível dizer que pesquisadores podem ser movidos pela ciência que se faz (pesquisa), e não necessariamente pela ciência feita. No entanto, também é possível afirmar que pesquisadores têm mais interesse pela ciência do que pela pesquisa, uma vez que, de acordo com Latour (1994, p.5), “[...] amar a ciência não é, de forma alguma, sinal de interesse pela pesquisa” por pesquisadores de maneira geral, tendo em vista que existe uma diferença cultural em relação ao interesse e ao respeito atribuídos à ciência e, por outro lado, ao desrespeito e ao desinteresse dados à pesquisa cujas características são opostas àquela (incerta, confusa, controversia, dentre outras). Latour (1994) alerta que é possível que sejamos levados a *amar* uma e não a outra, porém é impossível que se tenha uma sem a outra. O autor elenca ainda outras oito oposições distintas entre ciência e pesquisa, conforme mostra o Quadro 2, quais sejam:

Quadro 2 – Oposições entre ciência e pesquisa

CIÊNCIA	PESQUISA
Segura	Incerta, arriscada
Objetiva	“Sub-objetiva”
Fria	Quente
Sem ligação com a política e a sociedade	Ligações numerosas com a política e a sociedade
Sem outra história que não a da retificação dos erros	História e Sociologia das ciências
Limitada aos fatos, sem opinião a respeito dos valores	Avaliação dos fatos como valores

Ciência	Pesquisa
Natureza e ciência confundidas	A natureza distinta de sua mediação pela ciência
Transmitida e ensinada por difusão	Transmitida por negociação e transformação
Fato (<i>fait</i>) = o que não é discutido	Feito (<i>fait</i>) = o que é construído

Fonte: LATOUR (1994, p.4).

Dentre essas, Latour (1994) chama a atenção para a primeira, que diz respeito à certeza presente na ciência feita e à incerteza (que, advirto, é o que mobiliza o pesquisador) vista sob o viés da pesquisa. De acordo com o autor, a ciência tem, fora do ambiente acadêmico ou do mundo científico, uma estima alicerçada em fatos neutros, isentos de valor ou de julgamentos de valor enquanto, em contrapartida, a pesquisa, mais especificamente os pesquisadores, tem de lidar com o constante julgamento e avaliação no que diz respeito à credibilidade. Latour (1994, p.4) exemplifica:

quando lemos um artigo, quando descobrimos uma nova referência, nós nos interessamos prioritariamente pelo autor: quem é ele, de onde vem? Se não o conhecemos, com quem ele fez seu doutorado? [...] Os pesquisadores estão muito longe de fazer uma avaliação *despojada*! Como se pudéssemos subitamente nos desfazer dessas questões subjetivas [...] da credibilidade da pessoa que fala para nos concentrarmos seriamente no conteúdo do seu discurso! É claro que não, fazemos os dois ao mesmo tempo, e tanto pior se essa prática cotidiana não tem nenhum sentido no mundo da ciência feita, que é seu universo de referência, onde os valores e os fatos não têm qualquer relação (grifo no original).

Enquanto *cientistas feitos* soam como inquestionáveis e irrefutáveis, os *cientistas em processo* ecoam pelo processo de escrutínio, uma vez que lidam com objetos incertos passíveis de questionamentos. Enquanto pesquisa, ainda há a margem para dúvida e, enquanto ciência pronta, não há questionamentos. Não? É uma pergunta que faço para pensarmos e refletirmos, com auxílio de Latour, sobre os discursos tidos como norma que atribuem significados em relação ao fato e ao feito. A discussão de cada uma das oito oposições apontadas por Latour, as quais prefiro referir como categorias, é muito pertinente para entendermos a *configuração* atribuída à ciência feita e à ciência que se faz.

Ainda seguindo o raciocínio do filósofo, é difícil situar a relação da ciência feita com o mundo social, de interesses, de grupos sociais, isto é, o caráter *quente* em que, no campo da pesquisa, os fatos se encontram presos a relações com o mundo social. Para Latour (1994, p.5), “a parte esfriada e a parte solidificada da ciência vêm da pesquisa e não o contrário”, uma vez que, ao estudarmos a pesquisa, estudamos a ciência. Todavia, a recíproca não se mostra verdadeira, já que “a ciência nos ensina muito pouco sobre o mundo da pesquisa” (*idem, ibidem*). Trata-se, eu considero, de um dos mitos que *assombra* a ciência: a (im)possibilidade de separar o mundo *real* do mundo científico. A (im)possibilidade de não se misturar ao objeto de pesquisa, de vivê-lo, de não interferir e não ser interferido por ele. A objetividade.

O mundo da pesquisa pode se conectar a diversos outros fios condutores, uma característica em que são misturadas “reações químicas e reações políticas. Um mesmo fio conecta a mais esotérica das ciências e a mais baixa política” (LATOURE, 2005, p.7). Latour (1994, 2005) argumenta que vivemos em uma sociedade em que não se pode dividir as redes em compartimentos tanto pela dificuldade em classificá-los quanto pela efetividade de entendimento dos *compartimentos não-puros*, ou seja, aqueles entendidos como *não-ciência* que não se bastam por si sós. É necessário que se perceba que os conhecimentos não se dão por divisões de áreas de conhecimento e/ou por separação de interesses; é necessário, segundo o filósofo, reatar o nó que atravessa os conhecimentos da cultura, da natureza, de conhecimentos exatos e do exercício de poder. A ciência feita e a que se está fazendo diz respeito à natureza e ao conhecimento, mas, acima disso, ao envolvimento dos sujeitos, às relações com a política e com a sociedade (LATOURE, 2005). Envolvimento dos sujeitos, pois, tanto a ciência que se faz quanto a ciência feita são feitas, com perdão da repetição, por sujeitos.

No entanto, ainda se mantém viva a ideia de que a ciência feita, a ciência com C maiúsculo, seria “mais exata, mais certa, mais objetiva, se ela fosse isenta das contingências do mundo social” (LATOURE, 1994, p.8) em que haveriam menos influências e interesses da demanda social. O sociólogo adverte que “não nos encontramos numa situação na qual produziríamos uma pesquisa mais fundamental por ela ser mais isolada do mundo e uma pesquisa que seria mais aplicada por ser mais ligada à demanda social” (LATOURE, 1994, p.9), uma vez que vivemos em uma rede real, coletiva e discursiva e, portanto, diferente daquela concebida na era do

modelo clássico. E é ou seria possível manter-se isento de contingências do mundo social? Conseguiríamos esse isolamento e conseguiríamos atingir esse nível de *purificação*?

Partindo da ideia de que somos (estamos em) uma rede, para contribuir na/para a construção da ciência não estruturada no modelo que coloca em oposição núcleo e contexto, é assegurado o conjunto de funções que Latour (1994) denomina como os cinco horizontes da pesquisa, quais sejam:

- 1) Mobilização do mundo (instrumentos, expedições, enquetes, coleções, etc.): perpassar a instrumentação até a constituição de coleções, enquetes e bancos de dados, por exemplo. Independentemente de disciplinas, mobilizar o mundo significa colocá-lo em movimento ao criar maneiras de fazê-lo legível e inteligível de diferentes formas.
- 2) Autonomização da pesquisa (profissões, instituições, autoridades, colegas, etc.): criar pessoal para que seja possível manter a relação de compreensão em relação ao que é feito individualmente. Em outras palavras, produzir relações que gerem a capacidade de discussão e de compreensão em relação às produções do mundo da pesquisa, ou seja, veicular conhecimento em meios de divulgação científica. Assim, atingir um público mais amplo e aumentar o número de pessoal interessado na pesquisa.
- 3) Alianças (Estado, indústrias, exército, educação, interesses, etc.): formar alianças com pessoas/instituições que tenham interesse em realizar as operações anteriores, isto é, comprovar que a atividade é imperativa à sociedade.
- 4) Encenação (relações públicas, ideologia, crença, impacto, etc.): desenvolver atividades que abarcam as relações públicas desde a atividade científica até a resolução de problemas oriundos da contradição dos três outros horizontes anteriores.
- 5) Laços e ligações (conceitos, teorias, etc.): criar conteúdo da atividade científica, ou seja, conceitos e ideias que permitirão unir os quatro horizontes e manter as pessoas envolvidas mobilizadas. Quando, por fim, é constituída a capacidade de definir normas de conduta entre os pares.

Nesse cenário, Latour (1994) considera as quatro primeiras categorias como as que conferem aos cientistas horizontes profissionais distintos, uma vez que é a esses pilares que se recorre para a produção da atividade científica. E, a última, chamada de laços e ligações, a que permite que ideias e conceitos da atividade científica não se isolem em meio ao modelo (LATOUR, 1994). São as teorias e as ideias que permitem que interesses sejam conciliados.

E é por isso que o modelo da ciência que se faz é profundamente diferente, em sua filosofia, daquele que dizia que quanto mais isolada do seu contexto fosse a ciência, mais *pura* ela seria. Daí vem a dificuldade de analisarmos – e de vivermos – a pesquisa aplicada quando tomamos por referência este modelo, já que nos enganamos então ao mesmo tempo sobre a noção de aplicação e sobre a noção de pesquisa! (grifos no original) (LATOUR, 1994, p.11).

Ignorar ou, melhor, não considerar a noção de *pureza* da ciência faz com que repensemos o modelo clássico, tendo em vista que o contexto das pesquisas não é isolado. Se é necessário que haja esse isolamento para que a ciência seja considerada ciência, não há ciência. A ciência está imbricada, implicada e agrupada nas relações de núcleo e contexto, pois, sem elas, não há pesquisa e, consequentemente, não há ciência. O objeto de pesquisa tem uma pertinência e não é um fato isolado, é escolhido pelo cientista que, antes de mais nada, é um sujeito social. O objeto é, ao contrário, o que movimenta a atividade científica por diferentes interesses e, portanto, não é calcado na branquitude dos fatos ou no silêncio das objetividades (LATOUR, 1994).

Nas redes científicas, compostas, evidentemente, pelas pessoas que se dedicam à atividade científica, as alianças constituem os núcleos-duros da ciência. Quero dizer: é necessário que o fato, para ser estabelecido, seja visto e validado em uma dimensão coletiva, pois, do contrário, terá apenas o caráter de estatuto de enunciado. Conforme aponta Latour (1994, p.19), “até essa revalidação acontecer, os estatutos de seus enunciados ficam como se estivessem suspensos na ante-sala da ciência, entre a ficção e o reconhecimento”. As relações com os colegas cientistas se tornam necessárias na medida em que o fato pertence, também, ao coletivo. Esse *pertencimento* não traduz o fato científico, contudo evidencia que sua emergência é resultante de um processo social que ocorre na comunidade científica.

Estes aspectos, apontados até aqui, permitem questionar as relações da ciência, atividade científica, com a sociedade, bem como o próprio caráter da ciência.

O modelo proposto por Latour, e que eu concordo, é o que borra as noções de pesquisa fundamental e de pesquisa aplicada. Põe em questionamento o mito da neutralidade científica, impassível de *poluições* externas, e a própria objetividade. E, além disso, evidencia as relações existentes entre ciência e sociedade composta por uma rede heterogênea. Não é mais concebível a visão de que os cientistas fiquem somente em seus laboratórios (e por que pensamos, majoritariamente, em laboratórios ao falar em/sobre ciência?), tendo em vista a necessidade de estabelecer contato com as diversas redes técnicas, sociais, políticas e econômicas para que a ciência que se está fazendo continue a ser feita. Da mesma forma, não é concebível que não questionemos a ciência, uma vez que, assim como já apontado por Latour (1994, 2005), discutir argumentos é uma das tantas tarefas da atividade científica. Considero que o filósofo tem razão ao dizer que jamais fomos modernos, tendo em vista que a modernidade, para ele, pressupunha uma separação entre sujeito e objeto, política e ciência.

Felizmente decidimos, desde o início, estudar a *atividade* de fazer ciência. E não a definição de ciência dada por cientistas ou filósofos. A difícil ação de recrutamento de Diesel, Pasteur, Lyell e do chefe, bem como os muitos malogros de João, teria escapado completamente à nossa atenção. Teríamos acreditado na existência de uma ciência, por um lado, e de uma sociedade, por outro, o que teria deixado escapar o ponto crucial! (grifo no original) (LATOUR, 2011, p. 273).

É nessa proposta de estudar a atividade científica que organizo o referencial teórico-metodológico desta pesquisa – e, pelo mesmo princípio, trago Latour como autor chave, e não outros que tenham definido ciência de maneira mais delineada e/ou com conceitos mais *objetivos*. Pretendo, além disso, não deixar escapar o ponto crucial, conforme aponta o sociólogo: entender que a realidade subjetiva da ciência se dá no *entrecuzar-se* com a sociedade, com os sujeitos – ponto também crucial à analítica. Retomo Latour, quando se dedica aos mitos da atividade

científica, para introduzir na escrita outra ferramenta metodológica, os discursos. Diz o autor (LATOUR, 1994, p.22¹⁴):

Ele [o primeiro mito] se baseia na ideia, segundo a qual, é preciso proteger a atividade científica de qualquer poluição causada pelas ideologias, pelas paixões, pelos interesses, todas as coisas vulgares, boas para os sociólogos e outros psicólogos: uma ciência é tanto mais limpa, mais objetiva, mais reta, mais firme, quanto mais esta for limpa destas poluições. É o argumento de Bachelard, segundo o qual, quando se põe o avental branco, e se entra no laboratório, fecha-se a porta, deixando no exterior a paixão e os interesses, que às vezes voltam sob a forma de obstáculos epistemológicos, mas sobre os quais acabamos por triunfar ao preço de uma longa ascese feita de uma luta perpétua contra si mesmo, que permite arrancar-se finalmente de todos estes resíduos de aderência ao mundo e, por aí, a ter acesso, enfim, à luz da razão.

A neutralidade científica é um mito e ponto – não teria mais nada a dizer sobre isso, ainda mais depois desse trecho. O que Latour (1994) faz ver é que cientistas não possuem essa mítica neutralidade e, portanto, envolvem-se e misturam-se com seus objetos de estudo em uma relação praticamente íntima. Segundo o antropólogo, conhecer algum cientista que se enquadre no modelo de Bachelard (1996) é uma questão de sorte que, por sinal, ele afirma não ter. A atividade científica não está imune aos *resíduos* do mundo, às paixões e aos interesses de um pesquisador/cientista, assim como não está imune à *poluição* dos discursos – estes que, também, não são neutros.

Para evidenciar o entendimento que o discurso assume nesta tese, retrato a distinção entre os três períodos (pré-clássico, clássico e moderno) que o filósofo Michel Foucault percorre. Tenho o intuito de fazer ver as *maneiras* como o ser humano, a linguagem, as ciências e, evidentemente, o discurso foram constituídos. Foucault (2000) alerta que, no período pré-clássico, a interpretação, baseada na semelhança, embasava o conhecimento. Isso quer dizer que as *coisas*, entendidas como marcas refletidas do/no mundo, são identificadas e interpretadas pelo ser humano. E este, aliás, é entendido como o *meio* por onde perpassam essas relações de comparação e de semelhança. É relevante destacar, para melhor entendimento, que as *coisas* do mundo estão aí para serem vistas e entendidas. A

¹⁴ Não fiz economia nas citações diretas deste texto, pois a escrita (tanto conteúdo quanto forma) de Latour é insubstituível, ainda que a minha fonte seja uma tradução e tenha, provavelmente, diferenças em relação ao original.

linguagem, por exemplo, está dada no mundo, é da natureza, e deve ser decifrada – entendimento, portanto, de que a linguagem está à serviço do ser humano e detém a verdade. Contudo, as mudanças de pensamento, segundo Foucault (2000), levaram à ruptura, ou melhor, ao esgotamento, desse entendimento – o que significa dizer que a lógica do pensamento não dá mais conta daquilo a que se propõe.

A ruptura do período pré-clássico para o período clássico é caracterizada pela representação e pela ordem, em que a linguagem se liberta das marcações naturais. A questão de identidade e de diferença toma o lugar da similitude, uma vez que as *coisas* são classificadas, ordenadas – há o discernimento em vez da redução e da aproximação. Especificamente em relação à linguagem, nesse período, diferentemente do período pré-clássico em que os signos não precisavam ser conhecidos para existir, as *coisas* somente são compreendidas quando se pode substituí-las por outras já conhecidas, quer dizer, quando a representação é evidente.

O período clássico encerra quando a ordem perde sua força e, para ilustrar a passagem desse período para o moderno, Foucault (2000) estabelece um recorte de duas fases. Na primeira, o modo da representação ainda é imperativo, o que muda, apenas, é a maneira como são vistos os princípios. A identidade dá lugar a forças ocultas “desenvolvidas a partir de seu núcleo primitivo e inacessível, mas a da origem, da causalidade e da história” (FOUCAULT, 2000, p.345). A organização e a noção de vida marcam a segunda fase que amplia a possibilidade de os seres serem considerados em si mesmos, e não mais como algo específico em uma rede de semelhanças em relação a outros seres.

Nesse sentido, Foucault (2000) observa as mudanças em relação à gramática geral e à linguística. Aquela preocupa-se com as nomenclaturas (o ato de nominar as *coisas*) e com as relações entre linguagem e mundo. No período da representação, as palavras carregam significados e são como são devido à arbitrariedade, sem que haja uma designação inicial – o que faz crer na neutralidade do campo da linguagem. No período moderno, entretanto, as línguas são delimitadas em virtude daquilo que as conectam umas às outras. Se a representação priorizava o nome, agora é a flexão que ganha destaque. Nesse aspecto, a ordem não faz mais sentido, já que se pensa sobre a descontinuidade e, do mesmo modo, a neutralidade atribuída à linguagem, a verdade conectada à linguagem, também é questionada.

É a partir da modernidade, para Foucault (2000), que o ser humano se compreende como constituído por meio das relações que estabelece com a vida e a linguagem, e não mais com ele mesmo como dado no mundo. A ordem do saber configura a visão ambígua do ser humano – que, ao mesmo tempo, se constitui como ser pensante e como questionador do processo que o constitui – e possibilita, dessa forma, o aparecimento das Ciências Humanas.

Daí esta dupla e inevitável contestação: a que institui o perpétuo debate entre as ciências do homem e as ciências propriamente ditas, tendo as primeiras a pretensão invencível de fundar as segundas, que, sem cessar são obrigadas a buscar seu próprio fundamento, a justificação de seu método e a purificação de sua história, contra o *psicologismo*, contra o *sociologismo*, contra o *historicismo*; e a que institui o perpétuo debate entre a filosofia, que objeta às ciências humanas a ingenuidade com a qual tentam fundar-se a si mesmas, e essas ciências humanas, que reivindicam como seu objeto próprio o que teria constituído outrora o domínio da filosofia (FOUCAULT, 2000, p.477) (grifos no original).

Trata-se de uma nova configuração que, segundo Foucault (2000), possui três dimensões: as Ciências Matemáticas e Físicas, as Ciências (da linguagem, da vida e do trabalho) e a Reflexão Filosófica. Para as Ciências Matemáticas e Físicas, a ordem é um encadeamento dedutivo e linear de proposições evidentes ou verificáveis; já as Ciências (da linguagem, da vida e da produção e distribuição das riquezas) têm origem nas relações que se estabelecem entre elementos descontínuos, porém análogos; a Reflexão Filosófica, por sua vez, toma as diversas filosofias da vida, do ser humano alienado, das formas simbólicas. As Ciências Humanas não fazem parte desse triedro e se constituem enquanto um “conjunto de discursos” (FOUCAULT, 2000, p.474). Todavia, podem ser incluídas nos interstícios do triedro desses saberes, já que ora se aproximam de um campo, ora de outro, e servem-se de temas e de métodos das diferentes áreas.

Seguindo o pensamento de Foucault (2000), às Ciências Humanas são atribuídas as características de inexatidão, imprecisão e fluidez devido à complexidade da configuração epistemológica na qual se inserem. Seriam, pois, para o filósofo, “ciências da reduplicação”, porque têm a capacidade de pensar a si mesmas e, além disso, se entrecruzam e podem interpretar-se umas às outras. Por esse motivo, Foucault (2000) destaca que a representação é o campo das Ciências Humanas pelo fato destas pensarem a linguagem e trabalharem fundamentadas na

reduplicação. Em outros termos, as Ciências Humanas manifestam-se somente na modernidade porque, antes, não era considerada a figura do ser humano (de vida, de trabalho e de linguagem). Entretanto, ainda que tenham surgido no período moderno, as Ciências Humanas manifestam-se de acordo com o sentido clássico, pois se articulam aos princípios da representação. Portanto, em relação às Ciências Humanas, Foucault (2000, p.506) afirma que

a arqueologia tem, pois, para com elas, duas tarefas: determinar a maneira como elas se dispõem na *epistémê* em que se enraízam; mostrar também em que sua configuração é radicalmente diferente daquela das ciências no sentido estrito. Essa configuração que lhes é peculiar não deve ser tratada como um fenômeno negativo: não é a presença de um obstáculo, não é alguma deficiência interna que as fazem malograr no limiar das formas científicas. Elas constituem, na sua figura própria, ao lado das ciências e sobre o mesmo solo arqueológico, *outras* configurações do saber (grifo no original).

Foucault (2000) enfatiza que tais configurações outras caracterizam as Ciências Humanas como *não-ciências*, tendo em vista que estão assentadas na *epistémê* moderna apesar de configurarem contornos positivos. De acordo com o filósofo, é possível, contudo, entendê-las como ciência se ocorrer uma proximidade destas com outras, como biologia, economia, filologia (ou linguística). Assim, a relação estabelecida admite que haja transferência de modelos e reflexão crítica em relação, ou melhor, em direção ao *lugar* de onde vêm tais modelos (FOUCAULT, 2000). As Ciências Humanas, pois, arraigadas na *epistémê* moderna, assumiram o vão entendimento de que são falsas ciências (ou não-ciências). Foucault (2000) assinala que essa qualificação advém do fato que as Ciências Humanas pertencem a “definição arqueológica de seu enraizamento [...] [e] requerem e acolhem a transferência de modelos tomados de empréstimo a ciências” (FOUCAULT, 2000, p.507). O ser humano, pela cultura ocidental, foi constituído como “um ser que, por um único e mesmo jogo de razões, deve ser domínio positivo do saber e não pode ser objeto de ciência” (*idem, ibidem*).

Ademais, o ser humano não poderia ser objeto da ciência, pois, conforme vimos com Latour, seria necessário manter, de um lado, ciência e, de outro, a sociedade. O(s) sujeito(s) são subjetivos em demasia para a exatidão e objetividades esperadas pela ciência (clássica). Isto posto, Foucault (2000, p.219) ressalva que as ciências são possíveis desde que permitidas por circunstâncias

materiais ou históricas; todavia a partir do princípio orientador que, em um dado momento histórico, define o modo de ser e mantém sobre as coisas um discurso admitido como verdadeiro

Retomo que, de acordo com Foucault (2014), os discursos são controlados e ordenados. Uma das maneiras de estabelecer esse controle se dá por intermédio de instituições que instauram esses discursos com o objetivo de dominá-los e conduzi-los para estabelecer uma verdade. Proponho, assim como Fischer (2001), esclarecer que, de acordo com a visão foucaultiana, é necessário negar a busca pelo sentido último, ou o sentido oculto, das *coisas* para que discursos sejam analisados. Como já salientado por Fischer (2001, p.197), “para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas”. Significa dizer, em outros termos – e relacionando essa teoria aos objetos de estudo desta pesquisa –, que os discursos não são apenas um conjunto de signos que fazem referência a coisas ou denominam determinados objetos em um esquema linguístico. O discurso carrega em si as relações com o tempo (o que foi construído sobre determinado conceito, por exemplo, com o passar do tempo) e constitui significados. De acordo com essa perspectiva, o discurso não é único em si mesmo, uma vez que é carregado de sentidos, e também atua como produtor de sentidos à medida que constitui práticas sociais. É preciso, portanto, despir-se de teorias que tentem demonstrar ideias totalizantes ou que reneguem o passado em razão do presente.

Historicamente, os modelos científicos foram substituídos em vista da legitimidade, uma vez que, conforme argumenta Kuhn (1998, p.189), “dentro de um novo paradigma, termos, conceitos e experiências antigos estabelecem novas relações entre si”. Todavia, não quer dizer que modelos anteriores deixem de existir nas subjetividades, nos discursos. O modelo clássico da ciência é uma construção humana e os *problemas* da ciência são criados pelos regimes do discurso em que, abro um parêntese, o discurso entendido como legítimo é o científico. Foucault (2008) alerta que é necessário desalojar aquilo que é tido como verdade nos discursos sem, contudo, atrelar-se a reducionismos. Propõe, desse modo, que sejam potencializadas outras maneiras de olhar que não encerrem outras formas de entendimento, visto que não há um depois que supere o antes. E, além disso, sugere que pensemos sobre “que regras um enunciado foi construído e,

consequentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?” (FOUCAULT, 2008, p.33).

Tendo como proposta essa analítica, a problematização desta pesquisa consiste nos discursos selecionados valorizando as vozes que os constituem, sem, contudo, aplicar generalizações. O discurso aqui, portanto, deve ser entendido de acordo com a proposta de Foucault (2008, 2014): como práticas organizadoras da realidade (ainda que sejam, evidentemente, constituído de signos), cujo cerne está no papel que exerce nas práticas sociais, bem como nas relações entre indivíduos – e, acrescento, na relação entre os objetos de estudo. Nesse sentido, Bruno Latour e Michel Foucault contribuem grandemente para essa problemática, uma vez que tecem alternativas aos modelos *convencionais* de se conceber a pesquisa, bem como as *coisas* do mundo. Dessarte, no próximo Capítulo, os objetos de estudo serão evidenciados e alinhados ao referencial teórico-metodológico que, portanto, continuará a ser explorado.

CAPÍTULO 3

MINHA CASA NÃO É MINHA / E NEM É MEU ESTE LUGAR /
ESTOU SÓ E NÃO RESISTO / MUITO TENHO PRA FALAR¹⁵

Neste momento, trago os materiais objetos de estudo alinhados à análise proposta. Discuto, no decorrer desta tese, sobre como as construções de significados operam e atuam e como fazem, também, que significados constituam outras construções. Falo, ademais, sobre representações, sentimentos de pertencimento (a esta ou àquela área) justamente, muito em parte, em virtude dos dizeres. Falo sobre lugares de fala, sobre pontos de partida e de contato. No Capítulo anterior, discorri sobre o sentimento de *não pertencimento* de pesquisadores em relação à ciência, sobre o mal-estar (LATOUR, 1994) ocasionado pelos entendimentos tidos como legítimos acerca de ciência e pesquisa. Esse sentir-se em casa, sentir-se no seu lugar de fala se constitui em meio aos discursos proferidos, aos discursos tidos como verdades, aos discursos que foram construídos em determinado momento e tomados como verdadeiros. Como aqui já apontado e sugerido por Foucault (2014) e Latour (1994), é preciso questionar a norma e questionar o modelo clássico de ciência. É necessário falar sobre essas problematizações, que permitem compreender as relações de pertencimento e de lugares de fala.

Afinal, o que é ciência? O que é Linguística? E, mais precisamente, Linguística Aplicada? Se essas questões estão sondando a mente durante a leitura deste texto, informo, agora explicitamente, que não tenho a intenção de respondê-las, de definir ou conceituar ciência e Linguísticas. Não pretendo, para esquivar-me do cunho evolucionista linear, descrever a história, seja da ciência ou da Linguística. Se recorro à conceituação, tendo a cair na armadilha do reducionismo, evidenciando, assim como tenho tentado mostrar, alguns dizeres, e não outros. Recuso, portanto, definições estritas para não motivar, tal como sugere Freire-Maia (1998), quaisquer definições incompletas (uma vez que sempre haverá *algo* excluído

¹⁵ BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. Travessia. In: *Travessia* (Álbum). LP. Gravadora: Codil/Ritmos, 1967. Faixa um – LADO A, 4'03". Ouça aqui: <https://goo.gl/cahiee>.

ou que poderia ter sido incluído) e, além disso, em virtude da complexidade e abrangência do tema dentre tantas e diferentes abordagens.

Proponho, em contrapartida, operar com essas conceituações e definições e que pensemos naquilo que é dito sobre esses três pilares (ciência, LT e LA) quando associado a outros dizeres. Do mesmo modo, proponho que questionemos as arestas que sustentam a ciência moderna (certeza, objetividade, racionalidade, neutralidade, etc.) e que, com o tempo, circunscreveram o pensamento sobre a prática científica. A análise dos discursos versa sobre a problematização dos conceitos atribuídos à LT e à LA no que tange ao estatuto científico dessas áreas. Portanto, seguindo a premissa de Foucault (2008), focarei no além – no além de entender os discursos como constituídos de signos que denominam coisas – nesse além que é necessário aparecer e descrever as práticas que formam os objetos de que falam. Sendo assim, são estabelecidas conexões entre o que é dito nos objetos de estudo com outros dizeres que atravessam esses discursos. Logo, ao analisá-los, serão tomadas as especificidades que permitem a associação com outras formações discursivas. A regularidade de uma formação discursiva ocorre quando certos campos do saber situam o que pode e deve (ou não) ser dito e por quem. Conforme salienta Fischer (2001, p.204), as formações discursivas firmam uma “matriz de sentido, e os falantes nela se reconheceriam, porque as significações ali lhe parecem óbvias e naturais”.

Antes de partir para a análise, explico que subdividi este Capítulo em duas partes: na primeira, apresento a leitura que fiz em relação ao que é dito em um dos objetos de estudo da pesquisa (nomeadamente o LIVRO 1) pelo fato deste estar presente em diferentes bibliografias recomendadas (inclusive em paralelo com outros materiais aqui apresentados) e, além disso, por tratar-se de uma obra mais completa em relação à linguística – seria demasiado cansativo trazer diversos excertos de originais. Na segunda parte, apresento os excertos originais, recortes de tal como são e foram escritos os textos. Aproveito para explicar que optei por não fazer a digitação do texto e, desse modo, apresentá-lo no formato de citação. Em alternativa, decidi fazer capturas de imagem e apresentar os textos (alguns mídias digitais, outros impressos) tal como eles são nos originais. Dessa maneira, poderá ser vista, também, a configuração dada no original (tipo e tamanho de fonte, disposição do texto, utilização de realces, dentre outros aspectos), que considero relevante. Na sequência, o primeiro item secundário deste Capítulo.

3.1 MINHA HISTÓRIA E ESSE NOME QUE AINDA HOJE CARREGO COMIGO¹⁶

Começo, enfim, pela frase que inicia o texto de Weedwood (2002, p.9) (LIVRO 1): “A Linguística é o estudo científico da língua(gem)¹⁷”. De acordo com essa autora, embora as teorias conceituais e os estudos linguísticos relativos à natureza da língua(gem) datem desde a antiguidade clássica, foi a partir da visão estruturalista de Ferdinand de Saussure, na obra póstuma de 1916, que a linguística se tornou conhecida como é até os dias de hoje. Portanto, apesar de ter um percurso mais longo e complexo (considerando o período pré-Saussureano, de gramáticos gregos e romanos, por exemplo), a determinação de um objeto de estudo regular e suficientemente claro fez com que, há pouco mais de cem anos, com o Curso de Linguística Geral (CLG), a linguística fosse entendida como uma ciência (LIVRO 1).

A ideia da objetividade e aplicabilidade advindas da ciência moderna é que instauram o caráter de *estudo científico* à linguística. O mito positivista do *cientificismo* introduz a ideia estrutural de regularidade. Além disso, vale lembrarmos, do racionalismo, em que a física, a matemática e a lógica são as referências de modelos científicos que aplicam rigor e exatidão – necessários ao método científico.

Em termos gerais, portanto, seguindo a leitura do LIVRO 1, a linguística é a ciência, ou o estudo científico, da língua e essa nomenclatura, adotada em meados do século XIX, serviu para dar ênfase à diferença entre a abordagem que estava sendo desenvolvida à época para o estudo da língua e a abordagem mais tradicional, a da filologia. A atenção da filologia é voltada para as questões de atitude, ênfase e objetivo em relação ao desenvolvimento histórico das línguas e como estas se manifestam em textos escritos. De acordo com Weedwood (2002), a linguística se distingue, dessa forma, da filologia, já que, embora tenha interesse por textos escritos e pelo desenvolvimento da língua com o passar do tempo, atém-se à língua falada e à adjacente análise em um dado período de tempo. Desde então, a

¹⁶ PALOTINO, Paola; DALLA, Lucio. Versão de Chico Buarque. Minha História. In: *Construção* (Álbum). LP. Gravadora: Philips, 1970. Faixa cinco – LADO B, 3’01”. Ouça aqui: <https://goo.gl/obnqgk>.

¹⁷ De acordo com a nota do tradutor (Marcos Bagno), em virtude da palavra *language* se referir tanto à linguagem quanto à língua – capacidade humana de se comunicar por meio da fala e da escrita e sistema linguístico particular, idioma, respectivamente – o termo em inglês foi traduzido dessa forma quando o discurso da autora abranger ambas as noções. N. do tradutor, p.9. Pelo mesmo motivo, também utilizo, ao longo do texto, a mesma forma.

linguística transita sobre diversas outras disciplinas (tais como antropologia, psicologia, teoria literária, dentre outras) e desenvolve relações com outras ciências sociais (como história, sociologia, filosofia e psicanálise) (LIVRO 1).

A linguística começa a ser entendida como ciência após o marco de Saussure que, de modo *imparcial*¹⁸, estabeleceu certa regularidade, objetividade e estrutura a um objeto específico. A nomenclatura, por seu turno, foi adotada no século em que o desenvolvimento da ciência foi intenso, graças às descobertas, registradas em diferentes áreas, e aos avanços da pesquisa científica que ocorreram por meio da racionalização. Foi nesse século, também, que Pasteur, mencionado por Latour (1994, 2011), descobriu que seres vivos, micróbios e bactérias davam origem à fermentação e às doenças infecciosas. A partir da descoberta do cientista francês, houve o desenvolvimento e consequente fabricação de vacinas para prevenir doenças contagiosas. A (r)evolução científica, já alertava Kuhn (1998), depende de novos parâmetros e de paradigmas concorrentes. Assim, com a proposta do genebrino Saussure, a linguística provoca uma mudança, ou quebra, de paradigma, uma vez que afasta-se do método comparativo e aproxima-se do estruturalismo do século XIX. É nesse cenário, em que métodos são organizados e ordenados e, posteriormente, validados, e em que há a ruptura de parâmetros e de paradigmas, que a linguística se instaura como ciência autônoma. O entendimento da linguística como ciência tem início quando certa imparcialidade, regularidade, objetividade e estrutura, *propriedades* inerentes ao modelo tradicional de ciência, contribuem para um progresso social e científico.

Ainda em uma definição, Weedwood (2002) (LIVRO 1) explicita o campo de atuação, especificamente da linguística geral, que pode ser dividido em três dicotomias: a) sincrônica vs. diacrônica; b) teórica vs. aplicada e c) microlinguística vs. macrolinguística. A primeira dicotomia, sincrônica vs. diacrônica, diz respeito ao recorte temporal em que será descrita a língua analisada: de maneira sincrônica, considerando um delimitado tempo em determinada época, e diacrônica, considerando o desenvolvimento histórico da língua de acordo com as mudanças estruturais ao longo (com o passar) do tempo.

Já a segunda dicotomia, teórica vs. aplicada, diz respeito ao objetivo da linguística que, enquanto teórica, visa a “construção de uma teoria geral da estrutura

¹⁸ Não considero essa imparcialidade. Contudo, é uma das *características* atribuídas ao linguista suíço e a maneira pela qual é entendida a forma como Saussure estabeleceu o objeto de estudo.

da língua ou de um arcabouço teórico geral para a descrição das línguas” (LIVRO 1, p.11) e, de acordo com a perspectiva aplicada, “como diz o próprio nome, [refere-se à] aplicação das descobertas e técnicas do estudo científico da língua para fins práticos, especialmente a elaboração de métodos aperfeiçoados de ensino de língua” (*idem, ibidem*). Aqui, chamo a atenção para a definição que a autora do LIVRO 1 concede tanto à linguística teórica quanto à aplicada: para esta, como uma aplicação da Linguística Teórica, restringindo a LA a aplicações de métodos e, porque não, como dependente ou à serviço da LT; para aquela, em contrapartida, confere o status de teoria geral, disciplina mãe, responsável pela estrutura da língua. Em uma premissa inicial, a LA recebeu status de aplicadora da linguística, todavia, veremos no próximo Capítulo, que a LA não se restringe, mesmo que diga o próprio nome, a aplicações da LT. Essa foi a escolha de Weedwood (2002) para *definir* a linguística aplicada e essas escolhas, além de constituírem significados, ocultam outros – como o fato de, na década de 90, a LA desvencilhar-se desse caráter aplicacionista.

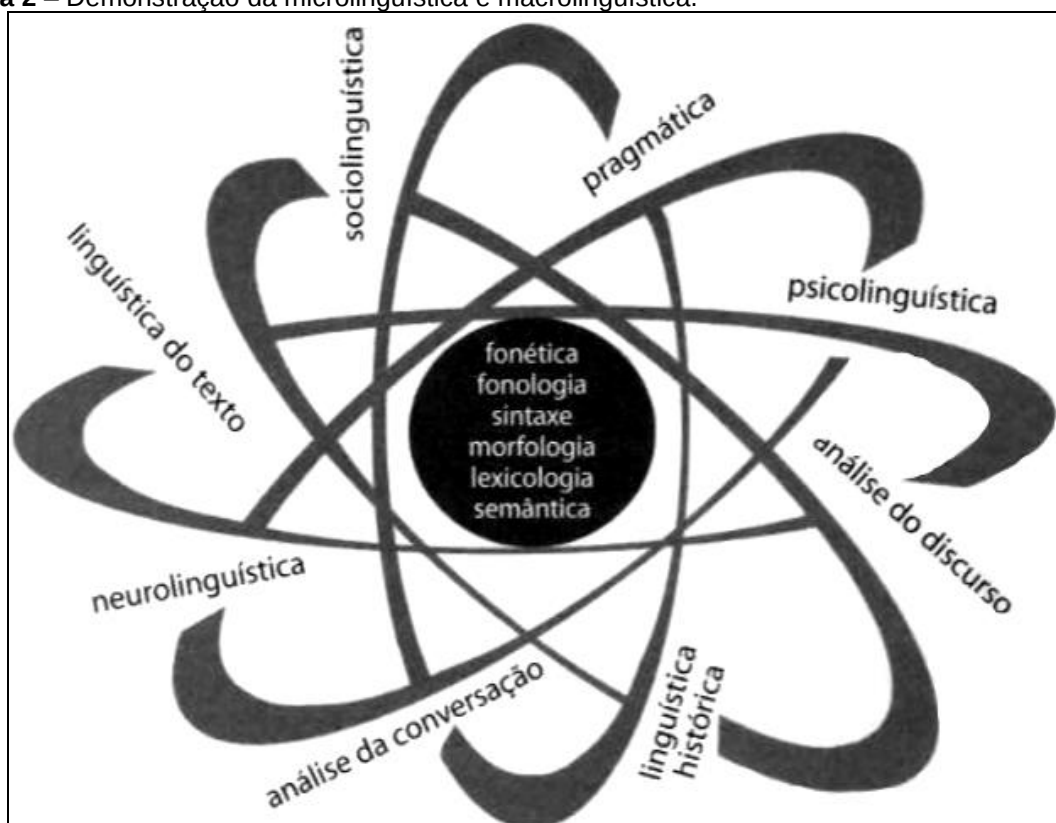
De acordo com as lentes foucaultianas, o enunciado depende de uma materialidade e terá diferentes funções de acordo com o lugar de onde é enunciado. A conceituação de Weedwood (2002) para a linguística aplicada e também teórica está localizada em um campo de saber, em um espaço legitimado e reconhecido como verdadeiro – um livro que conta sobre (resume) a história da linguística. Que saberes e poderes estão sendo convocados nesse discurso? Os enunciados que o compõem estão de acordo com certos regimes de verdade que os tornam legítimos, instaurando significados. Entendendo o discurso como uma interação, entendimento empregado na análise desta tese, reforço que não há neutralidade – ou naturalidade – na escolha por esse ou aquele dizer.

Foucault (2014) esclarece que o discurso faz as vezes de uma dispersão que, formada por elementos, não se constituem em uma unidade. Dessa forma, com a intenção de verificar precisamente essa dispersão, é preciso ter claro que a análise discursiva se concentra em descrever os enunciados que a constituem – o interesse é pela função que esses enunciados cumprem. Esses enunciados, associados a outros, configuram regimes de verdade categorizando saberes. A classificação daquilo que é linguística aplicada legitima o que nela e com ela pode ser visto e quem está autorizado a praticá-la. Além disso, circunscreve que não assume a exatidão e as descobertas do estudo científico, sendo, portanto, um estatuto menos

científico. Nesse sentido, esses discursos devem ser questionados, uma vez que estão pautados em verdades *desse mundo* e não *a priori* (FOUCAULT, 2015).

Finalmente, ainda de acordo com a autora do LIVRO 1, a terceira dicotomia, microlinguística vs. macrolinguística, se encarrega de evidenciar as visões mais restrita e mais ampliada da linguística, sendo, respectivamente, a microlinguística capaz de analisar as línguas em si mesmas sem considerar sua função social – ou seja, a maneira como são adquiridas, os mecanismos que subjazem a produção e recepção da fala e a função literária ou estética ou comunicativa – e a macrolinguística, por seu turno, por ter uma visão mais ampliada do escopo da linguística, abrange todos os aspectos referentes à linguagem – e ainda aqueles desconsiderados pela visão anterior. Válido mencionar que o que a autora do LIVRO 1 denomina como microlinguística faz ver uma visão positivista da ciência, do modelo clássico, tendo em vista o entendimento dos campos como *núcleo-duro*. Em contrapartida, a denominação à macrolinguística, instaura um significado às disciplinas que a compõem como a visão *soft*, como comentarei na sequência. A Figura 2 mostra o esquema proposto no LIVRO 1.

Figura 2 – Demonstração da microlinguística e macrolinguística.



Fonte: WEEDWOOD (2002, p.11) – LIVRO 1.

Os estudos da linguagem no campo micro, de acordo com Weedwood (2002) (LIVRO 1), são subdivididos em áreas de investigação independentes, quais sejam:

- a) Fonética, que se encarrega do estudo da natureza física e da produção e percepção dos sons da fala (e subdivide-se em fonética acústica, fonética articulatória e fonética auditiva);
- b) Fonologia, que abarca o estudo do sistema sonoro de dado idioma, do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística;
- c) Sintaxe, que é responsável pelo estudo das regras que regem a construção de frases nas línguas naturais;
- d) Morfologia, que trata, de maneira geral, do estudo da estrutura e formação das palavras;
- e) Lexicologia, que objetiva o estudo do conjunto das palavras de um idioma;
- f) Semântica, que se encarrega de estudar os sentidos e significados utilizados por meio da linguagem¹⁹.

Os estudos que se debruçam sobre a língua em si, isto é, ramos como a fonética, a fonologia, a sintaxe, a morfologia e a lexicologia, são referidos como o *núcleo-duro* (do inglês, *hard-core*) da linguística, uma vez que representam o conjunto mais antigo e *tradicional* dos estudos da linguagem²⁰ (LIVRO 1). São utilizados, no LIVRO 1, termos como *núcleo-duro* que nos remetem às chamadas ciências duras (*hard*) ou ciências *soft* (leves/moles), uma *classificação* das ciências muito em parte em virtude do método de investigação empregado – em que o método considerado científico, pela visão clássica da ciência, pressupõe etapas rigorosas e muito bem delimitadas.

Calado (2014, p.12) escreve que o conhecimento científico, de diferentes ciências, pretende chegar “[...] à condição de matemática [...]. Conhecimento que não está matematizado, em que não é possível fazer previsões quantitativas, não é (ainda) ciência. As ciências duras são as mais matematizadas, e as moles endurecem com o tempo”. Ares cartesianos mostram o determinismo que suplica pela verdade dos dados, pela objetividade e pelo rigor encarregado de uma apresentação de dados não generalizáveis. O enquadramento de determinadas

¹⁹ Ainda de acordo com a autora (LIVRO 1), os linguistas cognitivos não consideram a semântica e a pragmática como ramificações do campo micro, uma vez que são estudos de ordem mais arbitrária. Questiono: o que se entende por um estudo de ordem *mais arbitrária*?

²⁰ Por serem considerados *menos* arbitrários, esses campos, em contrapartida aos mencionados na nota anterior, são entendidos como principais para o estudo e a análise científica (LIVRO 1).

disciplinas da linguística em um *núcleo-duro* instaura significados e o produz em uma tensão, uma partição entre o que *serve* para análise científica e o que *não serve* (e não serve por não ter uma validade científica). Trava-se uma batalha por significados oriundos das verdades sobre a ciência, que *aparenta* ser rigorosa, imparcial, objetiva (etc.!), em virtude dos discursos positivistas pelos quais estamos subjetivados. Nesse sentido, lembremo-nos de Foucault (2014) e de questionar as verdades estabelecidas, a nossa *vontade* de verdade; de considerar o caráter de acontecimento do discurso e de suspender a superioridade dos significantes. Não se trata, é importante ressaltar, de recusar a verdade verificada, mas questionar de que maneira o saber atravessa e como se relaciona com o poder.

Ainda de acordo com Weedwood (2002, p.68) (LIVRO 1), a linguagem é um sistema de comunicação de variados sentidos e, por esse motivo, podemos falar sobre *linguagem animal*, *linguagem corporal*, *linguagem de computadores*, dentre outros termos. Para a linguística, contudo, interessa a linguagem representada pelas línguas naturais, o que possibilita a comunicação e a interação humanas. A matéria da linguística, em outros termos, é constituída por todas as manifestações da linguagem humana. Desse modo, a linguagem verbal atua como expressão do pensamento, como um instrumento de comunicação e, ainda, como um veículo de interação social. A linguagem é, portanto, uma instituição social cujo sistema autônomo se define por relações imanentes. As três concepções de língua(gem) apresentadas no LIVRO 1, embora apenas mencionadas e não melhor detalhadas, têm implicações ao passo que são o ponto de ancoragem para as concepções de texto, sujeito e gramática. Não foram elucidadas essas concepções, já discutidas por diversos outros autores, e, portanto, não foram apresentados outros olhares sobre aquilo que a autora menciona como as manifestações da linguagem humana, de interesse da linguística.

Seguindo o LIVRO 1, em contrapartida, há duas abordagens da linguagem que podem ser compreendidas: a particular, que se dedica aos fenômenos físicos que diferem as línguas (e que se assemelham às ciências biológicas em virtude dos métodos e resultados) e a universal, que se concentra nos princípios subjacentes à linguagem (com inspiração no método da filosofia e da lógica). Desse modo, há uma constante alternância entre uma abordagem e outra seja de maneira mais declarada, assim como uma competição entre as escolas que as seguem, seja de maneira mais pontual, conforme evidenciam os resultados de trabalhos desenvolvidos pelos

estudiosos. Uma das abordagens, a particular, é a corrente dominante da pesquisa científica e, nas palavras de Weedwood (2002, p.68), “a outra, depreciada pela corrente dominante, torna-se clandestina, fomentada por alguns *excêntricos* ou por pequenos grupos periféricos, isto é, geográfica e intelectualmente distantes do centro” (grifo no original).

O que é produzido quando é dito que a corrente clandestina, desprezada pela dominante da pesquisa científica e que, acrescento, segue os pressupostos de uma corrente positivista, é promovida por grupos periféricos (geográfica e intelectualmente distantes do centro)? O entendimento da base sólida da cientificidade provoca uma tensão nessas duas abordagens e as colocam em paralelos opostos, em vias distintas. É feita uma separação, como já comentado no caso das ciências *hard* e *soft*, em que o conhecimento teórico tem como objetivo a verdade e o conhecimento prático preza pela eficácia. Além disso, por que foi escolhido dizer sobre essas abordagens (particular e universal), e não outras? Ou, ainda, por que também não foram faladas outras, assim como as apresentadas?

Se colocássemos, assim como sugere Foucault (2008), em suspenso as verdades sobre a ciência, essas calcadas no Iluminismo e nos preceitos positivistas, e pensássemos, assim como sugere Latour (1994), em como se pratica a atividade científica e nas relações estabelecidas entre essa prática e a sociedade, nos restaria a dúvida e o questionamento – assim penso eu – sem declarações contumazes a não ser desconfiadas, cautelosas. Pensemos (n)a ciência como uma invenção e que, a partir desses pressupostos *inventados*, a linguística é introduzida nas relações de poder, em que saberes são questionados e poderes atuam sobre as condutas do sujeito. Esses discursos que produzem verdades nos subjetivam, nos produzem enquanto pesquisadores/as, cientistas, linguistas.

Dessa forma, saliento para a relevância de percebermos e de discutirmos como esses sentidos, que priorizam uma maneira dentre outras, direcionam a um entendimento de linguística, com base em apenas um entendimento de ciência. Intento fazer ver as conexões entre essa ciência, repito, inventada, e as linguísticas as quais articulam modos de ver e de pensar, e também agir, em relação a esses pilares e que, além disso, contribuem para entendermos como se constitui o sujeito cientista e linguista.

Por esse motivo, também, argumento o quanto esses textos têm legitimidade, visto que circulam em ambientes legítimos, em ambientes entendidos como

detentores da verdade e do saber científico. O LIVRO 1, por exemplo, é uma obra básica e/ou recomendada na bibliografia presente em ementas²¹ cujas disciplinas (nomeadas, em sua maioria, de Linguística Geral, Linguística I, Fundamentos de Linguística e Estudos da Linguagem) integram a grade curricular de Cursos de Letras das Universidades Federais, dentre outras, de Alagoas (UFAL); de Goiás (UFG); de Grande Dourados (UFGD); de Juiz de Fora (UFJF); de Minas Gerais (UFMG); do Maranhão (UFMA); do Pampa, Campus Bagé e Jaguarão (UNIPAMPA); do Paraná (UFPR); do Rio Grande do Norte (UFRN); de Santa Catarina (UFSC) e de Santa Maria (UFSM). O LIVRO 1, por exemplo, é recomendado em um documento institucional e opera enquanto um monumento que institui um significado em um dado momento.

Até este momento, conforme sinalizei no início deste Capítulo, trouxe à discussão a leitura que fiz de alguns capítulos do LIVRO 1. Estabeleço, de qualquer modo, ligações com outros dizeres, sobretudo porque concordo com Fischer (2001, p.198) quando menciona, inspirada em Foucault, que nos discursos não existem conteúdos escondidos, “há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento”. De acordo com as lentes foucaultianas, os enunciados estão sujeitos a uma materialidade, isso quer dizer que um enunciado pode ser o mesmo, contudo desempenhará diferentes funções enunciativas de acordo com o lugar de onde se enuncia. O discurso é um espaço onde se articulam saberes e poderes, uma vez que quem fala, fala de algum lugar. Dessa maneira, é possível perceber que enunciados que compõem o discurso do LIVRO 1 inscrevem-se em um regime de verdade e fomentam verdades em relação à ciência e à linguística, especialmente teórica, mas, também, indicam contornos para a LA.

A construção de significados não se dá de maneira isolada. Os significados construídos a partir dessas verdades ocorrem em referência a outras afirmações de outros campos do saber. O significado é constituído por meio de associações e a linguística, portanto, se constitui nessa arena de saberes e de significados em que verdades são produzidas por sujeitos e em espaços autorizados cuja dominância é daquilo que se estabeleceu por ciência – o que teimo em chamar de ciência inventada. O discurso da/sobre ciência dispõe de regimes de verdade que

²¹ Para chegar a essa informação, pesquisei, por meio dos sites dos Cursos de Letras das principais universidades federais, os projetos pedagógicos. Não são todos os cursos que disponibilizam esse documento, portanto, em pesquisa no Google Acadêmico, indiquei a referência do livro para verificar as citações dessa obra em ementas de disciplinas.

caracterizam quais conhecimentos são *certos* (ou não) e, por conseguinte, mais *verdadeiros*. Assim, conforme sugere Foucault (2015), podemos questionar como funcionam discurso, saberes e poderes, entendendo o funcionamento das *coisas*: como elas me constituem, enquanto sujeito inserida nessa trama, e como eu (sujeito) constituo essas *coisas*. Somos subjetivados pela ciência e pelos estatutos do saber, estes que estão presentes nos livros, nos manuais, nos dispositivos legitimados.

Também como sugere Foucault (2015), propus fazer uma analítica da contemporaneidade, aqui localizada, e questionar de que maneira um acontecimento pode se tornar um regime de verdade perceber que os sujeitos e as *coisas* não são dados no mundo, são frutos das práticas discursivas. Objetivei, dessa forma, ao trazer a minha leitura, identificar o que sustenta a conceituação atribuída à linguística e compreender como esse discurso atua como um dispositivo de poder, como atua potencializando certos dizeres e produzindo significados.

3.2 VOU COLECIONAR MAIS UM SONETO / OUTRO RETRATO EM BRANCO E PRETO²²

A partir de agora, inicio a segunda parte deste Capítulo apresentando tão somente os recortes (retratos!), ou as capturas, dos objetos de estudo alinhados ao referencial teórico-metodológico que, honestamente, prefiro chamar de contribuições – soa-me um tanto quanto engessado insistir nessas nomenclaturas de ordem conceitual, embora eu já as tenha usado em demasia até este momento.

Começo pelo material didático da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que será tratado aqui como MANUAL 1. Encontrei esse manual utilizando a palavra-chave *linguística ciência* no site de busca por textos acadêmicos, Google Acadêmico. Assim, tive acesso ao catálogo do Centro de Educação Superior à Distância (CESAD) da UFS onde fica hospedado o acervo digital de algumas disciplinas do Curso de Letras-Português a distância. No site do CESAD, não consegui acesso ao site do Curso, uma vez que, ao clicar no link correspondente, o

²² JOBIM, Tom; BUARQUE, Chico. Retrato em Branco e Preto. In: *Chico Buarque de Hollanda Volume III* (Álbum). LP. Gravadora: RGE, 1968. Faixa dois – LADO A, 3'18". Ouça aqui: <https://goo.gl/GtHDnt>.

redirecionamento é para a página da CAPES, no sistema UAB (Coordenação de Pessoal de Nível Superior – Universidade Aberta do Brasil, respectivamente). Meu interesse nesse site era em ter acesso ao Projeto Pedagógico do Curso ou, pelo menos, à ementa da disciplina para a qual o MANUAL 1 é dedicado.

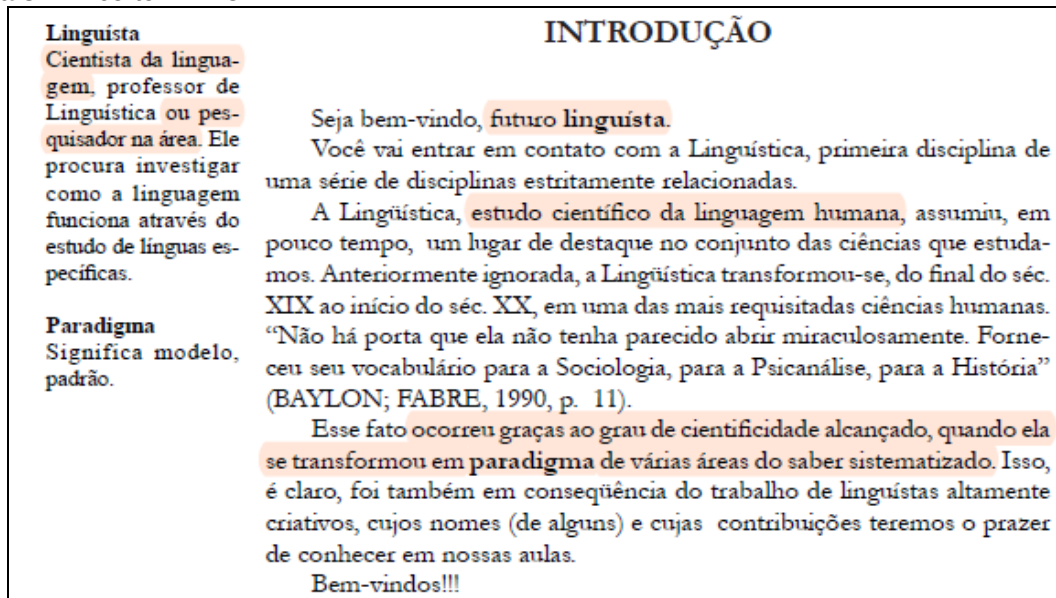
De acordo com as informações constantes na ficha catalográfica, esse manual foi elaborado para disciplina de Linguística para compreender 20 aulas. O primeiro módulo, *Aula 1*, intitulado *Linguística como Ciência*, tem como meta “apresentar a Linguística como ciência e sua importância para o curso de Letras” (*idem*, p.10) e cujos objetivos são expressos da seguinte maneira: “ao final desta aula, o aluno deverá: identificar o objeto da Linguística; apontar os objetivos gerais da Linguística estruturalista; e listar os objetivos da Linguística para o Curso de Letras” (*idem, ibidem*). Entendo, de acordo com a leitura de todo este manual, que o propósito da disciplina a que ele se refere é abordar os aspectos da linguística tão somente de Ferdinand Saussure – embora não tenha tido acesso ao conteúdo programático, constante na ementa da disciplina.

Diferentemente do LIVRO 1, o MANUAL 1 não está presente em ementas de diferentes disciplinas de linguística em Cursos de Letras de distintas instituições. Trata-se de um material pensado e organizado especialmente para a disciplina alvo, ou seja, é um recorte adaptado de diferentes outros textos, que foram selecionados e agrupados em um único arquivo, e apresenta imagens e outros recursos linguísticos para aproximar o autor do leitor – característica comum de materiais elaborados para disciplinas de cursos EaD. Para esclarecimento, no sistema da UAB, esses materiais são produzidos por um professor conteudista, encarregado de desenvolver conteúdo e material didático para uma disciplina. As disciplinas, por sua vez, são ministradas por um professor formador, aquele que ministra o conteúdo desenvolvido pelo professor conteudista e, ainda, que é responsável pela orientação e pelo acompanhamento dos tutores (os tutores presenciais atuam diretamente nos polos, esclarecendo dúvidas, e os tutores a distância são os responsáveis pela correção de exercícios e provas)²³. Conforme argumentei em outro momento deste texto, independentemente de ter grande difusão na esfera acadêmica, os objetos de estudo selecionados são vistos, constituem significados e elegem determinadas formas de dizer, e não outras. Embora seja um material de acesso a todas as

²³ Informações coletadas no site da UAB, das definições e condições dos agentes do sistema UAB. Disponível em: <https://goo.gl/q68Xcs>. Acesso em: fev., 2019.

peçoas, uma vez que está disponível na rede, é destinado ao “futuro linguista”, matriculado na disciplina, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 – Excerto MANUAL 1.



Fonte: PEDROSA (2009, p.8) (Realces feitos por mim).

De acordo com a autora do MANUAL 1, a Linguística tornou-se requisitada e recebeu lugar de destaque dentre as ciências humanas em virtude do grau de cientificidade alcançado (Figura 3, grifo que fiz) quando, enfim, graças a alguns linguistas, se transformou em paradigma de várias áreas do saber (MANUAL 1, 2008, p.8). Antes de falar sobre os paradigmas, chamo a atenção para a *definição* atribuída ao linguista (canto superior esquerdo da página, na Figura 3): cientista da linguagem ou pesquisador da área. Ou uma coisa, ou outra. Em dado momento deste texto, quando discorri sobre as contribuições de Latour (1994, 2005, 2011), questionei sobre o que *separa* pesquisadores de cientistas. Volto a fazer essa pergunta, com base no exposto no MANUAL 1. Podemos entender que, movidos pelo modelo clássico de ciência, assim como sugere Latour (1994), nem mesmo os pesquisadores se consideram cientistas, porque se veem falidos da *verdadeira ciência*. Ciência e pesquisa são percebidas como atividades distintas, em que nesta há a investigação sujeita à incerteza e, naquela, há a certeza sem mais processos. Trata-se de uma ciência em combate, cujos problemas são criados pelos regimes do discurso. É em meio a esses atravessamentos que são constituídas as identidades dos pesquisadores/cientistas da linguística, os/as linguistas.

Mas vamos ao paradigma: termo de origem grega utilizado para expressar o sentido de *modelo*. Paradigma pode fazer menção à relação paradigmática, correlativa à relação sintagmática – que se refere à relação entre um elemento em uma determinada posição na frase e outro elemento com o qual ele é sintaticamente permutável. Esse termo também nos faz lembrar do físico e filósofo da ciência Thomas Kuhn, que entende a ciência como teoria ou sistema de aceite por uma comunidade científica que, durante algum tempo, orienta sua atividade.

A ciência para Kuhn (1998), além disso, inclui regras metodológicas, elementos axiológicos e metafísicos. O físico estadunidense, ao desenvolver os estudos sobre a história da ciência, apresenta uma oposição entre as concepções da ciência: entendida como uma atividade racional e controlada e, de outro modo, entendida como uma atividade concreta que, com o passar do tempo, apresenta distintas peculiaridades, além de características próprias.

É a partir dessas perspectivas, presentes em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, que Kuhn (1998) ocasiona uma revolução científica – utilizo a ambiguidade propositadamente. De acordo com o enfoque historicista, a ciência (como atividade concreta), progride de acordo com algumas fases, dentre elas: o estabelecimento de um paradigma; a crise; a revolução científica; e o estabelecimento de um novo paradigma. Além disso, o filósofo argumenta sobre a ciência normal e a ciência revolucionária. Na primeira, a comunidade científica segue modelos bem estabelecidos, os quais descrevem os fatos observáveis. Dessa forma, os cientistas compartilham técnicas, métodos, bem como objetos de estudo, de maneira consensual. Contudo, ao ocorrer acúmulo de dados que refutam o paradigma ocorrem, também, explicações paralelas que, quando agrupadas, ocasionam uma crise no paradigma. Trata-se da fase revolucionária: quando ocorre, enfim, o avanço da ciência. Um novo paradigma surge, então, a partir da reflexão de indivíduos que estão atentos às crises e são mais flexíveis em relação às regras estabelecidas.

Para Kuhn (1998), portanto, as ciências se desenvolvem a partir de processos de rupturas, e são caracterizadas pelo experimento, que gera segurança, e a prova. Há, vale lembrar, uma hegemonia paradigmática, em que o progresso é uma condição reservada quase que exclusivamente às atividades daquilo que entendemos por ciência. As ciências são carregadas de instrumentos (instrumentação) e eles próprios geram novos problemas. As Ciências Humanas, por

esse prisma, possuem objetos muito pouco prováveis, difíceis de serem (com)provados. O atraso das Ciências Sociais, de acordo com Kuhn (1998), se dá em virtude do caráter pré-paradigmático.

Conforme já mencionei, quando falava sobre o LIVRO 1, a linguística ocasiona uma ruptura e se instaura enquanto uma ciência extraordinária, uma vez que desenvolve um novo quadro teórico, um novo paradigma. Segundo a autora do MANUAL 1, conforme mostra a Figura 4, na próxima página, no canto superior direito, Saussure é “considerado o pai da linguística moderna porque sistematizou o estudo da linguagem e estabeleceu princípios científicos para o estudo da língua, objeto da Linguística” (PEDROSA, 2010, p.9). Essa afirmação vai ao encontro do que também é dito no LIVRO 1 (WEEDWOOD, 2002) e já comentado no item anterior: somente após o *estabelecimento de princípios científicos* para o objeto de estudo é que se pode considerar a linguística como uma ciência.

As ideias de Saussure, que estabelece a linguística como ciência autônoma, se apresentam como um novo paradigma metodológico, uma vez que estabelecem o estudo do funcionamento da língua. Nesse período, a ciência é marcada pela universalidade de explicação dos fenômenos. Desse modo, ao explorar o caráter concreto e homogêneo da língua, recorte feito por Saussure, explora-se a noção de sistema sujeita à classificação dos elementos que compõem o todo. Assim, ao dar ênfase à descrição da língua (e não à evolução) e à função dos elementos dentro de um sistema, foi possível estabelecer um caráter de autonomia, embora a partir de uma a-historicidade.

Figura 4 – Excerto MANUAL 1.

Linguística como Ciência	Aula 1
A ORIGEM	
Atualmente a Linguística é reconhecida como ciência. Mas eu lhe digo que nem sempre esta disciplina apresentou esse perfil, pois, na verdade, o estudo da linguagem humana passou de uma disciplina literária, de função auxiliar, para uma ciência, na acepção plena do termo. Antes da contribuição de Saussure, o objeto da Linguística não havia sido determinado ainda. Para que tal fato acontecesse, seria necessário que a ciência que se ocupa dos fatos da língua passasse por três fases: 1ª - Gramática. Estudo baseado principalmente no grego e no latim. Há predominância da língua escrita sobre a falada. É uma disciplina normativa que se preocupa com as regras do bem falar/escrever. Exemplo: Uso da crase – não ocorre crase diante de palavras masculinas, “mas, se houver nome feminino elíptico, a crase será obrigatória” 2ª - Filologia. As questões linguísticas são abordadas apenas para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua particular de cada autor, decifrar e explicar inscrições numa língua obscura ou arcaica. Como se fazem estudos filológicos? Veja a citação abaixo:	 Ferdinand Saussure Linguista suíço (1857–1913). É considerado o pai da Linguística moderna porque sistematizou o estudo da linguagem e estabeleceu princípios científicos para o estudo da língua, objeto da Linguística.

Fonte: PEDROSA (2009, p.9) (Realces feitos por mim).

A autora do MANUAL 1 também retoma as fases anteriores à linguística, assim como fez Weedwood (2002) no LIVRO 1. Explora-se, dessa forma, o marco paradigmático em que a linguística se encontra. Temos presente um dos mitos apontado por Latour (1994), o mito do cientificismo. De origem positivista, esse mito tem sua fonte no racionalismo cartesiano em que leis e proposições são referências paradigmáticas e estabelecem rigor e exatidão esperados ao modelo científico. Além disso, esse mito faz com pensemos que o conhecimento científico é uno, fechado, completo e coeso, quero dizer que é regido por leis específicas e deve, sobremaneira, atender a alguns *requisitos*, como ter um objeto bem delimitado, ter um método rigoroso e compreender, além disso, os *princípios científicos* metodológicos – estes serão comentados especialmente no excerto presente na Figura 6 (na página 61).

Cada sociedade, como já argumentava Foucault (2008), tem seu regime de verdade e acolhe discursos e os põe para funcionar como verdadeiros. Assim, a verdade produzida neste mundo produz efeitos de poder, autorizando determinadas

formas de ser no mundo. Do mesmo modo, os regimes de verdade são postos em funcionamento em instituições – neste caso, não somente a instituição de ensino em si, mas também o material didático – que os reproduzem. A partir da associação desses enunciados, novas ordens discursivas produzem novas práticas sociais. Os enunciados dão condições de possibilidade para existência de formas, produzem verdades e, além disso, se encontram em uma regularidade.

A Figura 5 mostra a retomada que a autora faz para evidenciar que a linguística recebe o “status de Ciência” ao definir o objeto de estudo – a língua.

Figura 5 – Excerto MANUAL 1, continuação da Figura anterior.

Foi na biblioteca de Alexandria que os textos de Homero passaram pela primeira tentativa de edição crítica. Zenódoto de Éfeso, primeiro diretor da biblioteca, comparou diversos manuscritos da *Iliada* e da *Odisséia*, em 274 a.C., tentando restaurar o texto original (GOMES, www.filologia.org.br).

Língua-mãe
Aqui, tem o sentido da primeira língua falada pelos seres humanos.

3ª - Gramática Comparada. Com a descoberta do sânscrito, língua sagrada dos hindus, no século XIX, por Sir William Jones, juiz inglês em Calcutá, os “linguístas” levantaram a hipótese da **língua-mãe** através de estudos comparados das línguas. Surge o método comparativo, estabelecendo o estudo do parentesco de várias línguas.
Exemplo: a palavra “pai”.

sânscrito	grego	latim	espanhol	português	francês	inglês	alemão
pitar	patér	pater	padre	pai	père	father	vater

Só após essas três fases é que a Linguística recebe o status de Ciência. É Saussure quem aponta e define, pela primeira vez, no final do século XIX, o objeto dessa ciência – a língua.



Fonte: PEDROSA (2009, p.9) (Realce feito por mim).

Essas delimitações e formalizações exatas e precisas correspondem a aspectos inerentes à ciência. É necessário, argumenta-se, que para não estar falido da verdadeira ciência, lembrando Latour (1994), distintas categorizações sejam atingidas, dentre elas o método – no caso da linguística, em princípio, estrutural. As práticas discursivas nos levam a entender que os princípios metodológicos marcam, em muitos casos, assim eu considero, a separação daquilo que pode ser considerado como ciência ou não: se atende a esses princípios, direciona-se para o

rol de ciências; em caso negativo, envia-se para o lócus das candidatas à ciências ou não-ciências.

Figura 6 – Excerto MANUAL 1.

Linguística	
Sincrônico	A partir da indicação de seu objeto, há necessidade de se identificarem os princípios metodológicos que dariam conta dessa nova ciência;
Diz respeito a um estudo estático da língua.	a) são estudados todos os fatos da língua; b) o objeto privilegiado da pesquisa lingüística é a língua escrita; c) o aspecto sincrônico no estudo da língua predomina sobre o diacrônico.
Diacrônico	Após essas primeiras considerações, acompanhe algumas afirmações que podemos emitir acerca da Lingüística.
Faz referência ao estudo histórico ou evolutivo dos fatos da língua. (Veremos exemplos destes estudos na 2ª aula).	

A LINGÜÍSTICA É UMA CIÊNCIA

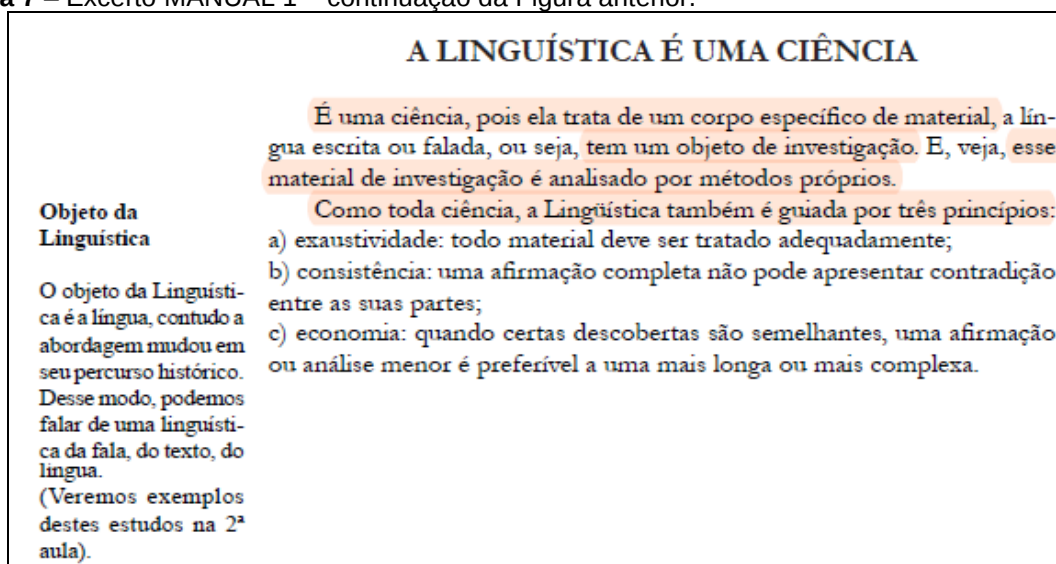
Fonte: PEDROSA (2009, p.10) (Realce feito por mim).

Outro mito da ciência apontado por Latour (1994) é o mito da neutralidade, em que a *verdade* de um objeto pode ser capturada sem que, nesse processo, haja *poluições* externas. É por meio de um método científico, de acordo com o discurso positivista, que a ciência, ou o cientista, consegue captar essa verdade do objeto e transmiti-la para a sociedade. Significa dizer que é possível descrever a realidade de maneira objetiva graças ao emprego rigoroso de um método adequado, eficaz. O método, assim, configura uma importante ferramenta que caracteriza a prática científica, tendo em vista que, com ele, seria possível alcançar resultados idôneos, exatos e objetivos que correspondem à realidade, ou seja, uma quimera, eu acrescento.

Assim como já argumentou Latour (2011), e eu concordo veementemente, para que a ciência seja posta em ação, é necessário que os sujeitos, cientistas, estejam movidos por esse feito, estejam interessados em atingir objetivos e estes são, por sua vez, movidos por ideais, muitas vezes não somente do pesquisador, mas também da comunidade científica. O pretense isolamento do cientista está conectado com as *coisas* humanas. O método, inclusive, não é escolhido aleatoriamente – aliás, quando há escolhas, há perdas, há *poluições*, há interesses.

A corrente positivista do século XIX, século no qual a autora do MANUAL 1 menciona que a Linguística recebe o “status de Ciência” (com letra maiúscula, conforme mostra a Figura 5, p.60), em virtude da definição do objeto de estudo²⁴, preconiza que o método seja embasado em hipóteses estabelecidas por meio de observação e experiência. Aplicar o método positivista com êxito é o que *atesta* a cientificidade das, até então, candidatas à ciência. Assim, os basilares da perspectiva positivista, que consistem na universalidade (caráter que determina aplicabilidade para diversos testes científicos) e na a-historicidade (aplicabilidade para teorias passadas e também futuras), influenciaram e contribuíram para as candidatas à ciência desse século, constituindo verdades (mitos) sobre atividade e conhecimento científicos. Embora esse não seja o método pelo qual os estudos linguísticos avançaram, atributos da corrente de Comte guiam a linguística, conforme tenho mostrado. Os estudos de Saussure superaram o método histórico-comparativo e deram lugar ao estruturalismo formalista que, embora conceba a linguagem como um fenômeno social, a analisa enquanto entidade formal (LEITE, 2010).

Figura 7 – Excerto MANUAL 1 – continuação da Figura anterior.



Fonte: PEDROSA (2009, p.10) (Realces feitos por mim).

A Linguística é *uma* ciência. Essa categórica afirmação, conforme expresso na Figura 7, bem como os três princípios que guiam a linguística (e toda ciência), remetem à definição dos postulados da vertente internalista de compreensão da

²⁴ Afirmação muito similar a disposta, e já discutida, no LIVRO 1.

natureza da ciência. Poderíamos dizer que a abordagem internalista se enquadra no modelo clássico da ciência, assim chamado por Latour (1994), e tem por base reformular a lógica da descoberta científica e da organização de padrões para análise da realidade a partir da evolução do conhecimento, posteriormente publicado em meio científico. O internalismo nega, além disso, a relação com o meio externo (mundo exterior, sociedade, comunidade, sujeito, etc.), tal como pudemos observar nas oposições apontadas por Latour (1994, e aqui mencionadas nas páginas 32 e 33).

A universalidade da ciência, expressa pelos três princípios (Figura 7), configura a pressuposição de um método (modelo clássico da ciência) e, por conseguinte, conjectura atingir uma verdade. A partir da racionalidade, e do modelo cartesiano, quatro estágios são necessários para que a verificabilidade seja atingida – verificar evidências que não deixem dúvidas em relação ao fenômeno estudado; dividir ao máximo o objeto de estudo em unidades; agrupar, novamente, essas unidades em um conjunto verdadeiro; e enumerar as conclusões para manter a organização e proceder com uma possível repetição. Dessa maneira, se os *estágios* forem cumpridos com êxito, o cientista chegará ao real resultado (a verdade científica). Se, contudo, questionarmos esse real resultado, se questionarmos essa verdade, a ciência se fragiliza. Do mesmo modo, questionemos a objetividade, marcada no método cartesiano, que pressupõe o distanciamento entre objeto x cientista. A concepção de língua adotada por Saussure torna esse objeto de estudo livre de subjetividade, já que o separa das *poluições* (abstrai-se o sujeito, a cultura e a história). Assim, sustenta-se a definição de um objeto de estudo, instaura-se a objetividade a esse objeto e, ainda, caracteriza-se o método estrutural e formal

Quando campos do saber situam o que pode ser dito, e por quem, ocorre a regularidade de uma formação discursiva. Nesse sentido, cabe questionarmos: a linguística, enquanto ciência, está pautada no modelo clássico? As *verdades* sobre a ciência estão configurando os modelos de pesquisa linguística? Os discursos fixam a linguística em um modelo moderno de ciência, associado à objetividade e exaustividade? Foucault (2000, p.507) problematiza o fato de as ciências humanas terem nascido do solo epistemológico moderno, não suficiente para defini-las como ciências. Diz o filósofo:

Inútil, pois, dizer que as *ciências humanas* são falsas ciências; simplesmente não são ciências; a configuração que define sua positividade e as enraíza na epistêmê moderna coloca-as, ao mesmo tempo, fora da situação de serem ciências; e se se perguntar então por que assumiram esse título, bastará lembrar que pertence à definição arqueológica de seu enraizamento o fato de que elas requerem e acolhem a transferência de modelos tomados de empréstimo a ciências (grifo no original).

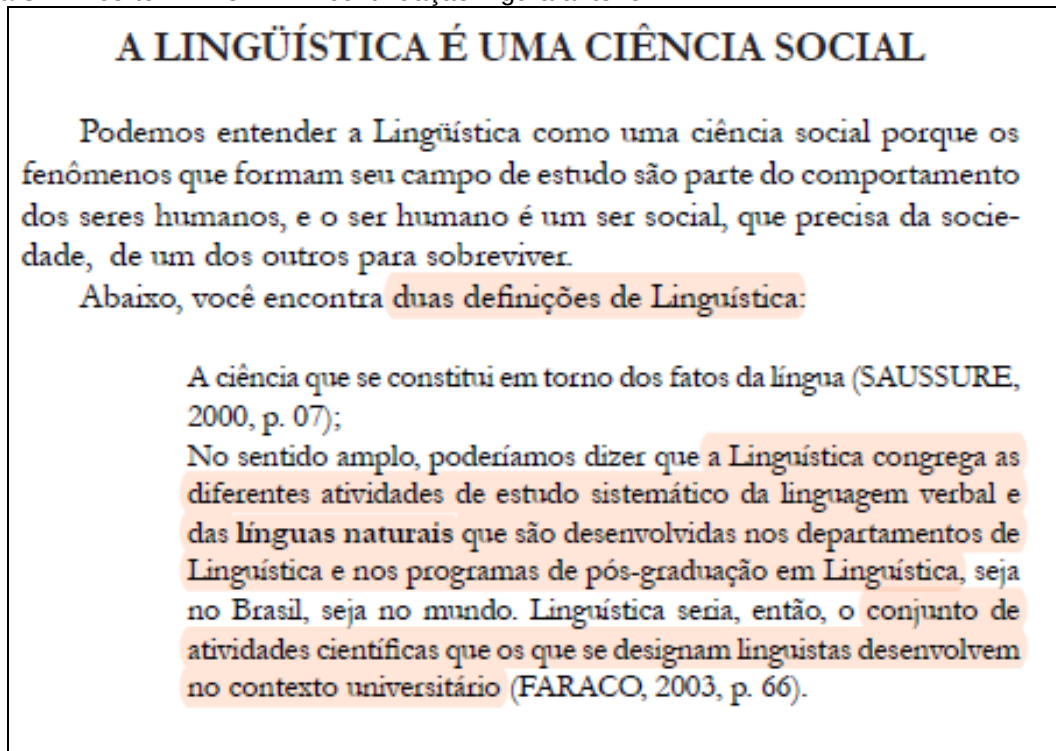
Conforme demonstrei no Capítulo anterior, Latour (1994) dedica-se em tentar rescindir com a visão, tanto do meio acadêmico-científico quanto do coletivo exterior, enraizada de/sobre ciência na busca, portanto, de suspender o discurso recorrente. Ressalto, corroborando a perspectiva deste autor, outro olhar que considera todo sujeito produtor de conhecimento científico como um sujeito implicado na atividade científica mesmo que não seja assim denominado formalmente e reconhecido socialmente, independentemente de métodos e/ou princípios que regeriam a (verdadeira) ciência. A prática/atividade científica é uma construção humana não somente no sentido de ser feita/praticada pelos humanos, mas também por ser constituída nas práticas discursivas. Falta, como já alertaram Latour (1994) e Lenoir (2004), unidade na ciência. Interpreto essa questão da seguinte maneira: o entendimento de distinção entre o fato (a ciência feita) e o feito (a ciência que se está fazendo) geram essa falta de unidade que separa os raciocinadores teóricos dos experimentadores práticos (LENOIR, 2004). São várias as competências a serem executadas para que a ciência seja feita. Contudo, aquilo que tomamos por ciência – atividade e prática científica – é que separam o que pode ou não pertencer a esse universo. De acordo com Lenoir (2004), os cientistas, em grande medida, estão engajados em legitimar o poder para, assim, definir os domínios do campo científico.

Para Foucault (2008), quando uma sociedade aceita determinados discursos como verdadeiros e os faz circular, tem-se, aí, um regime de verdade ordenado pela produção e circulação de afirmações. As relações de poder são exercidas nas práticas e nos campos de discurso. Significa dizer, em outros termos, e conforme sinaliza Lenoir (2004), que o discurso coerente e o exercício do poder são sustentados pelas disciplinas que os sistematizam, organizam e incorporam práticas sociais. São mecanismos que regulam relações e reforçam a condução da ciência.

O conhecimento é uma produção de verdade e a produção de verdade é estabelecida nas relações de poder. Os discursos lutam por legitimidade no jogo da

produção de conhecimento. A Figura 8 apresenta duas definições de Linguística, chamo a atenção para a segunda:

Figura 8 – Excerto MANUAL 1 – continuação Figura anterior.

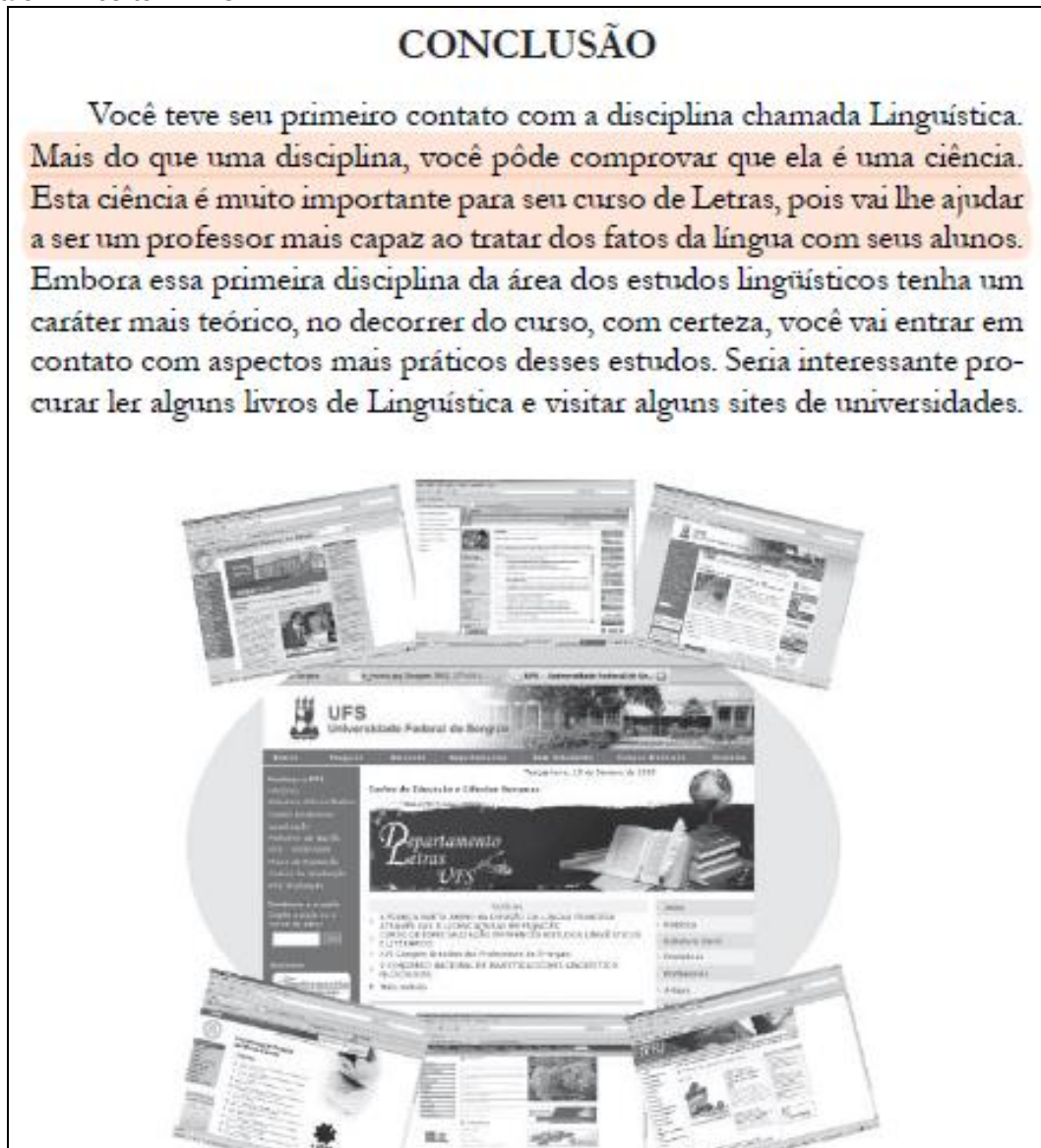


Fonte: PEDROSA (2009, p.10) (Realces feitos por mim).

Um estudo sistemático – neste caso, da linguagem verbal e das línguas naturais – converge para os pressupostos da universalidade da ciência os quais são desenvolvidos por aqueles que se designam linguistas. Dessa maneira, o conhecimento científico avança sistematica e rigorosamente. Se a linguística, aqui, é pautada como ciência, cabe entendermos, portanto, que os linguistas são cientistas. Conforme salienta Henning (2008), a ciência moderna mostra-se em um espaço legitimador e convida, a quem se diz cientista, a produzir as *esperadas* descobertas. Não são todos os indivíduos que podem falar da ou fazer ciência ou, ainda, sentir-se cientistas. É preciso, para tanto, estar em um espaço legitimado, como os departamentos e os programas de pós-graduação em Linguística (espaços reconhecidos por serem *detentores* do saber, já que inseridos em uma instituição de ensino) e proceder de maneira também legítima. Dessa maneira, também cabe questionarmos: qual o papel da universidade, dos centros, dos cursos e dos programas de pós-graduação nessa vanguarda?

Encerro a análise do MANUAL 1 com a conclusão do próprio material (referente à *Aula 1*), conforme mostra a Figura 9.

Figura 9 – Excerto MANUAL 1.



Fonte: PEDROSA (2009, p.14) (Realces feitos por mim).

Pudemos, com a discussão travada até aqui, comprovar que a Linguística é uma ciência? Insisto em reafirmar que não é de meu interesse saber ou comprovar se se trata ou não de uma ciência, e sim, mais importante nesta análise, investigar e problematizar de que maneira se articulam discursos sobre esse campo de estudo. Do ponto de vista metodológico, fiz recortes arbitrários do campo histórico aqui evidenciado sem estabelecer uma linearidade da história evolucionista. Cabe questionar e refletir sobre quais regras históricas e quais discursos estão sendo

enunciados para que a Linguística seja vista como essa Linguística. Independentemente de ponto de vista, em dado momento, alguém disse algo sobre esse campo e, desse modo, potencializa certos dizeres e produz determinados significados.

A partir de agora, trago para a análise o material que denomino COMPILADO 1. Trata-se de um livro organizado por um autor (MARTELOTTA, 2017) e que conta com 15 artigos de diversos outros autores. O livro é elaborado para “alunos de Letras, Linguística e áreas afins” e tem como proposta discutir, em linguagem simples e objetiva, “os aspectos que caracterizam a linguística como ciência” (*idem*, s/p) e “fornecer meios eficazes para a difícil tarefa de introduzir informações sobre uma ciência inteiramente desconhecida para a maioria dos estudantes brasileiros que ingressam em uma universidade” (*idem*, s/p²⁵). Provavelmente em virtude dessa proposta, a de utilização em sala de aula por professores e alunos, esse material conta também com exercícios ao final de cada artigo. As imagens que apresento são referentes à segunda edição – quinta reimpressão e cabe informar, contudo, que a primeira edição data de 2008.

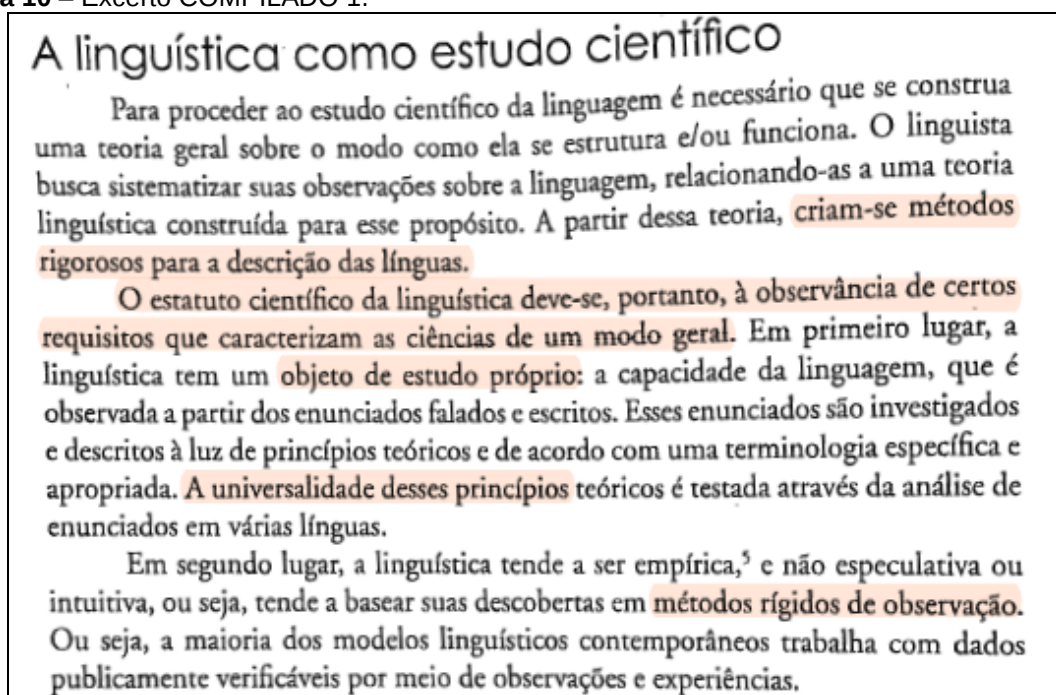
Na apresentação, o autor organizador ressalta que essa obra foi realizada com o objetivo de suprir necessidades de alunos e professores nas salas de aula de linguística, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Dessa forma, esse “manual introdutório aos princípios da linguística”, é composto por textos que discutem aspectos que caracterizam esse ramo do conhecimento como uma ciência (MARTELOTTA, 2017, p.11). Minha atenção deter-se-á ao primeiro artigo, intitulado *Linguística* e de autoria de Cunha; Costa e Martelotta. Os autores organizaram o texto com diversos subitens, dentre os quais: *conceituação, linguagem e língua a linguística como estudo científico e aplicações*.

Ressalto que a grande maioria dos textos por mim consultados, inclusive os que aqui não foram mencionados ou trazidos à discussão, são organizados da mesma forma apresentando, em um primeiro momento, não necessariamente nesta ordem, as conceituações pertinentes à área, a linha histórica de como e quando surgiram os estudos linguísticos e o momento em que (ou por quais razões) a linguística instaura-se como ciência. Na sequência, são abordadas questões relativas à natureza do estudo científico da linguagem, bem como tópicos que

²⁵ Essas informações constam na *orelha* e na contracapa do livro, respectivamente. Por esse motivo, indiquei como s/p – sem página.

mencionam as demais ramificações dentro do campo macro da linguística. Nesse sentido, percebo que os dados chegam à exaustão, já que dizem, mesmo que de variadas formas, os mesmos dizeres ancorados sob a ótica dos padrões preconizados pela filosofia de Comte. Por essa razão, trago a Figura 10 para introduzir esse objeto de estudo e, na sequência, dedico maior destaque ao que os autores dizem sobre as aplicações da linguística.

Figura 10 – Excerto COMPILADO 1.



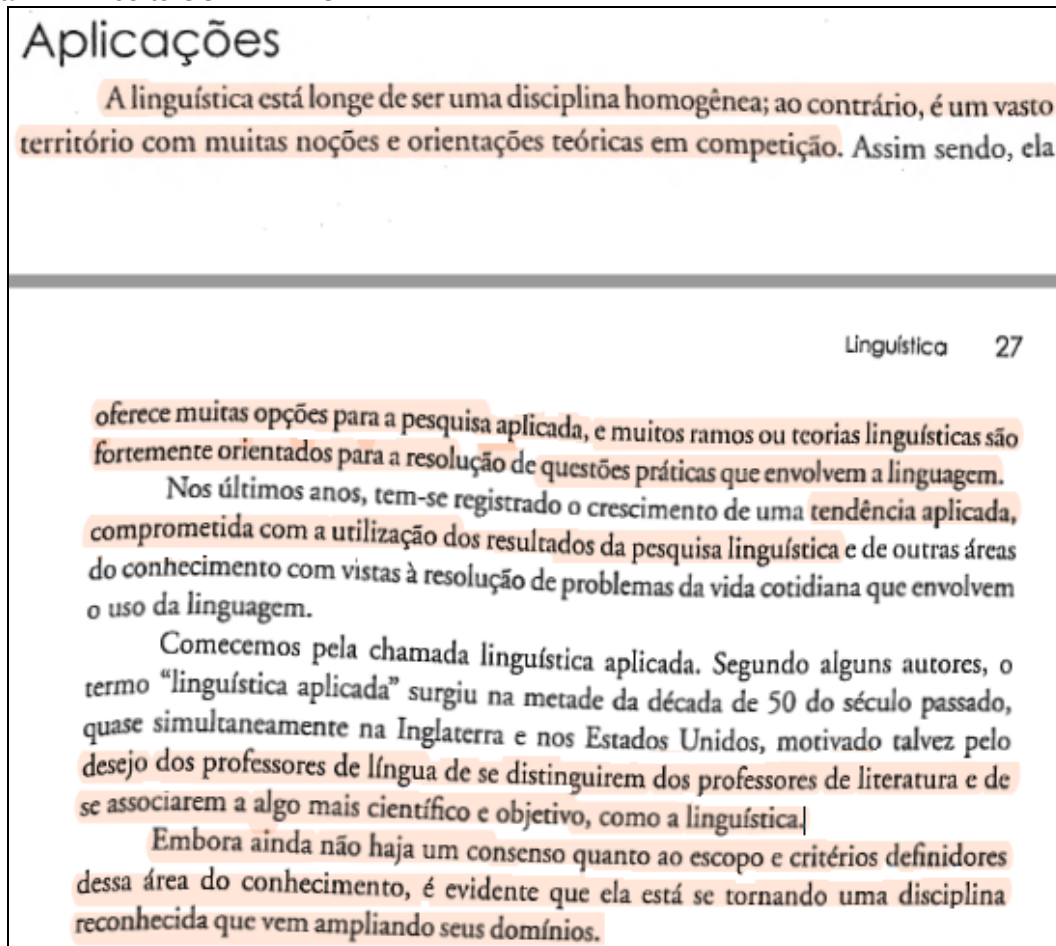
Fonte: CUNHA; COSTA; MARTELOTTA (2017, p.20) (Realces feitos por mim).

Como há pouco mencionei, da mesma forma como os demais objetos de estudo aqui já tratados, este aborda os *requisitos* que caracterizam as ciências e os quais a linguística assume – delimitação de objeto de estudo, universalidade de princípios, métodos rigorosos de análise, *características* já bastante discutidas. Há um consenso e uma uniformidade daquilo que é dito – e por que dito dessa forma? A partir da ordem do discurso e das regularidades discursivas nos tornamos o que somos, somos subjetivados e tomamos os efeitos de verdade.

Dentre os materiais consultados, há predominância da linguística tão somente saussureana, como uma área coesa e com unidade. Mesmo em se tratando de textos que se classificam, eles próprios, como introdutórios, não há indicação de que outras vertentes serão abordadas ou que devam ser consultadas em outras obras para maior aprofundamento do conteúdo. Alguns, entretanto, fazem menção à

linguística aplicada e, quando o fazem, também elegem algumas formas de dizer, conforme mostra a Figura 11.

Figura 11 – Excerto COMPILADO 1.



Fonte: CUNHA; COSTA; MARTELOTTA (2017, pp.26-27) (Realces feitos por mim).

Concordo com os autores do COMPILADO 1 que a linguística não é homogênea e que há muitas noções e teorias em competição, na luta, acrescento, pela legitimação de saberes. É dessa forma, conforme elucida Lenoir (2004) que os cientistas estão engajados em legitimar o poder para definir domínios do campo científico em que eles têm interesses. Percebemos, para além dos mitos que sondam a ciência, como já apontado por Latour (1994), os mitos fundadores, conforme ressalta Lenoir (2004): o destaque que é dado às teorias *fundadoras* ou às pessoas que assumem o caráter de fundadoras de tais teorias. Assim, é claro o destaque dado para a instauração da linguística como ciência após o marco de Saussure ao definir o objeto de estudo.

Diferentemente da autora do LIVRO 1, que restringiu a visão da LA tão somente a aplicadora das teorias, os autores do COMPILADO 1 abriram o leque e pontuam a resolução de questões práticas que envolvem a língua. Contudo, caem na armadilha de limitar a LA como *utilizadora* de teorias linguísticas – como se esta necessitasse de algum resultado dado para proceder, então, com um novo processo de investigação. Além disso, mencionam que a LA surgiu da necessidade de professores de língua se distinguirem dos de literatura e, ainda, de se associarem a algo *mais científico* e objetivo, como assim é entendida a linguística. Em mais essa passagem, retomo Latour (1994) quando menciona sobre a não identificação dos cientistas/pesquisadores com os seus próprios fazeres. Incontestavelmente, a LA tem alargado seus domínios e não só é reconhecida como uma disciplina, mas como um campo de estudo (voltarei a essa questão na sequência do texto, quando propuser a discussão sobre a LA).

Ainda que os autores do COMPILADO 1 apresentem outras perspectivas da LA, ainda assim, são escolhidas algumas formas, e não outras conforme mostra a Figura 12.

Figura 12 – Excerto COMPILADO 1.

A colaboração da linguística aplicada em projetos linguísticos tem contribuído para disseminar um maior conhecimento na comunidade letrada da natureza da linguagem e do seu papel na sociedade, além de ter despertado uma disposição entre os linguistas aplicados de examinar conceitos de outras disciplinas e determinar sua relevância para a linguística aplicada.

Num contexto em que o ensino de línguas tem sido encarregado da *proteção* ou *defesa* da linguagem *correta*, a linguística tem sido aplicada, em maior ou menor grau, em contextos de aprendizagem de língua (ver o capítulo “Linguística e ensino”). Os estudiosos da língua têm usado informações linguísticas em tarefas educacionais, e os professores de língua têm se debruçado sobre as descobertas dos estudiosos para definir tanto o que será ensinado em sala de aula quanto o modo como será ensinado. Nesse sentido, a aplicação de informações linguísticas na resolução de problemas reais não pode ser considerada uma orientação recente.

As aplicações da linguística não se restringem, porém, ao domínio do ensino de línguas ou ao campo de atuação da disciplina denominada linguística aplicada; outras áreas utilizam, produtivamente, as descobertas teóricas da pesquisa linguística para fins práticos, como a afasiologia, a inteligência artificial, a tradução automática e o desenvolvimento de *softwares* capazes de traduzir a fala humana em escrita e vice-versa.

Fonte: CUNHA; COSTA; MARTELOTTA (2017, p.28) (Realces feitos por mim).

Embora a minha proposta seja a de problematizar o significado que está sendo construído por meio dos discursos presentes nos textos que conceituam, trago a Figura 13 que apresenta os exercícios listados ao final do artigo em questão, como uma retomada daquilo que foi apr(e)endido com a leitura desse texto.

Figura 13 – Excerto COMPILADO 1.

Exercícios

- 1) Faça um comentário acerca do conceito de “linguística” apresentado no início do texto: “disciplina que estuda cientificamente a linguagem”.
- 2) Que argumento(s) poderia(m) ser usados para privilegiar a análise da língua falada?
- 3) Aponte um aspecto que caracterize a relação entre a linguagem e nossa estrutura neurobiológica e comente sua escolha.
- 4) Que aspectos caracterizam a linguística como o *estudo científico da linguagem*?
- 5) Estabeleça uma distinção entre linguística, filologia e semiologia.
- 6) Cite algumas áreas em que os resultados da pesquisa linguística podem ser aplicados.

Fonte: CUNHA; COSTA; MARTELOTTA (2017, p.28).

A questão um solicita que seja feito um comentário a respeito do conceito de linguística e a questão quatro, por sua vez, pede que sejam elencados os aspectos que caracterizam a linguística como o *estudo científico da linguagem*. É evidente que esses exercícios retomam as abordagens feitas no texto ao qual eles se referem. Portanto, para essas questões, que poderão ser consideradas como *certas* ou *erradas*, uma visão é tomada como verdade, um conceito é entendido como correto, verdadeiro. Se o COMPILADO 1 tem como objetivo instruir e colaborar com alunos e professores, em aulas/disciplinas de cursos de Letras, quais as verdades sobre linguística estão sendo produzidas para esses – talvez – linguistas em formação²⁶?

Em mais esse momento, retomo sobre a legitimidade desses textos que circulam na esfera acadêmica, em ambientes em que o saber legítimo é o científico. Assim como o primeiro objeto de estudo aqui demonstrado, o COMPILADO 1 está inserido na bibliografia básica e/ou recomendada em disciplinas nomeadas como Estudos da Linguagem; Estudos Linguísticos II; Fundamentos dos Estudos

²⁶ Nem todos os estudantes de Letras, futuros profissionais de Letras, portanto, dedicar-se-ão à Linguística. Contudo, podemos mensurar que para ser um linguista é necessário ter sido, antes, um estudante de Letras.

Linguísticos e Introdução aos Linguística I, por exemplo²⁷ de Cursos de Letras de Universidades Federais, dentre outras, de Goiás (UFG); de Juiz de Fora (UFJF); de Pernambuco (UFPE); de Roraima (UFRR); de Uberlândia (UFU); do Pampa, Campus Bagé e Jaguarão (UNIPAMPA); do Recôncavo da Bahia (UFRB); do Rio Grande do Norte (UFRN); Fluminense (UFF), além da Estadual de Campinas (UNICAMP). Do mesmo modo como o LIVRO 1, o COMPILADO 1 atua enquanto um monumento que institui um significado em um dado momento.

Para além dos textos que abordam majoritariamente a Linguística enquanto área unificada, os materiais voltados especialmente para as disciplinas de Linguística Aplicada traçam diferentes contornos e outras abordagens para os dizeres até aqui discutidos. É o que veremos com o próximo objeto de estudo, que denomino como MANUAL 2. Trata-se de um material didático elaborado para a disciplina de Introdução à Linguística Aplicada, do Curso de Licenciatura em Letras – Espanhol na modalidade a distância da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O acesso a esse material deu-se da mesma forma como foram encontrados os demais manuais consultados, ou seja, em pesquisa realizada por textos acadêmicos, no buscador Google Acadêmico, utilizando o descritor *linguística ciência*. Assim, tive acesso ao repositório institucional da UFSC onde ficam hospedados, dentre outras obras, os materiais didáticos elaborados pelos professores dessa instituição. Após acesso ao manual, acessei o site do Curso em busca das ementas da disciplina ou do Projeto Pedagógico. Este não foi encontrado, contudo há disponível para *download* um ementário simplificado de todas as disciplinas da grade curricular. Para a disciplina a que esse manual é dedicado, consta a seguinte informação: “Estudo crítico introdutório sobre os fundamentos teóricos da Linguística Aplicada no que tange ao processo de ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras²⁸”.

De acordo com a ficha catalográfica e introdução, o MANUAL 2 foi elaborado para disciplina de Introdução à Linguística Aplicada, cuja carga horária é de 30h/a, e tem como objetivo, dentre outros, “responder a questões essenciais como ‘o que é Linguística Aplicada?’, ou seja, ‘Como a disciplina é definida, conceituada por diferentes autores?’, ‘Que conteúdos compõem a disciplina?’, ‘Que áreas de

²⁷ A pesquisa das ementas das disciplinas, ou do Projeto Pedagógico dos Cursos de Letras, deu-se da mesma forma como foi realizada com o LIVRO 1.

²⁸ Fonte: Site Curso de Letras Português-Espanhol a distância UAB-UFSC. Disponível em: <https://goo.gl/7hj8ZE>.

pesquisa são desenvolvidas em seu domínio?” (CERUTTI-RIZZATTI; KOERICH; KUERTEN-DELLAGNELO, 2008, p.7).

Além disso, o MANUAL 2 é dividido em três unidades: na primeira, as autoras discutem sobre o surgimento da LA, traçando uma contextualização histórica, e descrevem a concepção que chamam de *habitual* em LA – faço essa menção, pois tenho interesse em perceber como as autoras dialogam sobre a concepção da LA como usuária de teorizações da LT. De acordo com as próprias autoras do MANUAL 2, o objetivo dessa abordagem é “refletir em que medida, de fato, a atividade do lingüista aplicado corresponde a essa limitação” (*idem, ibidem*). Na segunda unidade, é abordada a concepção emancipadora da LA, percebendo-a de maneira mais ampla, e a última unidade, por seu turno, tem como tópico a discussão sobre os “estudos contemporâneos que envolvem cognição, sociedade, cultura e história e ensino de língua estrangeira” (*idem, ibidem*).

Para a analítica que proponho, é de meu interesse excertos das Unidades A e B em que as autoras falam, em suas palavras, “a respeito da herança saussuriana [...] ter suscitado um olhar mais teórico para os estudos lingüísticos, havendo interpretações no sentido de que estudar a língua(gem) em uso corresponderia a uma opção *menos científica*” (*idem, ibidem* – grifo no original). As autoras mencionam, além disso, os estudos lingüísticos de natureza formalista, com as concepções gerativistas de Noam Chomsky, não abordados nos materiais analisados até então. Embora o marco *inaugural* da Linguística tenha ocorrido sob a vertente estruturalista, outros estudiosos da linguagem tiveram grande contribuição para os estudos lingüísticos na segunda metade do século XX. Ainda assim, foram eleitos alguns, e não outros dizeres para debate/apresentação nos materiais visto até este momento. É nesse sentido, também, que a consolidação da LA é entendida por muitos autores como dada em um momento de grandes disputas, já que surgiu quando o pensamento de Chomsky se tornava conhecido perante a trajetória de Saussure e pelo fato de o objeto da LA ter como foco o oposto dos estudos saussurianos e chomskyanos – a saber, a língua(gem) em uso em situações reais de comunicação.

Evidentemente, o MANUAL 2 fala sobre outros vieses, uma vez que tem como proposta abordar, principalmente, a LA, e não a LT. De toda forma, é a partir dessa perspectiva – de focar a LA – que chegarei a problemática desta tese, recapitulando, para analisar o que os textos da área de Letras dizem a respeito das

linguísticas e, assim, produzem como significados, e ao objetivo de apresentar como essas produções de sentido se manifestam nos textos que constituem a LA. A Figura 14 mostra como as autoras do MANUAL 2 narram a trajetória da LA.

Figura 14 – Excerto MANUAL 4.

LA: Um Olhar Sobre
a Concepção Habitual dessa Disciplina

CAPÍTULO 02

rigoroso de fatores externos como *sociedade, cultura e história*, variáveis que, nesse visão, comprometeriam a exatidão das teorizações. É a partir dessa configuração que a Linguística, como comentamos anteriormente, aproximou-se muito das chamadas ciências naturais.

Nesse contexto, dada a prevalência e o status da abordagem formalista, a *Linguística Aplicada*, um estudo ainda em busca de legitimação, encontrou sérias dificuldades para se colocar como campo produtor de teorias, sendo relegada à aplicação de teorizações abstratas e formais; mais uma vez, na visão de grupos de determinados estudiosos, um campo *menor*. Cabia à *Linguística Aplicada* tomar emprestadas, da linguística formal, teorias abstratas prestigiadas para, com base nelas, propor alternativas de solução a questões práticas de uso da *língua(gem)*. Como consequência, o trabalho dos linguistas aplicados ganhou conotações de atividade menos complexa e, possivelmente por isso, “menos científica”.

Definições “clássicas” dão conta dessa dimensão. Cabia à *Linguística Aplicada*, sob esse olhar, endereçar o conhecimento linguístico a algum objeto, não constituindo, ela mesma, um estudo teórico em si, mas tão-somente a *colocação em uso* de teorias previamente dadas. Assim, sob essa perspectiva, não era um campo de estudos potencialmente capaz de criar teorias; cabia-lhe apenas dar aplicabilidade a teorias produzidas nos estudos formalistas.

O linguista aplicado, desse modo, seria um consumidor ou um usuário de teorias; estaria focado no estudo da língua e da linguística no que concerne a problemas práticos, tais como lexicografia, tradução, patologias da fala, ensino de línguas, entre outros enfoques. (KUMARAVADIVELU, 2006). Widdowson (1996, p. 125), nessa linha de raciocínio, definiu a *Linguística Aplicada* como “[...] uma área de investigação que procura estabelecer a relevância de estudos teóricos da linguagem para problemas cotidianos nos quais a linguagem está implícita.”

Nessa discussão, alguns teóricos avançaram, considerando a *Linguística Aplicada* como “[...] investigação *teórica* e empírica de problemas reais nos quais a linguagem é uma questão central [...]” (BRUMFIT, 1995, p. 27, grifo nosso); ou seja, não descartaram a ação teórica do linguista aplicado, mas, mesmo assim, em nosso entendimento, tomaram-no especialmente

21

Fonte: Cerutti-Rizzatti; Koerich; Kuerten-Dellagnelo (2008, p.21). (Realces feitos por mim).

Como já discutido aqui, a visão positivista da ciência atrelou-se aos pressupostos que definiram a linguística como ciência autônoma em que, para tanto, os critérios estabelecidos para alcançar o estatuto científico deveriam ser alcançados. Em sua primeira vertente, dadas as circunstâncias em que foi instaurada, a LA não dispunha dos mesmos artefatos e foi concebida, portanto, sob um status de menor relevância científica, considerada *menos científica*. Voltemos a pensar, como sugere Foucault (2015) que as verdades são produzidas e, portanto, que a ciência é/foi inventada. Os pressupostos que guiam a ciência são regidos por regimes de verdade que foram instaurados em dado momento e tomados como potencializadores. As verdades fabricadas e suscitadas constituem o caráter de *menor científicidade* ao estatuto da LA, ainda em sua primeira concepção.

As autoras do MANUAL 2 falam a respeito do surgimento da LA, e da concepção que a entende como *menos científica*, também a partir dos estudos formalistas de Chomsky. Segundo elas, o gerativismo chomskyano de perspectiva internalista aproximou ainda mais a linguística das ciências naturais, conforme mostra a Figura 15.

Figura 15 – Excerto MANUAL 2.

Ainda que houvesse interesse pelos estudos aplicados, esse contexto teria favorecido a não-priorização de pesquisas de cunho sociológico e antropológico em favor de pesquisas de natureza formal, entre as quais, e sobremaneira, os estudos gerativistas de Noam Chomsky. As abordagens formalistas aproximaram a Linguística das ciências chamadas “naturais” e, no entendimento de muitos estudiosos, tornaram mais científicas as pesquisas desse campo.

A concepção de que os estudos de base formalista conferem à Linguística maior científicidade, em novo entendimento, deve-se ao foco na imanência da *língua(gem)*, relativizando, se não denegando, o uso social a que se presta. As teorizações de base gerativista contribuíram de modo substantivo para a legitimação dessa concepção.

O gerativismo chomskyano é uma escola de pensamento que, historicamente, propõe representações quase matemáticas para as estruturas das línguas. Trata-se da busca dos universais lingüísticos, características compartilhadas por todas as línguas do mundo e que, em tese, consti-

Ao aproximar-se, cada vez mais, das ciências naturais, a LT fixa-se no campo da cientificidade e seus famigerados mitos. Na contramão, a LA, por ter como base as implicações da utilização das línguas pelo sujeito – aspectos *não científicos* – assume um caráter de *não-ciência*. Os pressupostos de Chomsky vão ao encontro da *ciência pura*, do modelo clássico de ciência (LATOURET, 1994): representações esquemáticas que traduzem a universalidade, princípios abstratos, adequação explanatória, objeto bem delimitado, método rigoroso, enfim a verdadeira ciência.

Conforme mencionam as autoras do MANUAL 2, e como pode ser observado na Figura 16, na próxima página, o pensamento de Chomsky foi determinante para a “estigmatização dos estudos linguísticos” de vertente sociocultural, como a LA. Assim, a construção do que vem a ser ciência determina significativamente o que (quem) está apto a exercê-la. Os discursos atuam como produtores de verdade e, por isso, torna-se necessário retornar ao passado para problematizar como se dá a construção do presente. Alguns saberes não são legitimados em virtude de os discursos atuarem como dispositivos estratégicos nas relações de poder. A partir do que é enunciado, relações são estabelecidas e são produzidos sistemas classificatórios para determinar, nesse caso, o que (quem) *pertence* ou não a ciência. Em dado momento, e aqui situo o contexto na metade do século XX, momento em que a LA surge, o discurso recorrente é o da vertente positivista, tão bem legitimado pelos pressupostos estruturalistas e gerativistas. É constituído, dessa maneira, o cunho da LA como não-científico. Os discursos estão engendrados nas relações de poder visto que estão pautados pelos campos associados a que fazem referência e autorizam emergir prescrições sobre, aqui trato, ciência.

O status de verdade é determinado por períodos. Já no século XXI, muito do que vigora a respeito da ciência advém das concepções de ciência, do modelo clássico, pautadas no século passado. Além disso, nem todos estão investidos do poder de falar sobre aquilo que é considerado verdade e aqui menciono os artefatos considerados legítimos, porque autorizados, porque são lugares em que os poderes e os discursos operam, trabalham e deixam rastros. A Figura 16 (especialmente o terceiro parágrafo), na sequência, mostra a visão das autoras do MANUAL 2 a respeito de como os pesquisadores da área dos estudos da linguagem passaram a perceber os estudos linguísticos que se debruçam sobre a língua como um objeto social, como o caso da LA.

Figura 16 – Excerto MANUAL 2.

Por que estamos fazendo esse registro? Para mostrar a você que, a exemplo do que registramos sobre Rajagopalan (2006) em referência anterior, o programa chomskyano tornou-se cada vez mais abstrato, mais matemático, aproximando-se muito das teorizações das ciências naturais, o que conferiu à Lingüística *status* diferenciado dentre as ciências humanas, afinal ela gozava de formalizações exatas, precisas, de abstração pura.

Essas considerações permitem-nos inferir que o fortalecimento da visão formalista nos estudos lingüísticos, evidenciada, sobretudo, na segunda metade do século XX, com Noam Chomsky e seus seguidores, projetou a lingüística, no mundo inteiro, como um campo de estudos eminentemente formal, insistimos, quase matemático. O grande sucesso do programa gerativista e a excelência reconhecida do pensamento de Chomsky parecem ter sido fatores determinantes para a estigmatização de grande parte dos estudos lingüísticos de base sociocultural e histórica, ou seja, os teóricos que tratavam a língua como representação cultural, não raro, viraram alvo de preconceito.

Muitos pesquisadores, desde então, passaram a conceber os estudos da língua tomada como objeto social uma atividade *menor* de pesquisa. A expressão metafórica “Isso é perfumaria.”, usada para designar tais estudos de base social, tornou-se recorrente nos bastidores de muitas universidades, revelando, em grande medida, concepções de ciência de fundamentação positivista.

Expliquemos isso melhor. O formalismo de Chomsky trazia consigo níveis de dificuldade bastante expressivos para que fosse compreendido, isso porque se ancorava em representações muito complexas, e poucos estudiosos nelas se embrenharam com tenacidade suficiente para dominá-las de fato. Logo, o nível de dificuldade e de abstração passou a ser concebido por muitos como sinônimo de *ciência*, porque implicava verificação, neutralidade e quase uma “asepsia”, um isolamento

Fonte: Cerutti-Rizzatti; Koerich; Kuerten-Dellagnelo (2008, p.20). (Realces feitos por mim).

A ciência de admirável rigor, que dispunha (questiono: dispõe?) de um objeto higienizado, livre das *interferências* do mundo e que é um parâmetro de cientificidade para as outras ciências humanas sustenta o discurso de que as discussões da língua, em uso pelos sujeitos, estes poluídos pelo e no mundo, com

fazeres, usos e implicações sociais e políticas estabelecem uma atividade de menor pesquisa. Na medida em que o século XX avança, e percebem-se outras formas de encarar os objetos de estudo, de diferentes perspectivas e olhares, percebe-se, também, a necessidade de questionar os pilares nos quais estão estruturadas as verdades. Não se trata de renegar a linguística de Saussure ou de Chomsky, das estruturas e dos isolamentos, das assepsias, conforme falam as autoras do MANUAL 2. A concepção de ciência, como já anunciou Latour (1994), caminha em direção à não obviedade, à não neutralidade, à não indissociabilidade entre sujeito e objeto. Em última instância, como já alertava Foucault (2015), trata-se das relações de poderes, das possibilidades de poder. Trata-se, sobretudo, da potencialidade dos discursos que instituem as verdades a serem praticadas pela sociedade, que também as produz, ressaltar. O olhar *habitual*, ainda habitual, acrescento, constitui a significação da LA, como mostra a Figura 17.

Figura 17 – Excerto MANUAL 2.

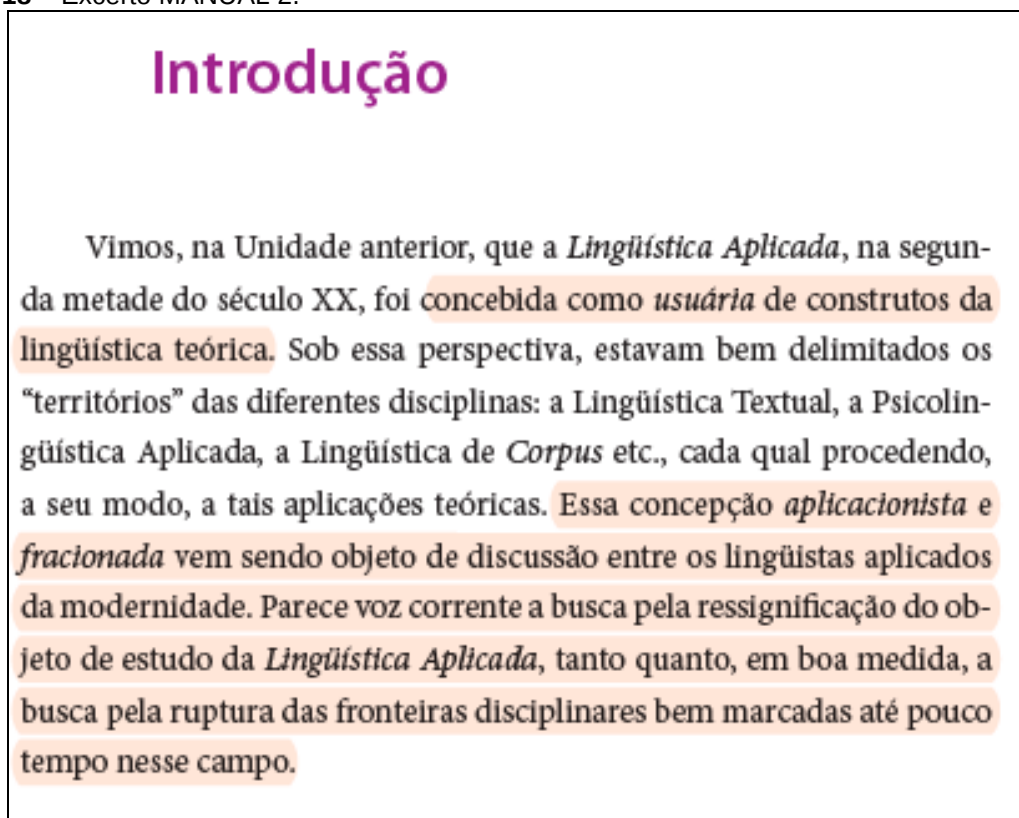
Esse olhar que chamamos de *habitual*, remete, pois, à *Linguística Aplicada* concebida como estudo que toma formalizações teóricas já conhecidas e discute em que medida tais formalizações podem contribuir para a compreensão de fenômenos linguísticos situados na sociedade. Nessa perspectiva, a escola tem sido o destinatário mais freqüente das pesquisas em *Linguística Aplicada*, já que os processos de ensino e aprendizagem de língua materna ou de línguas estrangeiras envolvem fundamentalmente a *língua(gem)* em uso.

Sobre isso, Signorini (1998) argumenta que a LA, nessa fase aplicacionista, tratava das questões linguísticas de maneira fragmentada, priorizando o enfoque em problemas de natureza teórico-disciplinar. Em nome da integridade do aparato conceitual e teórico-metodológico, ou seja, temendo *violar* as proposições dos linguistas teóricos, o linguista aplicado, não raro, simplificava a complexidade do objeto de investigação. Para fazer isso, procurava *desemaranhar as linhas da rede*, *purificar* um objeto de *natureza híbrida*, isto é, *limpá-lo* das tantas variáveis que naturalmente o compõem; afinal, a condição sociocultural e historicamente complexa da língua em uso não parece passível de estudo sob as lentes de teorias puristas.

Fonte: Cerutti-Rizzatti; Koerich; Kuerten-Dellagnelo (2008, p.22). (Realces feitos por mim).

As autoras do MANUAL 2 não insistem na suposta supremacia da LT sobre a LA, porque esta está à serviço daquela, como muito se tem registrado. A crise que se estabelece, seja de paradigmas ou das próprias linguísticas, ocorre muito em parte, assim percebo, pela vontade de saberes, vontade de poderes, que fazem com que a ciência *hard* tenha interesses em se manter no campo acadêmico que a legitima como relevante – incluindo, nesse cenário, os sujeitos pertencentes à ciência *hard*. Volto a mencionar o termo *campo* de estudos e reforço que opto por utilizar essa forma (e não outra!) por entender que a LA não atua tão somente como uma disciplina, muito em parte pelo caráter trans/inter/indisciplinar que assumem as discussões e pesquisas dos linguistas aplicados da atualidade.

Figura 18 – Excerto MANUAL 2.



Fonte: Cerutti-Rizzatti; Koerich; Kuerten-Dellagnelo (2008, p.33). (Realces feitos por mim).

A LA se constitui como campo autônomo, com objeto de estudo e metodologia que a afastam da perspectiva aplicacionista, de acordo com as autoras do MANUAL 2, e como mostra a Figura 18. Esse tem sido um dos esforços dos linguistas aplicados nos últimos anos e que tratarei no Capítulo seguinte, de acordo com a visão deles, os linguistas aplicados, e com as minhas considerações.

CAPÍTULO 4

TRAGO A MINHA BANDA / SÓ QUEM SABE ONDE É LUANDA / SABERÁ LHE DAR VALOR / DAR
VALOR / VALE QUANTO PESA / PRA QUEM PREZA O LOUCO BUMBUM DO TAMBOR / DO
TAMBOR²⁹

A partir das falas dos linguistas aplicados, conforme mostrarei na sequência deste Capítulo, é possível perceber a aparente tentativa da LA de desvincular-se da LT, embora a fronteira entre essas linguísticas seja borrada, não delimitadamente marcada. Os dizeres dos linguistas aplicados constituem o sentido de que é preciso ser da LA para falar sobre a LA, quero dizer: a *propriedade* da fala se dá em virtude do lugar de fala e a partir de qual arcabouço se é amparado – as construções de sentido e constituições de significado que venho mostrando ao longo desta escrita. Adiante, mostro, também, que alguns linguistas utilizam o termo *complexo de inferioridade*, algo que deveria ser exorcizado quando em relação à LT. Os linguistas chamam a atenção de seus pares, aplicados, para uma reconfiguração do campo e tentam, de certa maneira, unificar a posição desse campo – assumem as suas configurações para que contornos teóricos e científicos sejam considerados.

Dessa maneira, como a própria área de LA se define e se constitui a partir da subjetivação advinda de tantos discursos? Trago, na sequência, diversos autores, todos linguistas aplicados, que falam sobre a história e/ou o percurso da LA, especialmente no Brasil, desde a vertente aplicacionista das teorias até a ideia de *independência* que a LA estabeleceu em relação à LT. Pretendo mostrar, portanto, como a LA, através dos linguistas aplicados, (re)conta a sua história a partir das concepções advindas de linguistas teóricos e, claramente, da LT, quero dizer: de que maneira a LA e os linguistas aplicados se constituem a partir dos discursos que configuram a LT e, conseqüentemente, a LA.

Algo recorrente, e que me chamou muito a atenção, é a forma como esses textos são construídos: fazendo um resgate histórico, de como a LA foi instituída, ainda nas décadas de 50/60, de como foram travadas batalhas significativas para a

²⁹ GIL, Gilberto. Palco. In: *A Gente Precisa ver o Luar* (Álbum). LP. Gravadora: Warner, 1981. Faixa dois – LADO A, 4'20". Ouça aqui: <https://goo.gl/QkyoHD>.

legitimação dos fazeres científicos e como os próprios autores alertam seus pares para um aparente desligamento da LA em relação à LT. Há, além disso, uma busca pela legitimação dos seus saberes, na tentativa de evidenciar como são realizadas as pesquisas no campo da LA, especialmente da LAT, qual a metodologia utilizada, dentre outros aspectos. Esses dizeres configuram, também, algumas verdades – ou, minimamente, legitimam os regimes até aqui já discutidos.

Todas essas discussões são pertinentes e, para torná-las ainda mais elucidativas, apresento a Figura 19 que mostra a tabela das áreas do conhecimento proposta pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Ainda em processo de revisão, a tabela propõe a LA como um subcampo da linguística, fato que tem gerado ainda mais debates e contestações dos linguistas aplicados nas últimas décadas. Autores como Cavalcanti (1986), Celani (1992), Moita Lopes (1996) e Kleiman (1998) têm atuado na tentativa de que a LA estabeleça um estatuto próprio sem que seja subordinada à linguística.

Figura 19 – Tabela de Áreas do Conhecimento – Publicação na web em 31/1/2017.

80000002	LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES
	ÁREA DE AVALIAÇÃO: LETRAS / LINGÜÍSTICA
80100007	LINGÜÍSTICA
80101003	TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA
80102000	FISIOLOGIA DA LINGUAGEM
80103006	LINGÜÍSTICA HISTÓRICA
80104002	SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA
80105009	PSICOLINGÜÍSTICA
80106005	LINGÜÍSTICA APLICADA

Fonte: Site da CAPES. Disponível em: <https://goo.gl/aTgSQg>. Acesso em fev., 2019.

Esses autores mostram interesse nessa *separação*, uma vez que a LA conta com um número cada vez mais crescente de programas de pós-graduação, com uma associação específica e com publicações oriundas de pesquisas cujas teorias em LA entendem a linguagem como tendo um papel central e privilegiado nas práticas sociais. Contudo, se LT e LA têm a língua(gem) como objeto de estudo, quais seriam os motivos dessa reivindicação?

As duas áreas, LT e LA, como veremos, não têm as fronteiras claramente delimitadas, conforme aponta Kleiman (1998, pp.51-52): “discorrer sobre o estatuto

disciplinar da LA sem se discutir sua relação com a Linguística é quase impossível” muito provavelmente porque, segundo a autora, “como um problema, entre a Linguística e a LA, [...] as fronteiras entre o linguista e o linguista aplicado não estão nitidamente marcadas nos departamentos, nas associações, nos encontros profissionais, na esfera de ação” (*idem, ibidem*).

Sendo assim, início a discussão sobre o campo mais recente de estudo da linguística, a linguística aplicada cuja concepção deu-se a partir dos avanços da linguística como ciência. A LA, no decorrer do século XX, foi institucionalizada como o estudo científico do ensino de línguas estrangeiras (MOITA LOPES, 2009). De acordo com Grabe (2002), o termo linguística aplicada foi usado pela primeira vez na publicação do primeiro número do *Language Learning: A Journal of Applied Linguistics*, em janeiro de 1948. Entretanto, há outros episódios anteriores que, se analisados conjuntamente, explicitam a configuração inicial da LA como aplicação de teorias e princípios da linguística e como um campo de investigação voltado para o ensino de línguas estrangeiras, sobretudo a língua inglesa.

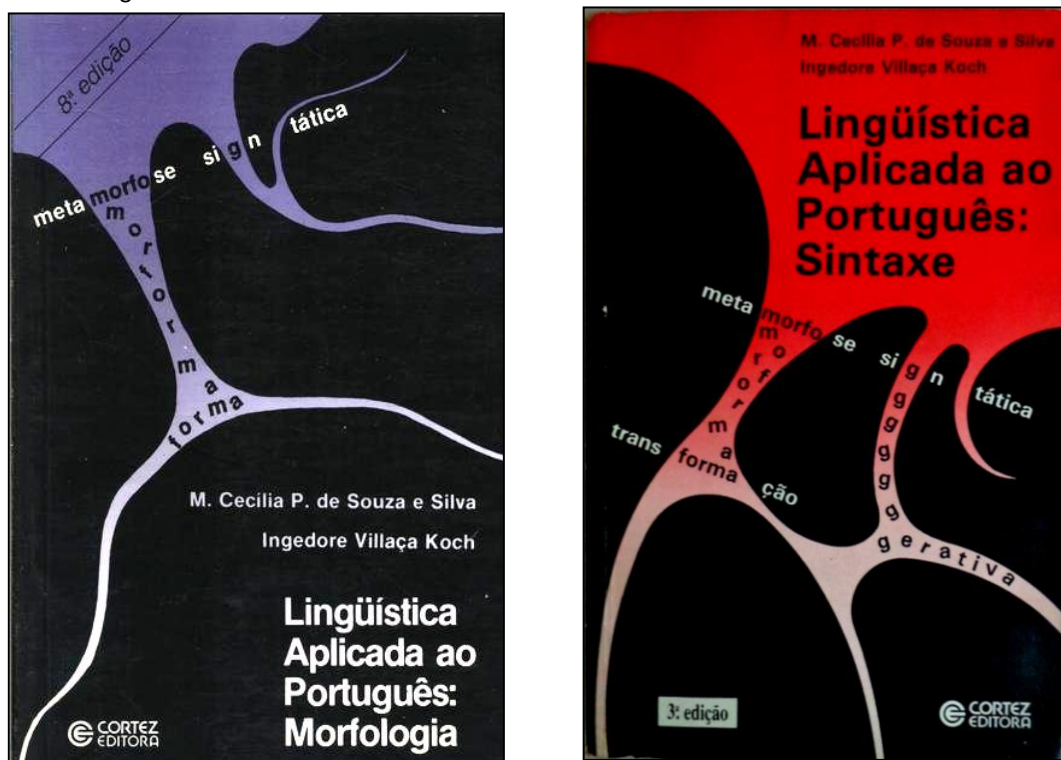
Em sua *origem*, a LA foi configurada como um *resíduo* da linguística e foi concebida como disciplina aplicadora da linguística. De acordo com esse princípio, e conforme salienta Moita-Lopes (2011), a tarefa dos linguistas aplicados era, precisamente, aplicar e testar os resultados das pesquisas dos estudiosos da linguagem (os linguistas teóricos) e, assim, determinar os materiais que poderiam ou não ser adequados para o ensino de línguas – estrangeiras, primariamente.

Ainda de acordo com Moita Lopes (2009), foi em 1941 que o professor Charles Fries ao fundar, na Universidade de Michigan, o *English Language Institute* (ELI), travou os objetivos principais de fomentar pesquisas sobre o ensino de inglês como língua estrangeira (LE) e testar materiais que tivessem como base os conhecimentos teóricos em vigor na época. A história da LA remete, portanto, à Segunda Guerra, período no qual houve a urgência de comunicação entre aliados e adversários, ou seja, uma comunicação eficaz entre falantes de línguas distintas. Além disso, havia a necessidade de métodos de ensino também eficazes para o ensino de LE com o objetivo de melhor desenvolver as habilidades de leitura. Dessa maneira, a partir das necessidades no campo de ensino e aprendizado de línguas estrangeiras, a LA é estabelecida pelo enfoque científico ao ensino de LE, quer dizer, como “o oferecimento de soluções científicas para os problemas relacionados

ao ensino de línguas, denominando-se, assim, em sua origem, *Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas*” (ALMEIDA FILHO, 1991, p.15).

De acordo com Moita Lopes (2009), partem daí duas compreensões acerca da concepção da LA em que ambas a entendem como aplicação da linguística, uma vez que a área focalizava o fenômeno da língua(gem) sob a perspectiva do estruturalismo. Desse modo, “aplicava-se linguística à descrição de línguas, como é o caso dos livros de Souza e Silva e Koch, de 1983, e, por outro, ao ensino de línguas [...]. Foi assim que, de fato, a LA, começou” (MOITA LOPES, 2009, pp.12-13). Percebemos que o olhar habitual em relação à LA estende-se do período pós-guerra por mais algumas décadas. A Figura 20 mostra os livros a que Moita Lopes (2009) se refere, em que o enfoque é dado para a aplicação das teorias linguísticas – também válido mencionar que são livros muito utilizados e referenciados em ementas em diferentes disciplinas de Cursos de Letras.

Figura 20 – Livros de Souza e Silva & Koch, de 1983, da linguística aplicada como aplicação da linguística.



Fonte: Imagens coletadas na internet – banco de imagens do Google.

Importante frisar que atento para o percurso da LA no Brasil, embora os estudos de LA em outros países tenham sido focais para os estudos de pesquisadores brasileiros. Contudo, a exemplo da importância dos estudos

estrangeiros, trago a referência que Moita Lopes (2009) faz ao trabalho de Widdowson que questiona a vertente aplicacionista da linguística, ainda no final dos anos 1970. De acordo com este autor, é frequente que professores de línguas suponham que sua área de atuação deve ser, de alguma forma, definida por modelos de descrição linguística criados por linguistas. O mesmo fato ocorre com a linguística aplicada cujo próprio nome, ressalta o autor, é uma proclamação de dependência. Além disso, Widdowson sugere que a LA, como um ramo teórico da pedagogia do ensino de línguas, deva se estabelecer com algum modelo que sirva a sua finalidade (WIDDOWSON, 1979a/1977, p.235).

A partir de então, há o que se considera como a primeira virada: da aplicação da linguística à linguística aplicada (MOITA LOPES, 2009). De acordo com Almeida Filho (1991, p.22), “a visão de Linguística Aplicada nos anos 80 é muito mais abrangente do que um esforço sistemático de aplicação da Linguística teórica” e, dessa forma, a compreensão de LA passa a abranger também as questões interdisciplinares, conforme ressalta Moita Lopes (2009, p.16): “nos livramos da relação unidirecional e aplicacionista entre teoria linguística e ensino de línguas e abrimos as portas para outras áreas do conhecimento de forma a se operar de modo interdisciplinar”.

Na década de oitenta, conforme argumenta Cavalcanti (1986), já se percebia o número crescente de linguistas aplicados que buscavam por outras fontes e dados de pesquisa: os sujeitos, a sociedade – desvincilhando-se, portanto, cada vez mais da visão aplicacionista. Havia a preocupação, por parte dos linguistas aplicados, em caracterizar a LA como também produtoras de teorias – e não apenas como aplicadora de teorias. Desse modo, a caracterização do campo enquanto transdisciplinar já se mostrava veemente, conforme destaca Cavalcanti (1986, p.6) ao mencionar que, desde seu percurso, a LA, de uma “questão específica de uso da linguagem, passa para a busca de subsídios teóricos em áreas de investigação relevantes às questões em estudo, continua com a análise da questão na prática, e completa o ciclo com sugestões de encaminhamento”.

Autores como Pennycook (1998) sugeriram uma reformulação da LA, já que, de acordo com as buscas e os subsídios teóricos-metodológicos, a visão mais *tradicional* de LA não dava conta de contemplar o caráter político da educação e do ensino de línguas. Dessa maneira, Pennycook (1998) chama a atenção para o uso do termo Linguística Aplicada Crítica (LAC) não no sentido teórico, e sim no sentido

de abarcar enfoques além dos até então estudados. O autor ressalta que o termo *crítica* não quer dizer que essa linguística seja melhor, superior ou, então, que seja necessária uma mudança na visão dos paradigmas; mas sim que faz referência às implicações políticas das práticas sociais. Para este autor, trata-se de uma LA que vai para além dos contextos linguísticos, estabelecendo conexões políticas, sociais e culturais ainda mais abrangentes.

Pennycook (2006, p.67) alerta, ainda, para os significados do termo *crítica*: que deve ser utilizado, entre outros sentidos, com a intenção de ser relevante socialmente e como uma prática pós-moderna problematizadora. A ideia do autor, entretanto, não é a de definir a LAC como uma disciplina ou um campo fixo, por exemplo, e sim verificar o uso em movimento – o uso da linguagem para além dos contextos escolares, por exemplo. Além disso, o autor entende “a LAC como uma abordagem mutável e dinâmica para as questões da linguagem em contextos múltiplos, em vez de como um método, uma série de técnicas, ou um corpo físico de conhecimento” (PENNYCOOK, 2006, p.67). O autor ainda alerta que o processo de ensino e a aprendizagem de línguas está relacionado às questões sociais, sendo necessário manter um diálogo inter(multi/pluri)disciplinar, conforme apontado por Kleiman e mostrado na Figura 21.

Figura 21 – Diálogos com a Linguística Aplicada.



Fonte: Adaptado de Kleiman (In CELANI, 1998, p.134).

Segundo Grabe (2002), o foco central da LA estava relacionado a acessar questões e problemas de linguagem à medida em que eles ocorriam no mundo real.

O panorama que se tinha era de uma LA *tradicional* que, seguindo os passos da linguística teórica, pressupunha pesquisas de caráter quantitativo, para a criação de métodos e de modelos de ensino-aprendizagem, ancorada no pensamento iluminista europeu (FABRÍCIO, 2006). A maneira, portanto, como eram guiadas as pesquisas e as práticas em LA implicava em uma separação dos sujeitos e dos objetos de estudo – a visão da ciência tradicional, tal qual como já vimos – com o objetivo de atingir a objetividade científica (MOITA-LOPES, 2006). A tentativa de tratar os sujeitos como dados homogêneos, sem considerar fatores diversos e pertencentes à realidade (etnia, classe social, gênero, dentre outros), segundo Rampton (2006), servia para supor a imparcialidade – neutralidade e separação entre objeto de estudo e pesquisador – para que fosse alcançado o status científico. Percebe-se, dessa maneira, que a LA se constitui em um campo tradicional da modernidade, dentro de um contexto positivista e descritivo (PENNYCOOK, 1998).

Contudo, em meio às discussões desses autores pela resignificação do campo da LA, é interessante fazer o registro sobre a definição que a Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) atribui à LA, como vinculada à linguística:

Applied Linguistics is an interdisciplinary field of research and practice dealing with practical problems of language and communication that can be identified, analysed or solved by applying available theories, methods and results of Linguistics or by developing new theoretical and methodological frameworks in Linguistics to work on these problems. Applied Linguistics differs from Linguistics in general mainly with respect to its explicit orientation towards practical, everyday problems related to language and communication. The problems Applied Linguistics deals with range from aspects of the linguistic and communicative competence of the individual such as first or second language acquisition, literacy, language disorders, etc. to language and communication related problems in and between societies such as e.g. language variation and linguistic discrimination, multilingualism, language conflict, language policy and language planning³⁰.

Embora mencione que a LA difere da linguística, ainda é atribuída a perspectiva que coloca a LA como área situada para a resolução de problemas

³⁰ De acordo com o próprio site, a AILA é uma “federação internacional de associações nacionais e regionais de Linguística Aplicada” cuja adesão é de “mais de 8.000 indivíduos em todo o mundo que, como pesquisadores, decisores políticos ou profissionais, estão ativos no campo da Linguística Aplicada”. Trechos retirados do site e disponíveis em: <https://aila.info/>. Acesso em fev., 2019.

práticos da linguagem aplicando teorias, métodos e resultados da linguística ou, ainda, trabalhando em novas estruturas para que a linguística possa trabalhar com esses problemas, ou seja, uma LA à serviço da LT.

A linguística aplicada primariamente fez as vezes de aplicação da linguística, ou seja, o *lugar* em que se opera a prática em oposição à teoria da linguística *pura*. Tal exercício encaminha para o entendimento de que a investigação em LA se deve às práticas operadas pela LT – ou seja: uma ciência voltada para os métodos e técnicas de ensino cujo objeto (meramente de ensino) da LA depende do objeto de estudo da linguística teórica (a língua). Embora tenha, historicamente, surgido como uma tentativa de aplicação das teorias da linguística no ensino de línguas, a LA passou a produzir também sua própria teoria e tem, como objeto de estudo em uma de suas vertentes, a língua(gem) como prática social, dentro e fora de ambientes escolares, que, portanto, vai para além do estudo restrito e específico da linguagem. Corrêa (2008, p.245) argumenta que

ao tratar da língua(gem) e de seu ensino, a LA se ocupa, em dois sentidos, de um objeto complexo. Num primeiro sentido, essa complexidade se deve ao fato de que a LA deve lidar com a língua(gem) como um objeto, ao mesmo tempo, de estudo/de ensino. Num segundo sentido, ocupa-se, por um lado, de um objeto de estudo (língua/linguagem) complexo – lida com a língua em discurso e não simplesmente tomada como organização gramatical, sistema ou coisa equivalente.

Não há, em vista disso, uma relação de dependência, quiçá um distanciamento entre essas áreas, conforme enfatiza Kleiman (1998, p.53): “a Lingüística Aplicada tem tanto, ou tão pouco, a ver com a Lingüística como a pesquisa médica clínica sobre a senescência tem a ver com a neuroanatomia”. Com essa metáfora, Kleiman evidencia que, apesar de serem de uma área afim, os campos da linguística aqui tratados, em minúcia, nada têm em comum no que diz respeito à necessidade de apoio de um campo para com o outro.

Já no final da década de 80, linguistas aplicados começaram a perceber a necessidade de realizar estudos sobre a linguagem, seus usos e aprendizagem de língua. No Brasil, a LA tem uma história recente e se disseminou principalmente através de programas de pós-graduação e associações³¹ criados com vistas ao

³¹ “A Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), na sua fundação em 1990, teve como objetivo (re)construir um *lôcus* acadêmico-científico dinâmico e reflexivo, fomentando, por sua vez,

intercâmbio de pesquisa docente. Rojo (1999), Kleiman (1991, 1992, 1998) e Celani (1992, 1998), em relação a esse momento de *pré-ruptura*, destacam que a LA ainda mantinha uma relação de dependência da linguística, tendo em vista que os linguistas aplicados estavam sendo precedidos por linguistas cuja tendência de estudos visava às aplicações em questões práticas de ensino. Contudo, nesse mesmo período, assuntos relativos à avaliação, às políticas educacionais e a um campo novo de aquisição de segunda língua, que evidenciava mais o processo de aprendizagem do que o de ensino, passaram a ser de interesse de linguistas aplicados (DAMIANOVIC, 2005).

Kleiman (1992) ressalta que, no Brasil, as publicações que antes apresentavam os resultados de análises da linguagem, seja esta em redações ou utilizada em livros didáticos, passaram a ter o propósito de investigação com foco no processo de produção da linguagem. Ainda de acordo com Kleiman (1992, p.18), “do exame do produto (i.e., a redação), passou-se para a investigação do processo (interlínguas e gramáticas intermediárias em LE; emergência de processos de construção da escrita em língua materna)”. É nesse contexto que as teorias da linguística se voltaram para outras áreas das Ciências Humanas. A LA passou a querer ser, portanto, interdisciplinar e a ganhar força, contando com artigos publicados pelos autores Cavalcanti (1986); Kleiman (1990); Celani (1992) e Moita Lopes (1990).

De acordo com Moita Lopes (2009), já em 1990 ocorre a chamada segunda virada da LA: quando pesquisadores percebem a necessidade de estudar contextos de ensino/aprendizagem de língua materna para além da instituição de ensino (como mídia/publicidade, empresas, clínicas médicas, dentre outras) – momento para o qual chamo a atenção, já que, a meu ver, ocorre uma outra ruptura, agora, dentro da própria LA. Para tanto, a LA entende a linguagem como constitutiva da vida, de significados, e passa a ser elaborada como uma área cuja “preocupação [é] com problemas de uso da linguagem situados na *práxis* humana” (MOITA LOPES, 2006b, p.3), ou seja, dentro e fora da sala de aula.

estudos e reflexões da área de LA, não concebida como aplicação de teorias linguísticas, mas como um campo de investigação de usos situados da linguagem nas diversas esferas do meio social”. De acordo com esse trecho, podemos perceber as diferentes visões que caracterizam a LA de uma associação para outra (AILA e ALAB). Citação retirada do site da ALAB e disponível em: <https://alab.org.br/>. Acesso em mar., 2018.

Dessa forma, e pelo caráter indisciplinar, a LA também abre seu leque e abrange diferentes investigações, uma vez que se distancia do contexto restrito de ensino/aprendizagem de línguas em sala de aula. Nesse sentido, Moita Lopes (2009, p.19) argumenta que a LA é do campo das Ciências Sociais (CS), uma vez que questiona, assim como as CS, “como o sujeito social era teorizado de forma homogênea, tendo as diferenças que o constituem apagadas no interesse de prestigiar aqueles colocados em posição de hegemonia nas assimetrias sóciodiscursivas”.

Nesse percurso é que se chega ao que Moita Lopes (2006a) denomina LA Indisciplinar/Transdisciplinar. Moita-Lopes (2006a) adota essa nomenclatura por entender que o termo transdisciplinar expressa justamente a ideia de ir além da aplicação linguística. O autor ainda ressalta para a importância de atentar para uma LA que converse com demais teorias que, por sua vez, atravessam o campo das ciências sociais e das humanidades. Esse movimento é denominado pelo autor como LA mestiça, de natureza interdisciplinar/transdisciplinar, que atenta para os problemas sociais nos quais a linguagem tem um papel central. Dito de outra maneira, uma LA que considere a necessidade de trabalhar com epistemologias e teorizações que falem ao mundo contemporâneo e que questionem, sobretudo, pressupostos que vinham sendo informados por uma LA mais modernista.

Como bem sinaliza Moita-Lopes (*idem*, p.15), é preciso considerar nas pesquisas a “necessidade de atentar para teorizações extremamente relevantes nas ciências sociais e nas humanidades que precisam ser incorporadas à LA” interrogando a modernidade e tentando questionar as mudanças vividas na contemporaneidade. Com isso posto, Moita-Lopes (*idem*, p.16) ainda argumenta que esse ramo da Linguística causa certa estranheza aos demais linguistas dos estudos da linguagem, e certa dificuldade de compreensão, pois a “lógica da linguística [...] não funciona diante dos princípios que caracterizam a investigação em LA”. Para Kumaravadivelu (2006, p. 139), “o tipo de LA associado ao modernismo trata a linguagem primariamente como um sistema e opera segundo um paradigma de pesquisa positivista e prescritivo”. Temos, considero, mais uma crise nos paradigmas da linguística: não somente há a necessidade de desvencilhar-se da LT, do caráter de aplicacionista das teorias; a LAT pretende legitimar o seu estatuto enquanto campo de estudos distanciando-se da visão habitual, ou tradicional, da

própria LA. A ruptura não somente em relação à linguística, mas, sobretudo, em relação à concepção de LA quando instituída.

A linguagem é vista pela LAT não apenas como um mecanismo que retrata a realidade ou, ainda, como um instrumento de comunicação e interação. A LAT entende a linguagem assim como as concepções foucaultianas, em que não é dada, apenas, a ênfase limitadora que reduz a linguagem a um sistema que existe para a transmissão de mensagens e denominação da realidade. A linguagem, para a LAT, é entendida como um sistema que produz sentidos e significados em que ações linguísticas e usos da linguagem durante práticas discursivas possibilitam acesso “aos significados que norteiam as práticas sociais envolvidas nas múltiplas formas de construção da realidade, de si e de outros” (FABRÍCIO E BASTOS, 2008, p.39).

Além disso, a LA Transdisciplinar tem como proposta apresentar certas tendências de como entender a LA as quais representam escolhas teóricas, visões de mundo, ideologias, valores entre outros aspectos. Entretanto, a pretensão não é a de apontar uma nova visão – ou uma *nova escola*, nas palavras de Moita Lopes (2006a) – de LA, e sim atentar para as “compreensões referentes à natureza do sujeito social, advindas de uma problematização dos ideais modernistas, que têm implicações de natureza epistemológica” (*idem*, p.15). Trata-se de uma outra concepção de linguagem e, percebo, de uma virada epistemológica.

A partir desse viés, assuntos que não eram abarcados pela LA mais tradicional passam a interessar a LA Transdisciplinar, como as questões voltadas à identidade, sexualidade, raça, desigualdade, ética, nação, dentre outras. Desse modo, tais questões passam, ainda, a ser compreendidas como produzidas nas relações sociais, e não como anteriores a tais relações – tendo seu caráter mais dinamizado principalmente após a virada linguística e cultural, nomeadamente reconhecida e discutida pelos Estudos Culturais. Cabe salientar, de todo modo, que um dos interesses da LA Transdisciplinar é mostrar-se fluida e livre (quero dizer, sem ser engessada em conceitos unos) para abranger diferentes – interdisciplinares – conhecimentos. De acordo com Rajagopalan (2006, p.410), a LAT pretende

atravessar (se necessário, *transgredindo*) fronteiras disciplinares convencionais com o fim de desenvolver uma nova agenda de pesquisa que, enquanto livremente informada por uma ampla variedade de disciplinas, teimosamente procuraria não ser subalterna a nenhuma (grifos no original).

Além disso, Pennycook (2006, p.74) explica os motivos que o levam a utilizar, também, o termo *transgressiva* para referir-se à LA: segundo o autor, essa nomenclatura permite referir a necessidade de considerar instrumentos políticos e epistemológicos que atravessam os limites do pensamento tradicionais e, além disso, pelo fato de que teorias transgressivas pensam e fazem aquilo que não deveria ser pensado e feito de acordo com aquilo que se instituiu como norma. Em suma, a utilização do termo *transgressiva* pretende deixar evidente o movimento para além das fronteiras e dos limites normativos, interrogando, bem como envolvendo-se com, as ações e o pensamento contemporâneo. As agendas de pesquisa em LAT não se limitam tão somente à elaboração de materiais didáticos, aos princípios norteadores da atividade escolar, aos estudos sobre leitura, alfabetização, letramento, dentre outros aspectos evidenciados após a primeira *virada*, conforme vimos com Moita Lopes (2009). A LAT engaja-se para além dessas questões. Para elucidá-las, Fabrício (2006, p.57) afirma que “a linguagem deve ser entendida como sistema de ações simbólicas realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos”, uma vez que o uso de uma palavra somente se torna significativo em determinados contextos de comunicação. Dessa maneira, percebe-se que a significação não é anterior às práticas discursivas, não há, como já vimos com Foucault (2008) um *a priori*, pois há um entrelaçamento entre tais práticas e culturas. Assim como sugere Foucault (2015), as coisas não são dadas no mundo – as coisas são produzidas, inventadas e tomadas como verdade.

A LAT entende a linguagem como prática social no contexto de aprendizagem de línguas (materna e estrangeira) e também em outros contextos em que se aborde o uso da linguagem. Segundo Fabrício (2006), ao estudar a linguagem estuda-se, conseqüentemente, a sociedade e a cultura das quais a linguagem é parte constituinte e constitutiva, uma vez que opera no mundo social e afeta a sociedade.

Esses estudos abordam a linguagem conectada a um conjunto de relações em permanente flutuação, por entender que ela é inseparável das práticas sociais e discursivas que constroem, sustentam ou modificam as capacidades produtivas, cognitivas e desejantes dos atores sociais. Assim, a tendência de muitos estudos contemporâneos em LA é focalizar a linguagem como prática social e observá-la em uso, imbricada em ampla amalgamação de fatores contextuais (FABRÍCIO, 2006, p.48).

Isso significa dizer que a LAT toma como interesse as práticas sociais, ou os usos da linguagem, que são relegados pela LT. Desse modo, o campo tem interesse por pesquisas de diferentes perspectivas, seja no ensino de línguas ou até mesmo em singularidades de contextos que extrapolam o ambiente de ensino que fazem com que o campo de atuação da LA seja bastante vasto, conforme afirmam Sarangi e Candlin (2010, p.114):

[...] promovemos um engajamento ativo em uma variedade de domínios tais como Direito, Saúde, Aconselhamento, Jornalismo e Mídia, Negócios e Administração, e alianças com disciplinas cognatas tais como Interpretação/Tradução, espaços nos quais a linguística aplicada pode contribuir muito.

É nesse cenário de disputas por saberes e poderes que estão inseridos os sujeitos desses campos de estudo. Outro aspecto para o qual eu chamo a atenção é a relação existente entre os linguistas. Autores (ALMEIDA FILHO, 1991; CELANI, 1992; ROCHA E DAHER, 2015) têm utilizado o termo *complexo de inferioridade* para referirem-se aos linguistas aplicados quando em *comparação* aos linguistas ditos teóricos. Como já foi exposto, a LA tem (ou pode ter, mas não se restringe apenas a) o sentido de aplicação da linguística e, desse modo, linguistas aplicados, por vezes, sentem-se como não pertencentes a esse *lugar*, conforme expressa Almeida Filho (1991, p.5):

[...] quanto mais lingüista fosse o lingüista aplicado, tanto melhor aplicador ele seria. Ou por outra, para ser um bom lingüista aplicado, seria necessário e suficiente um forte embasamento teórico em Lingüística. Por esse raciocínio, quando o lingüista aplicado e o lingüista trabalham em uma mesma instituição, próximos um do outro, não seria incomum um sentimento de superioridade acadêmica de parte do lingüista teórico, que detém conhecimento científico primário. Isso se justificaria pelo fato do lingüista aplicado não ser um lingüista igual. A aceitação desse próprio pressuposto pelo lingüista aplicado pode levá-lo a um sentimento de inadequação teórica e, finalmente, a um indistigado sentimento de inferioridade.

Almeida Filho (1991) traz à tona, eu considero, a mais complexa das relações possíveis, aquela que se dá entre os sujeitos pertencentes a este ou àquele campo de estudo – e aqui refiro-me tanto à linguística teórica, linguística aplicada em sua primeira vertente e linguística aplicada transdisciplinar. Há, nesse embate, disputas pelo poder, disputas pelo saber: quem, ou qual dos linguistas, é o mais notável no

meio acadêmico ou detém conhecimento científico? Existe, na área, essa suposta superioridade (e uma suposta resposta à pergunta), como já apontou Kleiman (1998) ao falar sobre as fronteiras não delimitadas nos departamentos e nas associações. É necessário problematizar de que maneira essa assertiva contribui (ou não) para o entendimento das diferentes compreensões em relação ao estatuto científico das linguísticas.

Ainda sobre essa questão, Celani (1992, p.21) afirma que a área de LA e, conseqüentemente, os linguistas aplicados, somente ganharão forças enquanto área de pesquisa se, por ventura, “se dispuserem a fazer LA sem o injustificável complexo de inferioridade, ao invés de fazerem aplicação da Linguística”. É necessário contextualizar a ideia de Celani, que fez essa menção no início da década de 90. Contudo, passados mais de vinte anos, embora em menor escala, tal *complexo* ainda ronda linguistas aplicados, conforme expressam Rocha e Daher (2015, p.127): “o complexo de inferioridade a que se faz referência – e que [...] (ainda) é excessivamente presente na academia – tem por base uma compreensão não necessariamente adequada da relação entre teoria e prática”. Acrescento ao pensamento de Rocha e Daher (2015) a ideia de que ainda é presente esse sentimento na academia em virtude também das formas pelas quais os linguistas aplicados são subjetivados pelos discursos que conceituam e falam sobre esses campos de estudo.

Todas as áreas do conhecimento, e com a linguística não seria diferente, travam lutas e batalhas pelo poder. A busca pela legitimação de significados, pela legitimação de conceitos, a busca para fazer parte de um rol dedicado aos especialistas, aos linguistas. O injustificável complexo de inferioridade a que muitos autores se referem foi constituído por meio dos discursos, que atuam posicionando quem pertence a algum nicho, algum campo, a alguma área. Por que ele ainda é presente? Por que se faz necessário retomar o percurso histórico da LA para uma possível, ou aparente, tentativa de justificar a relevância acadêmico-científica de pesquisas na área de LA, e em especial de LAT.

Encaminho a escrita deste texto para o final sem a tentativa de responder a questão que o titula – essa, na verdade, nunca foi a intenção. Quem são esses cientistas? Assim como questiona Flores (2008): quem são (ou seria melhor dizer o que são?) os linguistas? Inverto a lógica da pergunta e questiono: como foram constituídos esses linguistas/cientistas/pesquisadores? A visão do modelo clássico

da ciência pondera em que momento a linguística instaura-se como ciência. Essa mesma visão, posiciona a LA enquanto subalterna, como aplicadora. São estabelecidas crises em que os sujeitos dessas arenas reivindicam por um caráter ou status científico: a ruptura que LA estabelece em relação à LT e, acrescento, a ruptura da LAT à LA.

O discurso que promove a relevância da área é o discurso científico e justamente por meio desses discursos ocorrem as imposições de significados, a construção de significados. Eles não operam sozinhos: associados a outros, em dado momento, constituem verdades que são aceitas e praticadas, constituem regimes de verdade pelos quais somos subjetivados e, assim, nos constituímos – como pesquisadores, linguistas, linguistas aplicados, com complexo de inferioridade ou com complexo de *verdadeiros* cientistas.

EPÍLOGO

AINDA É CEDO, AMOR / MAL COMEÇASTE A CONHECER A VIDA /

JÁ ANUNCIAS A HORA DE PARTIDA³²

Início o desfecho desta pesquisa tendo a certeza de que ela não está finalizada. Embora pareça contraditório, quero dizer que o tema que aqui apresentei ainda dá margem para mais discussões, seja com os textos aqui apresentados ou com outros não mencionados. Diante do problema que elegi para esta pesquisa, pude confrontar as visões que tinha com a de outros autores – os outros dizeres, que tanto insisto. Como relatei no início deste texto, a escolha do tema e a primazia do problema de pesquisa deram-se em virtude da minha prática e de minha experiência enquanto aluna e pesquisadora – e, também, mais tarde, enquanto professora. Não necessariamente os textos que aqui apresentei foram consultados por mim durante o processo de minha formação. Foram outros, mas com os mesmos ditos e escritos. Assim, fui sendo subjetivada a constituir a identidade de profissional na área de Letras, especialmente na área de Linguística.

A identidade de pesquisadora, após o ingresso no mestrado, foi sendo atravessada por discursos outros que diziam-me o oposto daquilo que eu estudava e praticava com a pesquisa à época. Foi preciso que eu mudasse o projeto de mestrado, por exemplo, para conseguir, mais tranquilamente, aprovação na disciplina de *Seminário de pesquisa em Estudos da Linguagem*. Explico: fui alertada de que o referencial teórico-metodológico escolhido por mim, Estudos Culturais e Linguística Aplicada Transdisciplinar, não era adequado à área de Letras, pois era muito subjetivo, não dispunha de métodos efetivos de análise em que pudessem ser criadas categorias, primordialmente amparadas em hipóteses. O meu projeto, ao apresentar-se com essas ferramentas, não era considerado relevante para a pesquisa em estudos da linguagem, não era um projeto científico. Por esse e dentre outros discursos, os travados em eventos ao apresentar a pesquisa que estava em andamento, comecei a praticar o injustificável complexo de inferioridade mencionado

³² OLIVEIRA, Agenor (Cartola). O Mundo é um Moinho. In: *Cartola II* (Álbum). LP. Gravadora: Discos Marcos Pereira, 1976. Faixa um – LADO A, 3'53". Ouça aqui: <https://goo.gl/gztsqs>.

no Capítulo anterior: ao início, ou término das apresentações, era necessário justificar o porquê a pesquisa poderia ser considerada na área de Letras e porquê o referencial teórico-metodológico era adequado à análise que propunha.

Todas essas justificativas, inclusive presentes no texto final da dissertação, pareciam-me infundadas. Será mesmo necessário *provar* que uma pesquisa é relevante? Que uma pesquisa fora do modelo mais tradicional pode ser considerada uma pesquisa acadêmica, com rigor científico? A LAT dizia-me que sim, já que a linguagem constitui os sujeitos e constrói significados – eis uma das questões norteadoras que fizeram-me entender todo esse processo. A vida fora pesquisa, na universidade, em encontros com outros pesquisadores, dizia-me que não. Acrescento que todas essas justificativas formaram-se e foram formuladas em virtude dos discursos que se atravessam, dos significados que são atribuídos, aqui especialmente, aos campos da linguística.

Começar a questionar aquilo que era dado tornou-se uma tarefa interessante. Embora cercada por perguntas, meu objetivo não é o de respondê-las, efetivamente, e sim analisá-las de outros modos, de compreender como essas perguntas são postas e como são esperadas as respostas *verdadeiras* para elas. Ao mesmo passo, começar a questionar porque eleitas algumas formas e não outras – como quando questionei sobre as escolhas feitas para as disciplinas de Linguística Aplicada, tanto em minha formação quanto em outro momento, quando estava ocupando a posição de professora. Retomo, aliás, as ementas das disciplinas a que fiz referência na Introdução deste texto, situadas nas notas de rodapé três e quatro, páginas 14 e 15, respectivamente: nessas disciplinas, ao serem eleitos alguns textos, e ao serem delimitados alguns objetivos e conteúdos, foram priorizados alguns dizeres. Foi instituída uma maneira de ver a LA, e não outra. Foram constituídos significados, e não outros. Foram criadas algumas potencialidades. Essas escolhas foram neutras? Com a ideia desse olhar, permeado por questionamentos e em busca de reflexão, que construí esta tese. Refletir sobre as disputas por saberes e poderes que classificam um campo de estudo como o completo em si, coerente, fechado, neutro, relevante e, conseqüentemente, científico, dentro da grande área de Letras e Linguística, e que acarretam em distintas compreensões. Não significa dizer que este campo não o seja, a questão não é essa. E sim questionar a maneira como foi construída essa visão *mais científica*, por assim dizer, desse campo. Aliás, que

compreensões acerca do estatuto científico das linguísticas estão sendo construídas para os, e pelos, pesquisadores em formação?

Dessa forma, creio ter cumprido com os objetivos propostos, tanto de evidenciar discursos que produzem significados e verdades sobre os campos de estudo aqui analisados quanto apresentar como essas produções de sentido se manifestam nos textos da área e constituem a LA. Para além disso, acredito que pudemos refletir sobre a potencialidade dos discursos e de que maneira eles atuam nas práticas discursivas, instaurando significados.

O discurso sobre ciência, o que é e sobre quem está apto a exercê-la, está presente de variadas formas em nosso cotidiano. Os/as pesquisadores/as e cientistas das chamadas ciência *soft*, ou das Ciências Humanas, por exemplo, são interpelados, a todo momento, por esses discursos questionadores acerca do fazer científico. Quem são os que realmente estudam e fazem ciência? Há, em grande medida, uma comparação desnecessária com outras áreas de estudo para uma disputa em relação a quem faz ciência ou, ainda, quem desenvolve pesquisas de verdadeira relevância para a sociedade. A potencialidade dos discursos, restrinjo-me aos sobre a ciência, embora ganhem maior legitimidade nas arenas acadêmicas, nas instituições, nos programas de pós-graduação, nos departamentos – como aqui relataram muitos autores conforme mostrei ao longo dos Capítulos – estão presentes também em outras arenas, instituindo significados. Os discursos que estabelecem regimes de verdade nos atravessam a todo momento, a sociedade os capta, os aceita e os reproduz e, assim, constitui-se a norma. E vivemos, acredito ser necessário registrar, em tempos difíceis, tempos obscuros em que as Ciências Humanas estão sendo aniquiladas por discursos que são tomados como verdades, por discursos que estão sendo construídos nas arenas do poder – não há neutralidade, insisto. Parece-me que muitos/as pesquisadores/as e cientistas da grande área das Ciências Humanas estão sentindo-se na *obrigação* de justificarem-se a todo momento; na luta por legitimarem as suas pesquisas muito em parte em virtude dos discursos que temos visto nas mídias que constituem certos dizeres, contribuem para a consolidação de determinadas verdades.

Questionar a norma, problematizar definições e conceituações é o que intentei com esta pesquisa. Conectar os discursos sobre ciência e sobre as linguísticas foi uma das possibilidades dentre tantas outras. Se caio na pretensão de responder quem é, afinal, o cientista, se o linguista teórico ou o linguista aplicado,

assumo um efeito discursivo, destaco apenas uma visão de ciência e vou de encontro à problematização que propus. Entendo a ciência como uma prática inventada, que baliza as arestas nas quais se amparam as linguísticas, teórica e aplicada, cujo estabelecimento de certas verdades determinam compreensões de produzir conhecimento em detrimento de outras. Escolho um encerramento objetivo, com ares de convite: que problematizemos as *verdades* que são ditas, que circulam e nos atravessam. Que pensemos mais, que reflitamos sobre os discursos que são tidos como normas, que são entendidos como certos, corretos, verdadeiros. Vamos permitir outras formas de olhar antes de fincarmos como *certas* as afirmativas que nos subjetivam. Não digo que devemos, apenas e simplesmente, negá-las; e sim pensá-las, em como foram produzidas e no que elas resultam enquanto produtoras de verdades.

PÓS-ESCRITO

QUANDO NASCI VEIO UM ANJO SAFADO / O CHATO DUM QUERUBIM / E DECRETOU QUE EU
TAVA PREDESTINADO/ A SER ERRADO ASSIM / JÁ DE SAÍDA A MINHA ESTRADA ENTORTOU /
MAS VOU ATÉ O FIM ³³

Para encerrar essa trajetória, relembro essa música de Chico, escolhida para ser o *tema*, ou a *minha música*, para a minha entrada para receber o tão esperado *canudo* na solenidade de colação de grau da licenciatura. Eu falo de histórias, de como entendo os/as cientistas envoltos pelas suas paixões e pelos seus interesses. Em como é impossível fechar-se no ambiente profissional sem ser tocado pelo mundo *exterior*. Por esse motivo, lembro agora daquele 10 de março de 2012, dia insuportavelmente quente, em que eu ainda não sabia ao certo o que faria em relação ao meu futuro profissional. Essa angústia, eu relatei em minha dissertação, sobre o conflito com as minhas identidades de professora e de revisora de textos se estendera até o meu ingresso no mestrado, após a conclusão do bacharelado em Letras, já em 2013. Considero, sem falsa modéstia, que fui uma aluna bastante comprometida. Entretanto, a conclusão no curso de Redação e Revisão de Textos foi bastante conturbada, especialmente a produção do trabalho de conclusão de curso. Passei por momentos difíceis, desde financeiros, existenciais e sentimentais, até transtornos com a minha saúde mental. Foi quando eu percebi, também, que só restava-me investir no desejo de ser professora de ensino superior, já que as minhas tentativas de conseguir emprego em escolas particulares, ou cursos preparatórios, foram todas frustradas. Foi muito difícil, muito! Eu precisava e queria trabalhar, tinha um currículo relativamente bom – assim pensava eu, com as minhas duas graduações – mas faltava-me (e ainda falta, diga-se) as tão importantes indicações que movem o círculo das contratações. Desisti das escolas, mas continuei indo...

Mais alguns anos de dedicação esperavam por mim. Dos quase 20 inscritos para a seleção do mestrado, foram aprovados somente três, dois colegas e eu. Esse ingresso, desde o início, se mostrou um grande desafio. O PPGL lançou um edital

³³ BUARQUE, Chico. Até o Fim. In: *Chico Buarque* (Álbum). LP. Gravadora: PolyGram Discos, 1978. Faixa um – LADO 1, 2'24". Ouça aqui: <https://goo.gl/R2iAm8>.

complementar, para preencher mais vagas e, assim, as aulas só iniciaram em abril. Novidades, novos olhares, mais responsabilidade, produzir uma dissertação... Não é pouca coisa! A permanência no mestrado só não foi um desafio ainda maior, pois pude contar com uma bolsa de estudos financiada pela CAPES que, de certa forma, permitiu que eu tivesse mais tranquilidade sem precisar dividir a minha atenção entre trabalho remunerado e a pesquisa que estava desenvolvendo. Já almejava o doutorado, mas esse sim parecia uma conquista inatingível, longe das minhas possibilidades. Enquanto isso, pesquisa a pleno vapor, mesmo que com um referencial teórico que havia sido apresentado a mim ali, naquele espaço. E como eu me apaixonei por aquele referencial teórico... E como eu me apaixonei por aquela pesquisa. Foram aqueles novos olhares que suscitaram em mim a vontade de permanecer em estudo, de seguir em frente.

Toda essa motivação foi propulsora para que, cinco meses antes do término do mestrado, eu inscrevesse-me para a seleção do doutorado em educação, no PPGE da UFPel. Estava, é evidente, com o pensamento positivo, mas sem grandes esperanças. Ouvi tantos casos de pessoas que tentaram várias vezes esse ingresso, sem conseguir em uma primeira tentativa, ainda mais aquelas que vinham de uma formação diferente, assim como eu. E ora, vejam só, foi preciso que eu antecipasse a defesa do mestrado para poder efetuar a matrícula no doutorado – eu fui aprovada no processo seletivo, assim, *de primeira* sem eu mesma conseguir acreditar. Como a minha trajetória acadêmica é cheia de emoções, concluí a dissertação em um mês, em janeiro de 2015, cuja defesa ocorreu no mesmo (e último) dia para matrícula no PPGE, dia 23 de fevereiro. Assim que a banca concluiu o parecer, eu saí literalmente correndo para conseguir chegar em tempo de efetuar a matrícula – a defesa terminou por volta das 13h e a secretaria do PPGE tinha atendimento até as 13h30.

Não sei se algum anjo decretou que eu estivesse, e esteja, predestinada a alguma coisa, mas até aqui, nesse aspecto (pós)acadêmico da minha vida, nada ocorreu de maneira muito tranquila. Não sei porquê eu tinha, e acho que ainda tenho, essa visão de quase impossibilidade de ingressar/permanecer/concluir o doutorado, como se fosse um estágio inatingível. Não sei... Mas eu já estava ali, contente, entusiasmada com professores e professoras que eu estava conhecendo, com novos autores e autoras sendo a mim apresentados. Estava tudo indo muito bem até eu não ser selecionada para ser bolsista – como fui no mestrado e também

na graduação. Assuntos que parecem não ter ligação com a pesquisa, com o desenvolvimento dos estudos, fragilizam-me de tal forma que eu paraliso. Não sei ir, nem vir. Eu sou humana... E agora? Foi o que eu pensei. Já tinha a experiência nada agradável de busca por emprego. Em meio à euforia de aulas e projeto de tese, veio, mais uma vez, algumas preocupações que afetaram, é claro, o meu desempenho discente. O mundo exterior, extramuros da universidade, interfere as mentes dos pesquisadores... E, sabemos, conciliar uma pós-graduação com um emprego é uma tarefa nada fácil.

Já era abril e prendi as minhas atenções a uma oportunidade: um concurso para professor/a substituto/a na UNIPAMPA/Campus Jaguarão. Minha primeira participação nesse tipo de certame e estava eu, mais uma vez, com pensamento positivo, embora sem grandes esperanças. Lembrando de todos esses momentos, eu esboço um sorriso no rosto, pois chegam a ser engraçadas as coisas pelas quais passei e, também, as minhas atitudes perante elas. Ao final do dia, quando já havia terminado as provas didáticas do concurso, os professores da banca examinadora chamaram os candidatos para que fossem publicadas as notas e, conseqüentemente, o resultado. Estava eu, ali, naquela cidade que eu só havia estado de passagem, para atravessar a Ponte Mauá, naquele campus que eu acabara de conhecer, em uma sala de aula enorme, sentada na primeira fileira olhando para o chão. Nos três pontos avaliados, currículo, prova didática e entrevista, tive as notas mais altas. A minha espontaneidade não permitiu que eu não começasse a rir, rir sozinha. Acho que quase gargalhei, que falta de respeito com o concorrente! Quando é para ser, é!

Em junho, início do segundo semestre letivo de 2015, comecei a compartilhar estadia entre Pelotas e Jaguarão. Toda semana, eu fazia esse percurso, ficando três dias na Cidade Heroica e os demais na Princesa do Sul. Foi quando eu percebi, com ainda mais convicção, que a escolha pela pós-graduação foi acertada. Como eu muitas vezes disse: se sei fazer, não sei, mas é o que eu gosto de fazer e onde eu gosto de estar, em uma sala de aula, estar em contato direto com alun@s que, daqui a pouco, terão concluído a mesma formação que a minha e, espero, estarão tão motivados quanto eu. Nessa época, eu estava muito realizada, fazendo duas coisas magníficas: estava em sala de aula às vezes como professora e às vezes como aluna de doutorado. Mas, assim como tem se mostrado, precisava de um pouquinho mais de emoção: como conseguir articular disciplinas que eu estava cursando

enquanto aluna, disciplinas que eu estava ministrando enquanto professora (ambos os casos exigem empenho, preparação, leituras, realização de exercícios, dentre várias outras coisas) e uma tese – nessa altura, ainda um projeto de tese? Precisava cumprir os créditos do programa e precisava, da mesma forma, elaborar aulas, corrigir textos e exercícios. A tese pode aguardar um pouquinho, pensei. Poder, não poderia, mas foi preciso fazer com que ela ficasse para depois. E ficou e, enquanto isso, muitas disciplinas, muitos novos aprendizados, tanto aqui quanto lá. Estava eu com o coração partido e sentindo-me culpada: muito feliz, mas também muito triste.

Já no segundo semestre de 2016, eu começava a mostrar ares de cansaço não só pela carga horária exercida nessas duas atividades, mas também em virtude das viagens para ir e voltar. O tempo estava passando depressa e a tese ainda estagnada. Dentre essas, outras coisas fizeram com que a minha saúde mental entrasse em colapso novamente, mas agora de forma bem mais contundente. Já suspeitava de transtorno de ansiedade e síndrome do pânico, mas, por imprudência, somente procurei auxílio profissional e tive certeza dessa condição quando não consegui embarcar no ônibus que me levava a Jaguarão. Precisava organizar os pensamentos: preciso trabalhar em outra cidade, preciso frequentar aulas na cidade onde moro, preciso começar a produzir (enfim!) a tese e preciso conseguir sair de casa. É, não foi nada fácil.

Iniciava o meu último semestre letivo na UNIPAMPA e já rondavam, mais uma vez, algumas incertezas frente ao que fazer após o término de contrato, estando eu *sem lenço e sem documento*. Como se os céus tivessem se organizado a meu favor, no mês seguinte ao meu desligamento como professora substituta, eu já contava com o auxílio da bolsa CAPES – em virtude da seleção que fiz, para bolsista, em fevereiro de 2017. E, mais uma vez, quando é para ser, é! Enfim, eu poderia dedicar-me exclusivamente à tese. Já não havia mais créditos a cumprir (estavam todos finalizados), já não havia mais aulas para elaborar, já não havia preocupação em buscar qualquer fonte de renda para subsidiar-me durante o doutorado e meus queridos monstros, a ansiedade e o pânico, estavam sendo tratados. Momentos de tensão e calma, não parece um pouco cômico?

Tudo parecia relativamente sereno e tranquilo, não fosse o peso dos dois anos anteriores em que sequer redigi um parágrafo para a tese. Foi em maio de 2017 que iniciei os contornos da escrita e iniciei, com mais profundidade, as leituras do referencial teórico. Era necessário submeter o projeto ao exame de qualificação,

para o quanto antes possível. Acontece que o projeto, era um esboço de projeto, como eu o chamava, e somente tomou forma no início do ano letivo seguinte, em 2018, portanto. Em junho de 2018, ocorreu o exame de qualificação e muito ainda precisava ser feito, muito!

Quando no início da escrita deste texto, não mais o provisório, há pouco mais de um ano, minha intenção era a de escrevê-lo de maneira mais clara possível, utilizando todos os recursos de que disponho para tornar o conteúdo inteligível. Eu – e a minha pouca pretensão – gostaria que quem se deparasse com esta tese, independentemente de áreas de conhecimento, pudesse lê-la e tomá-la como fonte para algum conhecimento novo; que pudesse, com ela, esclarecer algum dado já conhecido, mas pouco aprofundado; que pudesse, enfim, entendê-la como eu a entendo... Perceber de outras formas as autoras e os autores aqui mencionados, mergulhar no problema desta pesquisa e fazer conexões com outros problemas, vê-la como estimuladora para pensarmos na potencialidade dos discursos. O sentimento ficou guardado, nas gavetas emperradas da mudança de planos. Meu amigo José, leitor dessas páginas antes mesmo delas serem finalizadas, disse-me em um de nossos encontros: “Mas tu não precisas escrever para que todos entendam. É uma tese!”, exclamou ele. E agora, José? Que fazer?

Com o passar do tempo no exercício solitário de reflexão, criação, leitura, entendimento e escrita, mudei a ideia inicial. O propósito passou a ser o de escrever um texto o mais sucinto possível, sem delongas, sem devaneios. Tarefa difícil para mim, que considero tão dependente das palavras para expressar-me, que as utilizo de todas as formas possíveis e inimagináveis para fazer-me entender. Questionadora e *pensante* por natureza, prolixa em demasia por força do hábito. Não tenho tempo. Como será? Farei, então, um texto para aqueles e aquelas que já conhecem o referencial teórico-metodológico? Produzirei capítulos engessados, os quais não me agradam, no modelo acadêmico, apresentando problema, objetivos, metodologia, referencial, análise e conclusão? Ao narrar essa ordem, já vem à mente o sumário com essa disposição... Pretendia desconstruir visões e vou permanecer nessas mesmas amarras? Sim, por estar sempre sozinha nos momentos de criação, falo comigo mesma, faço-me perguntas e, o pior, eu mesma as respondo. Retórica, meus amigos, a arte da retórica.

Lembro-me, nessa incerteza vã, das palavras do Jarbas quando lemos um dos capítulos, ainda para o exame de qualificação: “Teu poder de síntese é muito

bom”. Não concordo com a afirmativa, mas aceitei-a como um elogio. Pois bem. É uma tese, ou espero que seja, ao menos. Uni, portanto, as duas falas das duas pessoas que mais contribuíram com estes escritos e decidi redigir um texto simples, curto e objetivo. Pensei comigo: para quem já tem conhecimento sobre aquilo que falo, ótimo. Para quem não tem, vamos conversar pessoalmente – até porque falar sobre esta tese motiva-me bastante! É isso e ponto (e pronto, também)! A minha impaciência com extensão sem préstimo já se esgotara nesse percurso.

Assim, apresentei-lhes minha produção mais precisa que, embora enxuta, espero ter ficado compreensível e completa. Veja bem: não redigi essas páginas com o intuito de justificar-me, de apaziguar as expectativas. Foi uma maneira, apenas, de deixar que a minha escrita profusa tivesse ao menos um espaço, alguns parágrafos para recordação já que, ao que parece, tenho abandonado aos poucos essa forma. Ao quase término dessa jornada, é inevitável eu não retornar o pensamento para a caminhada que fiz desde o ingresso na graduação, há 11 anos. A escrita desta tese deve-se a todos esses anos, a todos esses momentos – e aqui somente relatei *en passant*. Muita coisa aconteceu, dos momentos difíceis a outros esplêndidos. Mesmo que tenha sido uma caminhada como muitas, como sabemos, de colegas, amig@s, foi a minha caminhada. E eu tenho muito orgulho dela. Lógico que não estive sozinha, meus amig@s, parceir@s e companheir@s, que tanto me deram suporte, todas as pessoas que contribuíram de alguma forma nesse percurso e com esta pesquisa foram fundamentais para que eu pudesse concluí-la. Ao que tudo indica, estou vivendo em mais um momento de baixa, sem saber muito o que fazer, ainda mais dadas as circunstâncias em que vivemos. Para onde for, para onde der, de qualquer forma, mesmo que a estrada entorte, mesmo que não queiram ouvir as minhas mazelas e a minha voz chinfrim... Eu vou até o fim.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Maneiras de compreender Lingüística Aplicada. *Letras*. Santa Maria, n. 2, pp.1-17, jul./dez., 1991. Disponível em: <https://goo.gl/V8dPSh>. Acesso em abr., 2018.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CALADO, Jorge. *Os limites da Ciência*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014.

CASTRO, Edgardo. *El vocabulario de Michel Foucault*. Un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAVALCANTI, Marilda Couto. A propósito de Linguística Aplicada. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 7, n. 2, pp.5-12, 1986.

CAVALCANTI, Marilda Couto. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em Linguística Aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. pp.233-252.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? In: PASCHOAL, M.S. de & CELANI, M.A.A. (Orgs.). *Lingüística Aplicada: Da Aplicação da Lingüística à Lingüística Transdisciplinar*. São Paulo: EDUC/PUC-SP, 1992.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês. & CAVALCANTI, Marilda Couto. (Orgs.). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; KOERICH, Rosana Denise; KUERTEN-DELLAGNELO, Adriana. *Introdução à lingüística aplicada – 2º Período*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008. Disponível em: <https://goo.gl/PVMzLM>. Acesso em: ago., 2016.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. O estatuto da Lingüística Aplicada no campo das ciências da linguagem e o ensino da escrita. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, pp.243-271, jul./dez., 2008.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio, MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2 Ed. 5 Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017. pp.15-30.

DAMIANOVIC, Maria Cristina. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.8, n.2, pp.181-196, jul./dez., 2005.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma lingüística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Editora Parábola, 2006, pp.44-65.

FABRÍCIO, Branca Falabella; BASTOS, Liliana Cabral. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro; PEREIRA, Tânia Conceição (Orgs.). *Discursos socioculturais em interação Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. pp.39-66.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística I – objetos teóricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, nov., 2001. pp.197-223.

FLORES, Valdir do Nascimento. Sobre “A unidade da lingüística”, sobre a lingüística e sobre o linguista. *Calidoscópio*. v.6, n.3, pp.157-159, set./dez., 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8 Ed., 2ª Tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização de Roberto Machado. 2 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE-MAIA, Newton. *A ciência por dentro*. 5 Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GESSER, Audrei; COSTA, Maria José Damiani; VIVIANI, Zélia Anita. *Linguística Aplicada*. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/nBZf1n>. Acesso em: ago., 2016.

GRABE, W. Applied linguistics: an emerging discipline for the twenty-first century. In: KAPLAN, R. B. (Org.). *The Oxford handbook of applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2002. pp.3-12.

KLEIMAN, Angela. Afinal, o que é Linguística Aplicada? *Intercâmbio*, v. 2, 1990. pp.22-31.

KLEIMAN, Angela. Introdução. E um Início: A Pesquisa sobre Interação e Aprendizagem. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 18, pp.5-14, 1991.

KLEIMAN, Angela. O Ensino de Línguas no Brasil. In: PASCHOAL, M.S. de & CELANI, M.A.A. (Orgs.). *Lingüística Aplicada: Da Aplicação da Lingüística à Lingüística Transdisciplinar*. São Paulo: EDUC/PUC-SP, 1992. pp.15-23.

KLEIMAN, Angela. O Estatuto Disciplinar da Lingüística Aplicada: O traçado de um Percurso. Um rumo para o debate. In: SIGNORINI, Inês. & CAVALCANTI, Marilda Couto. (Orgs.). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. pp.51-77.

KUHN, Thomaz. *A estrutura das revoluções científicas*. 5 Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

KUMARAVADIVELU, B. A Lingüística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp.129-147.

LATOUR, Bruno. A profissão de pesquisador: olhar de um antropólogo. In: *Conferência-Debate no Instituto Nacional da Pesquisa Agronômica*. Coleção “Sciences en questions” do Institut National de la Recherche Agronomique (INRA). Paris: 1994. 36p.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução de Ivone C. Benedetti. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LATOUR, Bruno. Entrevista com Bruno Latour: O objetivo da ciência não é produzir verdades indiscutíveis, mas discutíveis. In: SILVA, Juremir Machado da. *Jornal Correio do Povo*, março 2017. Disponível em: <https://goo.gl/kBUug3>. Acesso em ago., 2017.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

LEITE, Jan Edson Rodrigues. *Fundamentos de Lingüística*. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/mMm1JK> Acesso em: ago., 2017.

LENOIR, Timothy. *Instituindo a Ciência – A produção cultural das disciplinas científicas*. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2 Ed. 5 Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

MARTIN, Robert. *Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Afinal, o que é Linguística Aplicada? *Intercâmbio*, v. 2, 1990. pp.13-21.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. IN: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Lingüística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: ____ (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006b. pp.85-107.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (Orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. pp.55-71.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. In: ____ (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006a. pp.13-44.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. A “virada político-lingüística” e a relevância social da lingüística e dos lingüistas. In: CORREIA, Djane Antonucci (Org.). *A relevância social da Linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Linguística*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/JtHrXD> Acesso em: ago., 2017.

PENNYCOOK, Alastair. A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda Couto. (Orgs.). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. pp.23-49.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Lingüística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp.67-83.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da Lingüística Aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. pp.149-168.

REVEL, Judith. *Dicionário de Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ROCHA, Décio; DAHER, Del Carmen. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? *D.E.L.T.A.*, v.31, n.1, 2015. pp.105-141.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Perspectivas para os estudos sobre a linguagem na Virada do Milênio: o caso da Lingüística Aplicada. Mesa Redonda. *V Seminário de Teses em Andamento*. IEL/UNICAMP, 28 out. 1999. 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e Método em Michel Foucault: (im)possibilidades. *Cadernos de Educação*. Faculdade de Educação/UFPel. Ano 18, n.34, set./dez., 2009. Ed. Universitária: Pelotas.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. Problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. *Filosofia e Educação*, v.7, n.2, jun./set., 2015, Campinas/SP, pp.195-219

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da Linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.